

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE CIÊNCIAS NATURAIS E EXATAS
PROGRAMA DE PÓS - GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA**

Gustavo Herrmann

**GEOGRAFIA, LUGAR E LUGARES: O CASO DO PARQUE DA
REDENÇÃO EM PORTO ALEGRE-RS**

**Santa Maria, RS
2018**

Gustavo Herrmann

**GEOGRAFIA, LUGAR E LUGARES: O CASO DO PARQUE DA REDENÇÃO EM
PORTO ALEGRE-RS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós - Graduação em Geografia, na linha de pesquisa Dinâmicas Territoriais do Cone Sul, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção do título de **Mestre em Geografia**.

Orientador: Prof. Dr. Benhur Pinós da Costa

Santa Maria, RS
2018

Herrmann, Gustavo
GEOGRAFIA, LUGAR E LUGARES: O CASO DO PARQUE DA
REDENÇÃO EM PORTO ALEGRE-RS / Gustavo Herrmann.- 2018.
132 p. ; 30 cm

Orientador: Benhur Pinós da Costa
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa
Maria, Centro de Ciências Naturais e Exatas, Programa de
Pós-Graduação em Geografia e Geociências, RS, 2018

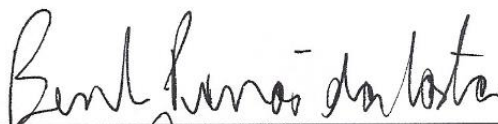
1. Lugar 2. Lugar de Sociabilidade 3. Mapas Mentais
4. Redenção I. Pinós da Costa, Benhur II. Título.

Gustavo Herrmann

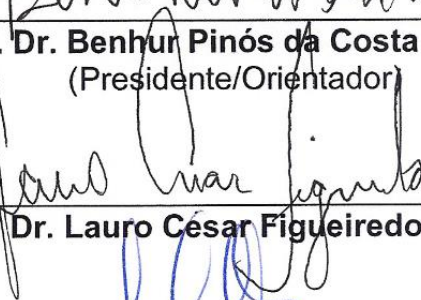
**GEOGRAFIA, LUGAR E LUGARES: O CASO DO PARQUE DA REDENÇÃO EM
PORTO ALEGRE-RS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós - Graduação em Geografia, na linha de pesquisa Dinâmicas Territoriais do Cone Sul, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção do título de **Mestre em Geografia**

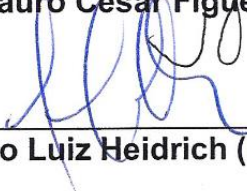
Aprovado em 26 de novembro de 2018:



Prof. Dr. Benhur Pinós da Costa (UFSM)
(Presidente/Orientador)



Prof. Dr. Lauro César Figueiredo (UFSM)



Prof. Dr. Alvaro Luiz Heidrich (UFRGS) - Parecer

Santa Maria, RS
2018

AGRADECIMENTOS

Agradeço

- à *Universidade Federal de Santa Maria, pelos anos de aprendizado e acesso ao ensino público, gratuito e de qualidade.*
- à *Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pelo auxílio financeiro que proporcionou as condições necessárias para realização desta pesquisa.*
- ao *Programa de Pós - Graduação em Geografia pela oportunidade de realizar minha pesquisa.*
- ao *meu professor e orientador Benhur Pinós da Costa, pelos anos de orientação, apoio e amizade.*
- aos *sujeitos colaboradores desta pesquisa, que sem sua voluntária participação não seria possível.*
- à *minha mãe Scheila Maria Pauli e meu pai Jacó Herrmann por acreditarem em mim.*
- aos *professores do programa de Pós – Graduação, pelas valiosas lições e por estarem sempre dispostos a dialogar e colaborar.*
- aos *colegas do LabEU, aos amigos, em especial a Brisa pelo apoio e incentivo e ao Douglas pelo auxílio na construção dos mapas.*

*“Ache as coisas belas tantas vezes quanto puder”,
ele escreve a Théo. “A maior parte das pessoas
não acha as coisas bastante belas.”*

David Haziot - Van Gogh (biografia)

RESUMO

GEOGRAFIA, LUGAR E LUGARES: O CASO DO PARQUE DA REDENÇÃO EM PORTO ALEGRE-RS

AUTOR: Gustavo Herrmann
ORIENTADOR: Benhur Pinós Da Costa

A pesquisa apresenta como recorte geográfico de estudo o Parque Farroupilha (popularmente conhecido como Redenção) localizado em Porto Alegre/RS. Atualmente o Parque agrega uma diversidade de áreas de lazer e também possui em seu trânsito interno uma ampla circulação de público em seus espaços, uma diversidade cultural de grupos sociais, que podem ou não interagir entre si, no momento que fazem uso dos espaços coletivos. Tendo em vista o dinamismo que apresenta o espaço do parque, perguntamos: quais as possibilidades da Geografia entender as relações afetivas de sujeitos sociais com determinados lugares? Em específico, quais os aspectos relevantes que emergem como relações afetivas do público com o “lugar” Parque Farroupilha (Redenção)? Além disso, quais as potencialidades metodológicas que a Geografia nos oferece para analisar estas relações afetivas com o/este lugar? O papel de um grande parque em uma cidade cosmopolita, sua importância para os sujeitos que nessa cidade vivem, são as áreas de lazer e os espaços que favorecem a socialização, a troca de informações, as experiências entre as pessoas que ali frequentam. É uma quebra da rotina do cinza da cidade com o verde da natureza, retomando aspectos intrínsecos da natureza humana da necessidade de estar em contato com o meio ambiente. Assim, toda a relação que o sujeito cria com o espaço que frequenta, com o lugar, produz um laço afetivo sentimental positivo (topofilia) ou negativo (topofobia) e a partir desse pressuposto, o objetivo principal do projeto toma sua forma, de compreender a relação que os sujeitos criam com a Redenção (nome popular dado ao Parque Farroupilha). O trabalho fará uso de mapas mentais como instrumento de análise. Estes mesmos proporcionam a capacidade de representação gráfica dos lugares onde frequentam as pessoas, neste caso, o parque Farroupilha. Denominamos lugares de sociabilidade estes locais de interação entre as pessoas que estão no parque, recorrendo ao conceito de sociabilidade. São representações mentais dos lugares que as pessoas trazem em sua memória através das experiências e vivências no espaço. Através das experiências e vivências neste lugar das pessoas que frequentam a Redenção, que se busca através de mapas mentais entender a relação afetiva que os frequentadores do parque podem ou não desenvolver com o lugar/espaço parque Farroupilha. A Geografia com sua vasta abrangência de estudo em diversos campos do conhecimento, e nunca se esquecendo de fazer a relação do “ser” com o espaço, levou a construção deste projeto que assim, traz à tona, no contexto da pesquisa Geográfica, um aporte de estudo que enfoca as relações humanísticas dos sujeitos sociais com o espaço. Procurando focar aspectos culturais e subjetivos que compõem o “ser” e “estar” espacial.

Palavras-chave: Lugar; Lugar de Sociabilidade; Mapas Mentais; Redenção.

ABSTRACT

GEOGRAPHY PLACE AND PLACES: THE CASE OF THE REDENÇÃO PARK IN PORTO ALEGRE, BRAZIL.

AUTHOR: Gustavo Herrmann
ADVISOR: Benhur Pinós Da Costa

The research presents a geographic cut of the Farroupilha Park (popularly known as Redenção) located in Porto Alegre/RS. Nowadays the Park adds a diversity of leisure areas and also has in its internal transit a wide circulation of the public in its spaces, a cultural diversity of social groups, that may or may not interact with each other when they make use of collective spaces. Given the dynamism that presents the space of the park, we ask: what are the possibilities of Geography to understand the affective relations of social subjects with certain places? In particular, what are the relevant aspects that emerge as affective relationships of the public with the "place" Farroupilha Park (Redemption)? Moreover, what are the methodological potentialities that Geography offers us to analyze these affective relations with this place? The role of a large park in a cosmopolitan city and its importance for the people living in this city are the areas of leisure and spaces that favor socialization, exchange of information, and experiences among the people who go there. It is a break from the routinely grayness of the city in contrast with the green of nature, taking back intrinsic aspects of human nature from the need to be in touch with the environment. Thus, the whole relation that the subject creates with the space that he/she goes to produces a positive affective bond (topfilia) or negative (topphobia) and from this presupposition, the main objective of the project takes its form to understand the relationship that the subjects create with the Redenção (popular name given to the Farroupilha Park). The work will use mental maps as an instrument of analysis. These provide the ability to graphically represent the places where people go. In this case, the Farroupilha park. We call "places of sociability" the places in which interaction between people who are in the park occur, resorting to the concept of sociability. They are mental representations of places that people bring into their memory through different moments and life experiences in space. It is around these experiences in this place of people who attend the Redemption that we search through mental maps to understand the affective relationship that park goers may or may not develop with the place/space park Farroupilha. Geography with its vast scope of study in various fields of knowledge, still ceases to forget to make the relation of being to space, which led to the construction of this project. That, in the context of Geographical research, brings a contribution of study that focuses on the humanistic relations of social subjects with space. Aiming to focus on cultural and subjective aspects that make up the "being" spatial.

Keywords: Place; Place of Sociability; Mental Maps; Redenção.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Mapa de localização da Redenção em Porto Alegre – RS.	12
Figura 2 - Organograma da pesquisa.....	24
Figura 3 - Parque sendo utilizado para evento.....	64
Figura 4 - Vista lateral do cachorródromo.	65
Figura 5 - Vista dos sujeitos no cachorródromo.	66
Figura 6 - Vista de praticantes de ioga no gramado da Redenção.....	67
Figura 7 - Vista do Recanto Budista.....	68
Figura 8 – Vista do Recanto Budista.	69
Figura 9 – Vista da lagoa e pedalinhos.	69
Figura 10 - Vista do chafariz central.....	70
Figura 11 - Vista da academia ao ar livre.....	71
Figura 12 - Vista do parque de diversões.....	71
Figura 13 – Vista de sujeitos na centralidade da Redenção.	72
Figura 14 - Vista de atividade realizada em um dos gramados da Redenção.....	73
Figura 15 - Vista da centralidade e chafariz da Redenção.....	74
Figura 16 - Vista de atividades e usos da centralidade da Redenção.....	75
Figura 17 – Espelho d’água.....	75
Figura 18 - Vista da prática de ioga na Redenção.	76
Figura 19 - Atividade e uso da Redenção.	77
Figura 20 - Evento na Redenção.....	77
Figura 21 - Prática de percussão musical na Redenção.	78
Figura 22 - Vista do cachorródromo.	78
Figura 23 - Vista de manifestação na centralidade da Redenção.	79
Figura 24 - Vista da prática de ioga na Redenção.	80
Figura 25 - Organograma sobre o processo metodológico.	82
Figura 26 - Mapa de localização da Redenção.	86
Figura 27 - Localização dos Lugares de Sociabilidade.	90
Figura 28 - Mapa mental A.....	91
Figura 29 - Mapa mental B.....	93
Figura 30 - Mapa mental C.....	93
Figura 31 - Mapa mental D.....	94
Figura 32 - Mapa mental E.....	95

Figura 33 - Mapa mental F.....	97
Figura 34 - Mapa mental G.....	97
Figura 35 - Mapa mental H.....	98
Figura 36 - Mapa mental I.....	100
Figura 37 - Mapa mental J.....	100
Figura 38 - Mapa mental K.....	102
Figura 39 - Mapa mental L.....	103
Figura 40 - Mapa mental M.....	104
Figura 41 - Mapa mental N.....	105
Figura 42 - Mapa mental O.....	106
Figura 43 - Mapa mental P.....	107
Figura 44 - Mapa mental Q.....	109
Figura 45 - Mapa mental R.....	110
Figura 46 - Mapa mental S.....	111
Figura 47 - Mapa mental T.....	112
Figura 48 - Mapa mental U.....	113
Figura 49 - Mapa mental V.....	114
Figura 50 - Mapa mental X.....	114
Figura 51 - Mapa mental W.....	116
Figura 52 - Mapa mental Y.....	117
Figura 53 - Mapa mental Z.....	118
Figura 54 - Mapa mental AB.....	119
Figura 55 - Mapa mental AC.....	120
Figura 56 - Mapa mental AD.....	121
Figura 57 - Mapa mental AE.....	122
Figura 58 - Mapa mental AF.....	123
Figura 59 - Mapa mental AG.....	124

SUMÁRIO

1.	INTRODUÇÃO	10
1.1	PRIMEIROS CONTATOS COM O OBJETO DE ESTUDO E PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO PRÉVIO SOBRE SOCIABILIDADE E LUGARES NO PARQUE REDENÇÃO.....	13
2.	CAPÍTULO I	26
2.1	LUGAR, SOCIABILIDADE E O LUGAR DE SOCIABILIDADE	26
2.1.1	A construção do conceito de lugar de sociabilidade	26
2.1.1.1	<i>Lugar</i>	26
2.1.1.2	<i>Sociabilidade</i>	29
2.1.1.3	<i>Lugar de sociabilidade</i>	33
2.2	GEOGRAFIA CULTURAL, FENOMENOLOGIA HUMANISTA E MAPAS MENTAIS	37
3.	CAPÍTULO II	49
3.1	ORGANIZANDO A CONSTRUÇÃO DE MAPAS MENTAIS EM LUGARES DE SOCIABILIDADE NO PARQUE DA REDENÇÃO EM PORTO ALEGRE – RS.....	49
3.2	INQUIETAÇÕES: O QUE TRAZ OS SUJEITOS A FREQUENTAREM O PARQUE DA REDENÇÃO?.....	53
3.2.1	Os conceitos de “modos de vida” e “estilos de vida” para melhor delimitar os lugares de sociabilidade	57
3.2.2	As fotografias provenientes das atividades de observação de campo como forma de identificar e delimitar os lugares de sociabilidade no parque da redenção	62
3.2.3	Organograma síntese do processo metodológico e delimitação dos três lugares de sociabilidade do parque da redenção: cachorródromo, a pracinha e o gramado central	80
4.	CAPÍTULO III	83
4.1	OS SENTIMENTOS DE LUGAR NAS REPRESENTAÇÕES DOS MAPAS MENTAIS DOS SUJEITOS EM TRÊS LUGARES DE SOCIABILIDADE NO PARQUE DA REDENÇÃO.....	83
4.1.1	Cachorródromo	90
4.1.2	Gramado	106
4.1.3	A pracinha	117
5.	CONCLUSÃO	125
	REFERÊNCIAS	129

1. INTRODUÇÃO

A importância de um grande parque, para os sujeitos que vivem em uma cidade cosmopolita, são suas áreas de lazer como espaços que favorecem a socialização, a troca de informações, as experiências, as vivências e o descanso relacionado a vida cotidiana. Isto representa a quebra da rotina do cinza da cidade, o que retoma aspectos intrínsecos da natureza humana, como a necessidade de estar em contato com o meio ambiente. Assim, toda a relação que o sujeito cria com o espaço que frequenta, com o lugar, poderá ou não produzir um laço afetivo sentimental positivo (topofilia) ou negativo (topofobia) e a partir desse pressuposto, o projeto toma sua forma: compreender a relação que os sujeitos criam com a Redenção (nome popular dado ao Parque Farroupilha). Aqui, surge a pergunta centralizadora da pesquisa, os sujeitos que frequentam a Redenção criam um vínculo com este parque?

Neste caso, o Parque Farroupilha, apresenta uma diversidade de usos - áreas de lazer, como o parque de diversões, os passeios a pedalinho, o Mercado do Bom Fim, o Café do Lago, a Feira Ecológica, o Recanto Alpino, o Orquidário, o Auditório Araújo Vianna, o Brique, o Recanto Europeu, o Recanto Oriental, o Recanto Solar, as quadras, o espaço para se jogar bochas, entre outras coisas. Enfim, todo o público que frequenta o parque tem uma coisa em comum: o seu uso, o qual, em determinados períodos, poderá ou não se criar um vínculo de afeto (topofilia) ou algum medo (topofobia).

Não se pode remeter o lugar, unicamente, a uma forma física materializada no espaço geográfico, mas, também, carregado de simbologias, de signos e de cultura, em sua abrangência e nas experiências pessoais que o irão fomentar como lugar. O próprio ato de sentir algum sentimento especial por um local, de torna-lo lugar, advém das experiências que o sujeito desenvolve ao longo do tempo em um espaço. Tanto experiências agradáveis como as desagradáveis, acabam produzindo relações sentimentais entre sujeito e espaço, construindo a designação de uma parte do espaço como lugar, pela qualidade sentimental atribuída a esta parte pelo sujeito, Tuan (1980), entende os sentimentos que aproximam as pessoas dos lugares como topofilias, assim como os que produzem repúdio, medo e afastamento como topofobias.

Desta forma, se busca compreender as relações das pessoas que frequentam o Parque Farroupilha e se elas desenvolvem esse laço afetivo com o mesmo, resignando-o como lugar. A ideia de lugar não é construída de um dia para o outro, leva-se algum tempo, do conjunto de experiências que o sujeito desenvolve nele.

Mas “sentir” um lugar leva mais tempo: se faz de experiências, em sua maior parte fugazes e pouco dramáticas, repetidas dia após dia e através dos anos. É uma mistura singular de vistas, sons e cheiros, uma harmonia ímpar de ritmos naturais e artificiais, como a hora do sol nascer e se pôr, de trabalhar e brincar. (TUAN, 1983, p. 203).

Propomos fazer esta leitura, que busca compreender a relação homem e espaço ou, neste caso, lugar. Para isso, os mapas mentais, como ferramentas de análise, são fundamentais para captar a subjetividade das pessoas que frequentam o Parque Farroupilha. “[...] um Mapa Mental é uma construção espacial elaborada ao longo do tempo a partir de informações do tipo mais variado, adquiridas de experiências vividas nos locais” (NOGUEIRA, 2014, p. 110).

O uso dos mapas mentais como um instrumento de análise advém do método fenomenológico, o qual valoriza o olhar do sujeito. Assim, os mapas mentais proporcionam a capacidade de representação gráfica dos lugares onde frequentam as pessoas, neste caso, a Redenção. São representações mentais dos lugares que as pessoas trazem em sua memória, através das experiências vivenciadas no espaço. Usamos este recurso como uma forma de linguagem que reflete o espaço vivido, representado em todas suas nuances, peculiaridades (KOZEL, 2006). Através das experiências e vivências das pessoas que frequentam a Redenção é que se busca, através de mapas mentais, entender a relação afetiva que os seus frequentadores desenvolvem com o lugar/espaço.

Como recorte geográfico, apresentamos nesta pesquisa, o estudo do Parque Farroupilha, localizado em Porto Alegre/RS. De acordo com Maciel (2014), o parque tem o início da sua história no dia 24 de outubro de 1807, quando foi doado pelo Governador Paulo José da Silva Gama, para fins de concentração do gado que era destinado aos matadouros desta vila. Localizava-se próximo ao portão de entrada da cidade, abrigando os carreteiros que comercializavam o gado da região. Era conhecido como Campos de Várzea do Portão e, depois, em outro momento, Campo do Bom Fim, devido à proximidade com a Igreja do Nosso Senhor do Bom Fim, no ano de 1867. Nos anos seguintes iniciavam-se os primeiros passos ao que

hoje conhecemos como Parque Farroupilha: no dia 7 de setembro de 1884, a Câmara propôs a denominação de Campos da Redenção, em homenagem à libertação dos escravos do terceiro distrito da Capital, registrando um significativo marco na história abolicionista da cidade. No início da década de 1930, durante a administração do Prefeito Alberto Bins, foi contratado o arquiteto e urbanista Alfredo Agache para elaborar um esboço de ajardinamento do Campo da Redenção (MACIEL, 2014). Após 5 anos, precisamente no dia 19 de setembro de 1935, o Campo da Redenção recebeu a denominação de Parque Farroupilha, através do Decreto Municipal 307/35. A Lei nº 1.582, de 20 de abril de 1956, proíbe a transferência da área no Parque Farroupilha (MACIEL, 2014). Podemos observar no mapa abaixo (Figura 1), o recorte da área de estudo com a localização da Redenção na cidade de Porto Alegre – RS.

Figura 1 - Mapa de localização da Redenção em Porto Alegre – RS.



Fonte: Sistema de Referência: Sirgas 2000. Org: Bouvier, D.; (2018).

O parque apresenta cotidianamente uma intensa circulação de pessoas em seus espaços, e uma diversidade cultural de grupos sociais, que podem ou não interagir entre si, no momento que fazem uso dos espaços coletivos. Esta caracterização ampla do Parque Farroupilha é de fundamental importância para compreender a proposta da pesquisa. Também salientamos que, no decorrer do texto, nos referiremos ao Parque Farroupilha por seu nome popular “Redenção”, devido ser de maior popularidade entre seus frequentadores.

Na próxima etapa iremos ter os primeiros contatos com o objeto de estudo, através da pesquisa exploratória, sendo uma proposta que busca compreender o campo de estudo, observar possibilidades, avaliar possíveis pistas etc. Procedimento que apresenta semelhança a perguntas semiestruturada, porém, menos rígida e com maior flexibilidade, perguntas e entrevistas que se mostram de forma mais aberta, que permitem um primeiro contato entre pesquisador e objeto de estudo.

1.1 PRIMEIROS CONTATOS COM O OBJETO DE ESTUDO E PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO PRÉVIO SOBRE SOCIABILIDADE E LUGARES NO PARQUE REDENÇÃO

O propósito dessa pesquisa é abordar o parque Redenção em uma perspectiva humanista, enfocando a afetividade, vivências e experiências dos sujeitos com o espaço. Além dessa relação teórica, foi produzido pesquisas exploratórias que permitiram construir o problema principal deste trabalho.

As entrevistas exploratórias possibilitaram manter um primeiro contato empírico com nosso objeto de estudo para melhor relacioná-lo com a teoria a ser discutida. Desta forma:

As entrevistas exploratórias têm, portanto, como função principal revelar determinados aspectos do fenômeno estudado em que o investigador não teria espontaneamente pensado por si mesmo e, assim, completar as pítas de trabalho sugeridas pelas suas leituras. (QUIVY; COMPENHOUDT, 1998, p. 69).

Como podemos notar, esta é uma proposta que pode se enquadrar dentro de um roteiro metodológico, uma primeira práxis da pesquisa. Este processo permite iniciar as primeiras lapidações a respeito do projeto, também poderíamos encarar como um planejamento antecipado, que se preocupa com problemas no futuro da

investigação feita pelo pesquisador. Assim, antecipando essas possíveis problemáticas da pesquisa, encaramos como testes e primeiras verificações esse nosso primeiro momento de práxis em campo.

Saliento aqui, como investigador da pesquisa em construção, que esta ideia surgiu da disciplina cursada no Programa de Pós-Graduação em Geografia, intitulada Seminários de Dissertação. Tal disciplina apresentou essa proposta para criar uma primeira noção do nosso projeto, como já dito no início desse capítulo.

Sendo assim, foram realizados alguns campos e entrevistas exploratórias, para compreender não somente o recorte de estudo, mas também a teoria de frente à prática da pesquisa. Discorreremos a respeito desse capítulo, encarando como um método. Neste primeiro caminho metodológico, sendo algo menos rígido e mais flexível, as entrevistas se mostram de forma mais aberta (QUIVY; COMPENHOUDT, 1998). Os autores argumentam que “as entrevistas exploratórias servem para encontrar pistas de reflexão, ideias e hipóteses de trabalho, e não para verificar hipóteses preestabelecidas.” (QUIVY; COMPENHOUDT, 1998, p. 70). Em nosso caso de estudo, estas entrevistas surgiram com a ideia de tentar explorar, de forma geral, como se apresentam as relações dos sujeitos que frequentam a Redenção.

Foram construídas várias perguntas iniciais, que chegaram a ser até doze, porém, notamos que eram perguntas em demasia para um momento exploratório. Assim, foi-se discutindo com orientador a necessidade de ser mais flexível na abordagem com os sujeitos, chegando a quatro perguntas-base, que objetivaram entender as qualidades básicas das relações dos sujeitos com a Redenção. A seguir irei descrever as quatro perguntas e o intuito o qual levou a elaboração de cada uma delas.

A primeira: “por que você frequenta a Redenção?”; Aqui buscamos entender, em um primeiro momento, “os por quês” do sujeito frequentar a Redenção e o que ele vem fazer “aqui” ou “lá”, ou seja, o que desencadeia o indivíduo a sair de casa e ficar pelo parque, frequentá-lo, etc.

A segunda pergunta: “você consegue identificar os motivos pelos quais as pessoas frequentam a Redenção? Quais seriam?”. Bom, se nossa primeira pergunta busca entender “os por quês” do sujeito frequenta o parque, aqui buscamos explorar o que este mesmo sujeito entende a respeito de outras pessoas que ali estão e se ele nota o motivo que as leva estarem ali. A partir disso, podemos tentar delimitar algumas finalidades que levam os indivíduos a estarem nesse lugar.

A terceira pergunta: “consegues notar usos específicos que as pessoas fazem do parque?”. Pode até parecer vaga essa pergunta, porém ela é perspicaz, pois a abordagem destes “usos específicos” é devida à grandeza do parque e a diversidade de grupos sociais que ele pode abrigar, não somente de grupos, mas a diversidade de pessoas que ali frequentam - fato que é comprovado através dos campos realizados. Abrindo um pequeno parêntese a respeito dessa situação, os momentos de perguntas exploratórias com os sujeitos também proporcionaram a realização de campos para conhecimento do recorte de estudo da pesquisa.

Por fim, a quarta pergunta: “E onde, aqui no parque, você localiza essas atividades/usos? Em quais lugares do parque estão localizados?” Com esta pergunta, continuamos a explorar o motivo que leva as pessoas para o parque e a lógica nos leva a formular afirmações como: “se as pessoas vão para a Redenção, tem um motivo”. Essa nossa quarta pergunta tenta verificar as atividades e usos que as pessoas dão ao parque, assim como enfocar quais os locais da Redenção em que isso acontece. O parque possui uma grande área, assim, através do conhecimento do sujeito que já frequenta este lugar, analisando onde estão localizadas as pessoas, verificamos os possíveis motivos que as levem a ocuparem esses espaços, podendo ser específicos ou não.

Podemos avaliar que, este primeiro momento da construção das perguntas exploratórias auxiliaram pensar a pesquisa ao longo do seu desenvolvimento. A seguir, iremos discutir algumas entrevistas exploratórias realizadas na área de estudo, a Redenção.

Com a possibilidade que as entrevistas exploratórias permitem de serem mais flexíveis e abertas, sem tanta rigidez, algumas entrevistas foram feitas ou respondidas por grupos, ou seja, eram grupos de amigos ou casais, que preferiam responder em conjunto. Esse fato não ocasionou problemas, pois remeteu a possibilidade de alguém do grupo ou casal lembrar-se de algo que outro não lembraria, permitindo maior oportunidade de explorar e coletar mais informações referentes às perguntas. Por outro lado, também foram realizadas entrevistas com sujeitos individuais, não tornando mais ou menos importante que qualquer outra entrevista realizada.

Para não se tornar repetitivo à medida que iremos descrevendo sobre o que aconteceu em cada entrevista, com perguntas e resposta, salientamos que algumas situações foram realizadas de forma mais padronizada. O que seriam essas

situações? Bom, primeiramente a apresentação do pesquisador com o entrevistado. Esse primeiro momento o pesquisador se apresentou de forma cordial, cumprimentando o(s) entrevistado(s), explicando o motivo de estar ali fazendo essa abordagem, salientando ser estudante de Geografia, realizando Mestrado, e, de forma bem genérica, explicando seu projeto de pesquisa.

O ato de realizar a abordagem do(s) entrevistado(s) se inicia, primeiramente, com uma caminhada pelo parque, seguindo alguns trajetos de forma aleatória, como se fosse apenas mais um sujeito presente a fazer uso do espaço, “reconhecendo” o ambiente. A forma de abordagem na escolha de quem seria entrevistado foi aleatória, sem distinção de gênero, de idade, se estava acompanhado ou não ou até podendo, inclusive, estar em grupos. Mesmo escolhendo de forma aleatória os entrevistados, mentalmente o pesquisador traçou uma estratégia. Este plano baseava-se em escolher pessoas que estavam espalhadas pelo parque, porque o parque possui uma grande área e a ideia seria entrevistar pessoas desses espaços variados. São espaços variados, porém não delimitados, propiciando que o público se espacialize de formas diferentes, por todo o parque. Buscamos entender porque os sujeitos estariam nesse local e, também, se eles conseguiriam observar outros espaços nos quais as pessoas se localizavam, como já foi ressaltado. Em relação a essas primeiras entrevistas exploratórias, iremos apresentar, nos parágrafos seguintes, as respostas referentes a cada pergunta e explicar algumas peculiaridades de cada entrevistado, criando notas de rodapé para certas observações do pesquisador referente à entrevista, para ajudar o leitor a compreender e se localizar. Ao final desse capítulo, iremos realizar a conclusão, discutindo esse processo e como ele refletiu em sua totalidade.

Essas situações descritas anteriormente nos levam a primeira entrevista, realizada com um casal. A primeira pergunta gerou as seguintes respostas: “lazer, por ser capital”; “natureza”; “encontrar amigos”. Este foi um casal não morador da cidade de Porto Alegre, mas de outra cidade da região metropolitana, por isso a resposta referente à “por ser capital”. A segunda pergunta: “esportes”; “trazer cachorro”; “manifestação artística”. A terceira: “nada muito fora do comum”; “ioga”; “grupo de teatro [...]”. Por fim, a última pergunta nos revelou: “manifestação no arco” ; “cachorros em volta da fonte”; “esportes na parte da grama”; ‘corredor dos

banheiros' como lugar que o pessoal usa para beber; "parquinho da Redenção com as crianças"; "Brique¹ com ocorrência de eventos".

Novamente foi entrevistado outro casal que são moradores da capital e moram próximo ao parque. A primeira pergunta: "cachorrodromo²"; "amigos"; "tomar chimarrão". Também falaram que frequentam todo final de semana e possuem um cachorro. Segunda pergunta: "conhecer o Brique"; "ioga"; "grupo de idosos". Terceira pergunta: "*slackline*³"; "grupo de teatro"; "manifestações⁴". Também comentaram sobre certa vez verem uma mulher nua, que fez parte de uma apresentação de teatro que ocorreu no parque. Quarta pergunta: "teatro pelo meio". Esta expressão "pelo meio" é referente a ser mais centralizado no parque, onde ocorre um suposto maior movimento. Também falaram sobre "capoeira no Expedicionário⁵"; "*slackline* onde tiver árvores"; "cachorros 'aqui'"; "encontros à noite (serenata⁶ da Redenção)"; "o chimarrão não tem lugar (sem lugar fixo)". Referente ao "cachorro aqui", estavam na área a qual denominam "cachorródromo", onde o pessoal que possui cachorros os levam para brincar e passear. Sobre o chimarrão é devido a maleabilidade (pois apenas necessita térmica com água quente a cuia com a erva, como objetos simples de serem carregados para qualquer lugar do parque) que esta ação permite, podendo se realizar em qualquer parte da Redenção.

A terceira entrevista exploratória ocorre com um grupo de amigos: quatro amigos sentados em um banco próximo ao Espelho da Água⁷. Primeira pergunta: "lazer"; "reunião"; "caminhar"; "parada gay". A Parada Gay foi um evento já realizado na Redenção, como iremos verificar. O parque já abrigou outros eventos também, relativos a manifestações políticas, que, por ventura, ainda não apareceram nas entrevistas. Segunda pergunta: "esporte"; "ponto de droga"; "cachorros"; "teatro no Araújo Viana⁸"; "para fotografias (books fotográficos)". Terceira pergunta: "Ponto de encontro de homossexuais"; "serenata"; "ocupações". Quarta pergunta: "lazer no chafariz"; "corrida ao redor do parque (8km de perímetro)"; "no Espelho d'Água mais

¹ Brique da Redenção: pequena feira com barracas que vendem uma diversificada gama de objetos (artesanais, antiquários etc.).

² Cachorrodromo é um dos espaços do parque que ganhou esse nome, pois, as pessoas que possuem cachorros tendem a se concentrar nesse local.

³ Um esporte o qual consiste em manter o equilíbrio sobre uma fita.

⁴ Referente a qualquer ato, manifestação pública, a Redenção seria usada como ponto de encontro e início de atos públicos.

⁵ Arco do Expedicionário está presente na entrada frontal do Parque Farroupilha.

⁶ Serenata é um evento que ocorre de forma esporádica que promove a ocupação do espaço público.

⁷ Elemento arquitetônico que está localizado na centralidade do parque.

⁸ Espaço fechado que está dentro do parque, que pode abrigar eventos em geral.

peças e atividades”; “também na frente do Arco (do Expedicionário)”; “perto do taquaral com encontros noturnos ‘das gays’”. Já podemos observar alguns usos/atividades que os sujeitos realizam no parque, não somente por essa entrevista, mas também devido as anteriores.

A quarta entrevista também foi realizada com outro casal. Na primeira pergunta começaram dizendo que é um “oásis no meio do caos”, além disso, as expressões citadas foram: “relaxar”; “tocar instrumento (musical)”; “ler”; “escrever”; “conhecer pessoas interessantes”. Segunda pergunta: “localização/central⁹”; “ponto de encontro”; “*point* da galera”. Os motivos pelos quais outras pessoas frequentariam seriam: “malabares”; “cachorros”; “usar/vender/comprar drogas”; “quentão”; “entrevistas”; “pipoca”; “exercícios”; “chimarrão é clássico na Redenção”; “paquerar”; “namorar”; “conhecer pessoas”. Terceira pergunta: “já aconteceu estupro”; “árvores que caí”; “polícia é raro de se ver”. Esta última resposta não representa um uso específico, provavelmente os entrevistados confundiram em relatar situações raras que já aconteceram no parque ou particularidades, enfim, toda informação foi bem vinda para reconhecer a área de estudo, através dos sujeitos que o frequentam. Quarta pergunta: “Por tudo”; “espelho¹⁰ mais habitado”; “cachorros no cachorródromo”; “outro lado¹¹ os dos malabares”.

A quinta entrevista foi realizada com um homem que estava sozinho sentado em um dos bancos públicos que fazem parte do parque. A primeira pergunta: “moro em apê, a Redenção a gente vê o mundo”; “Sol”; “alegria”; “caminhada”; “corrida”; “conversar com amigos e se exercitar”. Segunda pergunta: “encontrar amigos”; “Sol”; “fazer amizades”; “ponto de encontro de amigos”. Terceira pergunta: “os jovens tocam violão, na ponta onde tocam violão/cantam”. Em relação novamente a localização, essa “ponta” é uma resposta um tanto vaga, pois é possível notar essas atividades por todo parque, e o entrevistado não especificou onde ocorre. Quarta pergunta: “pracinha”; “equipamentos na educação física¹²”; “muita corrida no campo de futebol¹³”. E, ainda, sobre a questão referente à pergunta quatro, ele respondeu:

⁹ Essas respostas são devido a localização geográfica do próprio parque referente à cidade.

¹⁰ Espelho d’Água.

¹¹ É referente à posição que eles estavam, indicando que mais afastado deles, pessoas realizam malabares.

¹² Foi referente à academia ao ar livre que o parque apresenta.

¹³ O parque também apresenta quadras de esporte, como o futebol que permitem espaços para realizar corridas também.

“ano todo com e sem chuva”. Isto é alusão à frequência das pessoas no parque para suas atividades.

A sexta entrevista foi realizada com um indivíduo que também estava sozinho no parque. A primeira pergunta: “moro próximo, moro entre o Parcão¹⁴ e a Redenção”. Mesmo que essa resposta não feche exatamente com a pergunta, ela apresenta alguma informação a respeito da preferência pela Redenção, e, em seguida, ele finaliza dizendo: “mais amigos” em relação à frequência da Redenção. Segunda pergunta: “árvores”; “sair da poluição”; “sair do barulho”; “evitar poluição sonora”; “ar puro”. Acreditamos que é possível interpretar que, até mesmo quando é referente a outras pessoas, o sujeito também possa se enquadrar dentro das próprias observações pelas quais o levam a frequentar o parque, mesmo que não possa estar devidamente explicitado. Terceira pergunta: “gente vende droga”; “ficar em paz”; “passear com o cachorro”; “lazer”. Quarta pergunta: “área do cachorródromo”; “no Brique”. O entrevistado também disse que evita áreas de barulho, o que leva a nossa reflexão referente à pergunta dois e sua resposta.

Sétima entrevista, novamente um sujeito que estava sozinho no parque. Primeira pergunta: respondeu que “gosta de praças e lugares tranquilos”, pois mora em “apartamento e não tem opção”. Segunda pergunta: “maioria mora em apê¹⁵”; “tem animais”¹⁶; “espaço para sair do apartamento”; “fazer esportes”; “bicicleta”; “caminhar”; “correr”. Terceira pergunta: “ler”; “conversar”; “tomar chimarrão”. Quarta pergunta: “tomar chimarrão”; “mais próximo ao espelho¹⁷”; “socializar nos barzinhos¹⁸”; “grupos de jovens”; “ioga”.

Oitava entrevista: pessoa estava apenas com o seu cachorro. Primeira pergunta: “principalmente para trazer os cachorros para passear”; “falou que frequenta mais no final de semana”; “moro perto” e “quintal do meu apê”. Segunda pergunta: “para lazer”; “passear e curtir a natureza”; “relaxar”; “desestressar”. Terceira pergunta: “passear com os animais”; “passear no Brique”; “feirinha”¹⁹; “encontrar amigos”; “praticar esportes”; “tomar chimarrão”; “show”. O entrevistado

¹⁴ Outro parque público de Porto Alegre.

¹⁵ Indicando que maioria das pessoas mora em apartamentos.

¹⁶ Assim o parque seria um espaço para passear com seus animais.

¹⁷ Espelho d'Água.

¹⁸ O parque apresenta alguns barzinhos em sua proximidade.

¹⁹ A rua que faz frente ao Expedicionário, possui uma feira aos sábados, mesmo local do Brique.

também salientou sobre o “parque ser mais popular²⁰”. Quarta pergunta: “passear em quase todo o lugar”; “cachorrodromo”; “esportes”; “famílias por todas as partes²¹”.

Nona entrevista: um indivíduo que também não estava acompanhado. Primeira pergunta: disse que vem ao parque por causa do Brique, trazer o cachorro para passear e também o entende como um “lugar tranquilo”. Segunda pergunta: “os mesmos²²”; “praticar esportes”; “parte que abrange comércio²³”; “diversidade muito grande”; “exposição”. Terceira pergunta: “galera²⁴ do rock”; “LGBT”; “maior parte da população vem”. O sujeito disse que o parque também está bem centralizado na cidade e é de fácil acesso. Quarta pergunta: “lugar ‘aqui²⁵’ se concentra mais (no Espelho d’Água)”; “na parte do pórtico²⁶ LGBT”; “pessoal do rock mais próximo do arco a sua direita²⁷”; “a cachorrada aqui atrás”, mostrando a área do “cachorrodromo”.

Na décima entrevista: a entrevistada também estava sozinha. A primeira pergunta: “lazer”; “bem estar”; “cultura”; “encontrar amigos”; “conviver com a diversidade”; “conviver com pessoas que pensem diferentes²⁸”. Segunda pergunta: “para praticar esportes”; “feira orgânica”; “artesanato²⁹”. A terceira pergunta e a quarta, foram ignoradas, o sujeito comentou sobre morar próximo do Parcão, mas que tinha preferência por vir para Redenção.

E por fim, a décima primeira entrevista, feita novamente com um casal. Primeira pergunta: “lugar agradável”; “lugar com grama”; “com verde”. Segunda pergunta: “fugir da cidade”; “que tomam chimarrão”; “passear com cachorro”. Terceira pergunta: “maioria vem tomar mate³⁰”; “passear”; “trocar uma ideia”; “banho

²⁰ Popular é referente a popularidade entre as pessoas de Porto Alegre não apresentando distinção de classes sociais.

²¹ Referente a quantidade de famílias que frequentam o parque, se apresentando como um ambiente familiar também.

²² É devido a primeira pergunta, fazendo uma repetição dos motivos.

²³ Pequeno comércio informal presente dentro do parque, ex: pipoqueiros.

²⁴ Grupo específico que se identifica com o estilo musical rock e usa o parque como ponto de encontro.

²⁵ Indicando o Espelho d’Água.

²⁶ Expedicionário.

²⁷ É próximo aos banheiros públicos, o local de encontro.

²⁸ Aqui apenas podemos supor em relação a diversidade que o parque apresenta.

²⁹ Relativo ao próprio Brique.

³⁰ Termo equivalente a tomar chimarrão.

no chafariz³¹". Quarta pergunta: a resposta ficou meio vaga, apenas falaram que observam as atividades se localizarem mais próximas do Espelho d'Água.

Como foi dito no início desse capítulo, precisamente antes de relatar as entrevistas exploratórias, agora concluiremos o que foi visto nessas onze entrevistas. Conseguimos observar os motivos pelos quais as pessoas frequentam o parque e o que as leva a saírem de suas casas e apartamentos, inclusive da cidade vizinha, no caso de quem mora na área metropolitana. Também o que levam as outras pessoas a realizarem o mesmo em relação ao próprio parque - quando dito as "outras" é a partir do olhar do sujeito que frequenta o parque, o que ele imagina que outros também venham fazer na Redenção.

Esse primeiro contato com o recorte da área de estudo, de contato com os sujeitos do parque, permite fazer reflexões de tomada de decisões que podem ser pensadas mais à frente, no desenvolvimento da pesquisa. Aqui buscou-se fazer essa primeira exploração de informações, tentando entender um pouco da relação sujeito e parque. Foi possível observar inúmeras atividades que as pessoas realizam na Redenção, motivos que levam as pessoas a estarem "ali". Surgem pontos como ligação com a natureza, fuga da urbanização, ponto de encontro, espaço para socializar. Contudo, concluímos que não é apenas um parque e uma área verde que está presente no meio da cidade; não é apenas um rompimento de uma escala *pantone* de cores do cinza para verde e voltando para cinza: é um espaço que abriga inúmeras possibilidades de ações concretas materiais e imateriais.

O que ficou evidente são as possibilidades que a Redenção permite em realizar atividades e usos variados. Dentre esses usos destaca-se alguns que apareceram nas falas de forma mais recorrente, como o espaço para cachorros ou o "cachorrodromo", as atividades teatrais, o encontrar os amigos e o lazer de uma forma mais geral. Também, observa-se a busca de um espaço mais tranquilo ou um contato com a natureza e meio a cidade. Esses elementos contidos nas respostas provenientes das entrevistas exploratórias indicam que o parque é, principalmente, um espaço caracterizado por usos referentes as diversas sociabilidades.

Salientamos que, esta proposta inicial de entrevistas exploratórias serviu para encontrar o que discutiremos no próximo capítulo: os lugares de sociabilidade. Ora, foram quatro perguntas que buscavam compreender os motivos pelo quais as

³¹ Esse último sim, algo muito particular, antigamente e principalmente no período de verão, algumas crianças moradoras de rua, se banhavam e brincavam no chafariz.

pessoas frequentam o parque e, ao mesmo tempo, onde ocorriam estas frequências na Redenção e o porquê elas se estabeleciam. Essas entrevistas ajudam a entender, não de forma limite, os usos do parque junto aos seus espaços.

Em vista do discorrido até então, enfatizemos que esta dissertação tem como objetivo geral entender as relações dos sujeitos com o lugar Redenção, essa relação compreendida a partir da perspectiva humanista pelo conceito de lugar. Compreender e entender as relações dos diferentes sujeitos e das diferentes sociabilidades na produção de sentimentos de lugar no parque da Redenção em Porto Alegre – RS.

Do objetivo geral, partimos para os objetivos específicos os quais serão numerados a seguir:

1- Reforçar a importância da Redenção para os sujeitos, evidenciando também a importância desse contato com a natureza, explorando o conceito de modos e estilos de vida, que levam os sujeitos a frequentarem a Redenção;

2- Entender quais são os grupos sociais e quais seus estilos de vida que estão presentes na redenção;

3- Observar as formas de sociabilidade que se desenvolvem no parque e quais as relações delas com este espaço;

4- Explorar novos conceitos dentro da ciência Geográfica, como modos e estilos de vida e a sociabilidade. Estes conceitos, os quais serão analisados posteriormente, serão chaves para o andamento do trabalho e seu desenvolvimento metodológico;

5- Reforçar novas possibilidades de pensar a Geografia em sociedade com outras ciências, como por exemplo será visto aqui, a Sociologia;

6- Organizar mapas mentais sobre as experiências vividas pelos sujeitos na Redenção nos lugares de sociabilidade;

7 – E por fim, analisar os vínculos afetivos que sujeitos pertencentes de determinadas sociabilidades estabelecem com o parque.

Assim, utilizando os conceitos de lugar, sociabilidade, modos e estilos de vida, atrelando os mapas mentais como ferramenta de análise para buscar estes resultados.

Nossa justificativa parte da importância de um grande parque para os sujeitos que vivem em uma cidade cosmopolita, ocorrência que transparece de forma acentuada na pesquisa exploratória, quando os sujeitos relatam usos e atividades

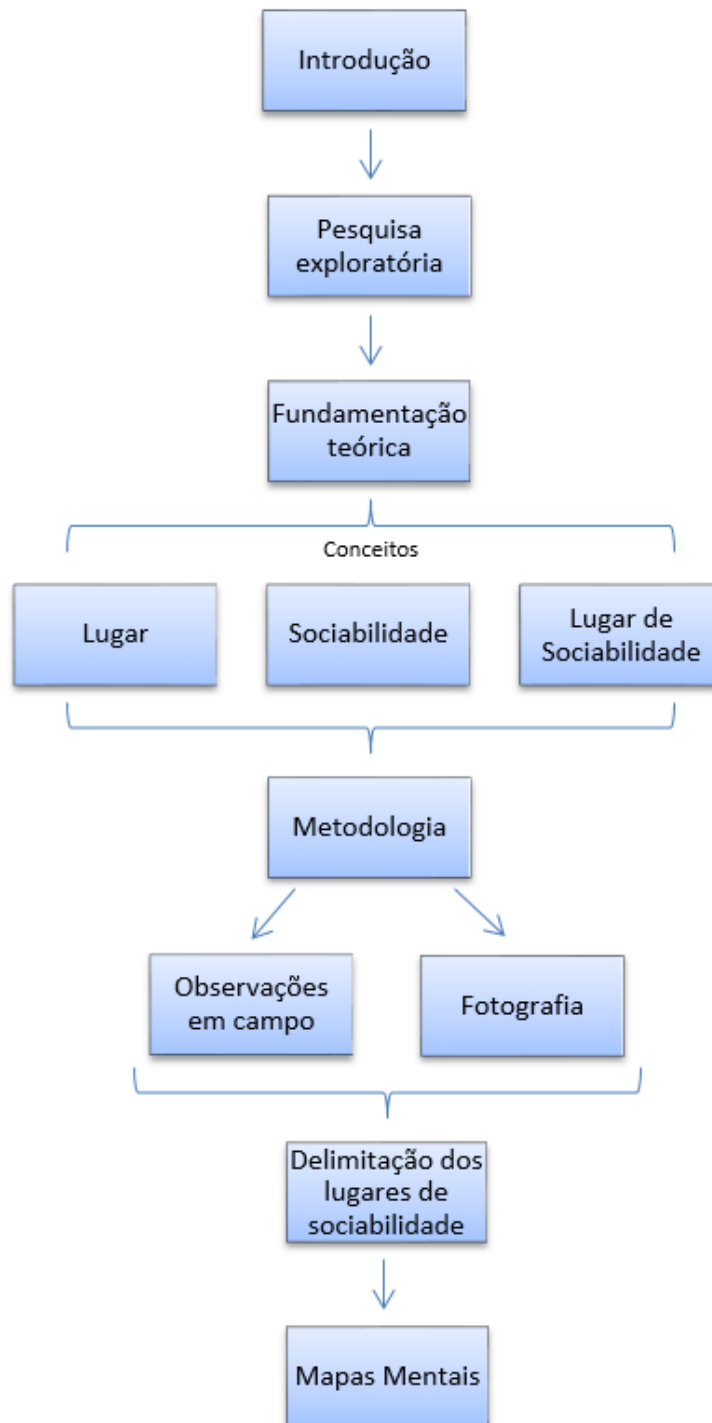
realizadas na Redenção atreladas a suas áreas de lazer como espaços que favorecem a sociabilidade e esta mesma, um facilitador para a troca de informações, as experiências, as vivências e também o descanso relacionado a vida cotidiana em uma capital, de um modo de vida urbanizado. Isto representa a quebra da rotina do cinza da cidade, o que retoma aspectos intrínsecos da natureza humana, como a necessidade de estar em contato com o meio ambiente. Assim, toda a relação que o sujeito cria com o espaço que frequenta, com o lugar, poderá ou não produzir um laço afetivo sentimental positivo (topofilia) ou negativo (topofobia) e, a partir desse pressuposto, o projeto tomou sua forma. Assim, a pesquisa está estruturando da seguinte forma (Figura 2):

No primeiro quadro, a introdução que inicia à apresentação do trabalho – apresenta justificativa, problemática, objetivos etc.; o segundo quadro, com a pesquisa exploratória, que possibilita um primeiro contato com o objeto de estudo; terceiro quadro, a fundamentação teórica para a construção dos conceitos utilizados - Lugar, Sociabilidade e Lugar de Sociabilidade, que serão discutidos posteriormente.

No quadro seguinte referente a metodologia, de que maneira o trabalho vai ser executado e seus procedimentos, e abrindo para mais dois quadros - das observações e fotografias, procedimentos para reforçar o próprio quadro metodológico. Assim, a partir dos procedimentos realizados, delimitar os lugares de sociabilidade e adentrar ao quadro final para a construção dos mapas mentais.

À vista disso, é possível compreender o encaminhamento que o trabalho pretende trilhar. Assim, será possível observar três capítulos: I, II e III. O primeiro apresentando os conceitos desenvolvidos de Lugar, Sociabilidade e Lugar de Sociabilidade ao final destes mesmos as bases conceituais que fomentam os estudos humanistas na Geografia, por fim promovendo o que viria no próximo capítulo. O segundo capítulo irá discorrer sobre a organização dos mapas mentais e encaminhamentos metodológicos, como também o desenvolvimento dos conceitos de modos e estilos de vida. E ao final do terceiro capítulo, que apresentará os resultados finais do trabalho, os mapas mentais e suas interpretações.

Figura 2 - Organograma da pesquisa



Org: HERRMANN, G.; (2018).

Desta forma, a Redenção proporciona variadas possibilidades de sociabilidade, ou seja, sujeitos fazem o uso do parque e de seus espaços

vivenciando e experimentando múltiplas formas de “encontro” socioculturais. Tais “encontros” conduzem a produção de vínculos afetivos com o espaço e produzem processos de “lugarização”. O lugar, aqui, tem forte sentido de produção vinculado a estes “encontros”, que denominamos sociabilidade. Assim, se torna importante entender como os sujeitos estabelecem vínculos afetivos com os lugares na perspectiva das relações de sociabilidade. Este trabalho se ocupa fundamentalmente disto, ou seja, de entender sentimentos de lugares atravessados pelo viés da sociabilidade. É por isso, que procuramos saber e delimitar determinados “lugares de sociabilidade” para entender efetivamente o sentimento de lugar na perspectiva do sujeito e seu íntimo. O processo de pesquisa e discussão teórica, necessita entender as ideias e as realidades dos “lugares de sociabilidade” para adentrar o mundo afetivo do sujeito para com o espaço. Justificamos entender os lugares do Parque da Redenção, pela confecção de mapas mentais de sujeitos imersos em seus “lugares de sociabilidade”. Como vimos nas onze entrevistas realizadas, muitas falas apresentam espaços que podem ser entendidas como referência tais “lugares de sociabilidade”. Assim, a Redenção é uma múltipla realidade de lugares e de sociabilidades imbricadas, que são importantes para gerar as experiências afetivas dos sujeitos. Isso vem de encontro com a proposta da dissertação que é de entender as relações dos sujeitos com a Redenção.

2. CAPÍTULO I

2.1 LUGAR, SOCIABILIDADE E O LUGAR DE SOCIABILIDADE

Neste capítulo, pretendemos construir o conceito de Lugar de Sociabilidade e posicionar a pesquisa vinculado a Geografia Humanista. Para a construção do conceito de lugar de sociabilidade, iremos discutir em três momentos outros três conceitos: No primeiro o conceito de lugar; No segundo momento a discussão a respeito do conceito de Sociabilidade; e ao final das duas discussões teóricas, a construção do conceito de Lugar de Sociabilidade. Para finalizar o capítulo iremos discutir a perspectiva humanista na Geografia e seu aporte filosófico pautada na fenomenologia.

2.1.1 A construção do conceito de lugar de sociabilidade

Texto argumentativo que de acordo com as pesquisas exploratórias, observa-se que existe uma relação de sociabilidade na construção dos lugares de convivência do parque. Assim, é necessário discutir este conceito perante conceitos bases de certa forma tão diferentes que são: Lugar e Sociabilidade. Para isso, iremos debater lugar e depois sociabilidade, para, por fim, organizar a ideia de lugar de sociabilidade.

2.1.1.1 *Lugar*

O estudo do lugar é de grande valia para a Geografia, a partir do aporte teórico cultural e humanista, ele confere a possibilidade de tentar compreender a relação que o homem cria com o espaço.

[...] a importância do “lugar” para a geografia cultural e humanista é, ou deveria ser, óbvia... Como em um único e complexo conjunto — enraizado no passado e incrementando-se para o futuro — e como símbolo, o lugar clama pelo entendimento humanista. (TUAN, 1974 apud HOLZER 1996, p. 141-142).

O conceito de lugar, em comparação às demais categorias geográficas, foi a que recebeu maior atenção por parte dos geógrafos humanistas (ENTRIKIN, 1980, apud GONÇALVES, 2010, p. 17). De acordo com Holzer:

A preocupação dos Geógrafos humanistas, seguindo os preceitos da Fenomenologia, foi de definir o lugar enquanto uma experiência que se refere essencialmente ao espaço como é vivenciado pelos seres humanos. Um centro gerador de significados geográficos, que está em relação dialética com o constructo abstrato que denominamos “espaço”. (HOLZER, 1999, p. 70).

É de grande importância e presença o diálogo referente ao lugar e o espaço vivido na Geografia. Segundo Holzer (1999, p. 69): “o ponto culminante do estudo geográfico é a descrição da Terra em ordem geográfica, no qual a chave está no conceito locacional de lugar”. Segundo o autor, o estudo dos lugares enfatiza o relativo, o cultural e a experiência histórica da humanidade em relação aos atributos físicos da área. Para Lukemann (apud HOLZER, 1999, p. 69): “o estudo do lugar é a matéria-prima da Geografia, porque a consciência do lugar é uma parte imediatamente aparente da realidade, e não uma tese sofisticada. Assim, o conhecimento do lugar é um simples fato da experiência”.

O estudo do lugar surge no início da década de 1970, com a Geografia Humanista, tendo a linha de pensamento caracterizada “[...] principalmente pela valorização das relações de afetividade desenvolvidas pelos indivíduos em relação ao seu ambiente.” (LEITE, 1998, p. 9). Não se pode remeter o lugar unicamente a uma forma física materializada no espaço geográfico, mas também carregado de simbologias, de signos e de cultura em sua abrangência e nas experiências pessoais, que o irão fomentar como lugar. Segundo Tuan (apud HOLZER, 1999, p. 70),

[...] o lugar, no entanto, tem mais substância do que nos sugere a palavra localização: ele é uma entidade única, um conjunto 'especial', que tem história e significado. O lugar encarna as experiências e aspirações das pessoas. O lugar não é só um fato a ser explicado na ampla estrutura do espaço, ele é a realidade a ser esclarecida e compreendida sob a perspectiva das pessoas que lhe dão significado.

Para Relph (apud LEITE, 1998), para a corrente humanista, o lugar é principalmente um produto da experiência humana e ele significa muito mais que o sentido geográfico de localização, mas tipos de experiências e envolvimento com o mundo, a necessidade de raízes e segurança. E, reforçado pelo texto de Leite (1998, p. 10):

Trata-se na realidade de referenciais afetivos os quais desenvolvemos ao longo de nossas vidas a partir da convivência com o lugar e com o outro. Eles são carregados de sensações emotivas principalmente porque nos sentimos seguros e protegidos (Mello, 1990); ele tanto nos transmite boas lembranças quanto à sensação de lar (Tuan, 1975; Buttimer, 1985a). Nas palavras de Buttimer (1985b, p. 228), “lugar é o somatório das dimensões simbólicas, emocionais, culturais, políticas e biológicas”.

Segundo Leite (1998, p. 10), a relação que as pessoas têm com o lugar só irá decorrer diante do interesse de seu uso, no entanto: “essa relação de afetividade que os indivíduos desenvolvem com o lugar só ocorre em virtude de estes só se voltarem para ele munidos de interesses pré-determinados, ou melhor, dotados de uma intencionalidade”. Desta forma, o lugar “só adquire identidade e significado através da intenção humana e da relação existente entre aquelas intenções e os atributos objetivos do lugar, ou seja, o cenário físico e as atividades ali desenvolvidas” (RELPH apud LEITE, 1998, p. 10).

Esta relação afetiva com lugar pode também não ocorrer. Segundo Leite (1998), uma pessoa pode ter vivido durante toda a sua vida em determinado local e a sua relação com ele ser completamente irreal, sem nenhum enraizamento. Em alguns casos, não há relação afetiva com o lugar. Segundo Tuan (apud LEITE, 1998, p. 11) “se leva tempo conhecer um lugar, a própria passagem do tempo não garante um senso de lugar. Se a experiência leva tempo, a própria passagem do tempo não garante a experiência”.

No momento que iniciamos um diálogo sobre o lugar na Geografia, não podemos cometer o engano de compará-lo com o espaço, cada um tem sua orientação epistemológica. O lugar está presente dentro do espaço³² que é um todo; uma totalidade do mundo. Segundo Leite (1998) “o lugar, conforme já discutido, é recortado afetivamente, e emerge da experiência”. Segundo Tuan (1983, p. 61) “O espaço fechado e humanizado é lugar”, já o espaço seria qualquer porção da superfície terrestre, ampla, desconhecida, temida ou rejeitada e provocaria a sensação de medo, sendo totalmente desprovido de valores e de qualquer ligação afetiva. Neste contexto, o lugar está contido no espaço. No entanto, as experiências nos locais de habitação, trabalho, divertimento, estudo e dos fluxos transformariam os espaços em lugares (LEITE, 1998).

³² Encaramos aqui espaço como categoria de análise.

Para finalizar, resgatamos o trecho de um livro que retrata muito bem a ideia de apego/afeto com o lugar, um conto do livro “A Manhã de Um Senhor”, do escritor Leon Tolstói (1988, p. 14):

- Paizinho, como podes comparar? - exclamou Tchurisenok com vivacidade, assustado com o fato de Nekliudov ter tomado definitivamente essa decisão. - Este é um lugar tranquilo e alegre, a que estamos habituados. Por aqui passa o caminho, temos um tanque em que lava minha mulher e em que bebem os animais... Estamos estabelecidos desde tempos imemoriais. Temos a nossa eira, o nosso horto... Estes salgueiros plantaram-nos o nossos pais. Minha avó e minha mãe entregaram aqui a sua alma a Deus; a única coisa que eu desejaria era terminar os meus dias nesta terra... Não peço mais, Excelência. Se te dignares arranjar-nos a isbá agradecer-te-emos muito... Mas, se o não fazes, podemos continuar na mesma. Toda a vida pediremos a Deus por ti, paizinho. Não nos tires do nosso ninho - concluiu, com uma profunda reverencia.

Este parágrafo do conto trata da possibilidade da família que vivia em uma “isbá³³”, em péssimas condições, receber uma nova casa de alvenaria em outro local. A família descarta a ideia, pois já tem um grande apego afetivo com o lugar onde mora, como local no qual os antepassados já moraram. O valor material não entra como prioridade, neste caso, mas sim o simbólico, o apego com a terra em que viveram tantos anos.

2.1.1.2 Sociabilidade

Como previsto no início desse capítulo, discutiremos o conceito de Sociabilidade, para posteriormente construirmos o conceito de Lugar de Sociabilidade. O conceito de sociabilidade surge nos estudos que envolvem o campo da Sociologia e, apresentando como expoente desse conceito, Georc Simmel (FRÚGOLI JÚNIOR, 2007).

Simmel observava e analisava a realidade social dando ênfase nas interações que a constituíam ou dela provinham. Para ele, a sociedade não podia ser analisada como sendo apenas composta por indivíduos, mas por indivíduos em interação, com outros indivíduos e com o meio. A importância conferida a essas relações é a base das ideias simmelianas. (CERQUEIRA, 2013, p. 59).

³³ Segundo o dicionário Priberam: “Casa rústica característica de certas zonas do norte da Europa e da Ásia, em especial da região da Rússia”. “isbá”, in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2013, <https://www.priberam.pt/dlpo/isb%C3%A1>. Acesso em: 19 fev. 2017.

Como podemos notar, Simmel teve uma preocupação com os estudos a respeito da sociedade e suas interações. É necessária esta reflexão sobre a sociedade, visto que, ela é formada por sujeitos e estes estão quase que em constante interação uns com os outros, em um espaço. Para entender mais profundamente a sociabilidade, faremos uma breve discussão sobre “Sociedade” e “Sociação”, que fazem parte da estrutura teórica para compreender, de forma mais clara, o que é Sociabilidade.

Para Simmel a Sociedade “[...] em geral, significa a interação entre indivíduos” (SIMMEL, 2006, p. 59). E estas mesmas interações entre os sujeitos seriam guiadas por impulsos ou pela busca de certas finalidades (SIMMEL, 2006). Estas finalidades seriam objetivos, que podem variar de inúmeras maneiras:

[...] impulsos religiosos, objetivos de defesa, ataque, jogo, conquista, ajuda, doutrinação e inúmeros outros fazem com que o ser humano entre, com os outros, em uma relação de convívio, de atuação com referências ao outro, com o outro e contra o outro, em um estado de correlações com os outros. Isso quer dizer que ele exerce efeito sobre os demais e também sofre efeitos por parte deles. (SIMMEL, 2006, p. 60).

Os sujeitos munidos desses impulsos e finalidades formam uma unidade – mais exatamente, uma “sociedade” (SIMMEL, 2006, p. 60). Podemos compreender que a sociedade, assim, se constrói pelas relações entre os indivíduos, através de seus impulsos e finalidades.

Compreendendo a ideia Simmeliana de sociedade, agora tratemos de entender a sociação, que faz parte do processo da sociedade.

A sociação é, portanto, a forma (que se realiza de inúmeras maneiras distintas) na qual os indivíduos, em razão de seus interesses – sensoriais, ideias, momentâneos, duradouros, conscientes, inconscientes, movidos pela casualidade ou teleologicamente determinados -, se desenvolvem conjuntamente em direção a uma unidade no seio da qual esses interesses se realizam. (SIMMEL, 2006, p. 60).

Ou seja, a sociação é o ato de acontecer a interação entre os sujeitos, nesse caso, a sociação está diretamente ligada a ideia de sociedade construída por Simmel. Mas o que seria a sociabilidade? Simmel (2006), apresenta esse conceito como o mais “puro” na interação entre sujeitos. Essa pureza a qual ele menciona, é pelo fato que a sociação é guiada pela “finalidade”, essa ação é munida de objetivos, quando isso ocorre, gera a interação e, respectivamente, a ideia de sociedade de

Simmel. Porém, na sociabilidade, estaria no ato de socializar sem as influências da matéria e conteúdo.

Aqui podemos compreender a matéria e conteúdo: “tudo o que existe nos indivíduos e nos lugares concretos de toda realidade histórica como impulsos, interesse, finalidades, tendência, condicionamento psíquico e movimento nos indivíduos” (SIMMEL, 2006, p. 60). O que vem de encontro com as próprias discussões do cotidiano “em-si” e “para-si” na Geografia. Nesse caso, Simmel (Loco citato), diria que tudo está de modo a “engendrar ou mediatizar os efeitos sobre os outros, ou a receber esses efeitos”. Enquanto o cotidiano se apresentaria como:

A característica do cotidiano seria a constituição da heterogeneidade social baseada nas funções diversificadas do trabalho e das instituições, cujos indivíduos apreenderiam sua posição pela necessidade de socialização e de sobrevivência no mundo mercantil moderno. (COSTA, 2016, p. 132).

Costa (2016), dialoga sobre a relação dos sujeitos com o cotidiano urbano. Mantendo a referência de Heller (1991), observa que o cotidiano é produzido por duas condições de determinação dos corpos ao conjunto de ações e relações diárias, cujos seus propósitos não são explicáveis e racionalizados como produção de pensamentos sobre os propósitos que os movem: o “em-si” e o “para-si”. O “em-si”, segundo Costa (2016, p. 132), apresenta-se “como as coisas materiais, as atividades a serem desempenhadas e os costumes apreendidos como normalidades”. O “para-si” como sintomas que “fugiriam da esfera do cotidiano porque os sujeitos não a exerceriam e não poderiam manipulá-las” (Loco citato). Aqui, podemos observar como se apresenta a matéria e conteúdo (pensando conteúdo como um fundamento da existência da matéria, ou um sistema ideal/ideológico/simbólico que determina a localização, a ação e relação diária dos corpos). Assim, a Redenção se apresenta como o “em si”, um parque que tem uma função na cidade, onde os sujeitos realizam atividades, “costumes apreendidos como normalidade”, como já averiguadas sobre os usos do parque nas entrevistas exploratórias. O “para-si” vem de encontro a realização dos próprios corpos na Redenção, para ir de encontro à determinadas atividades em que se crê que sejam usuais e comuns à todos e todas que lá estão. O “para-si” é a interação inesperada com outros sujeitos sem a intenção de acontecê-la, ou seja, pré-programada pelo senso comum. Por outro lado, a sociabilidade, como forma pura da relação

inesperada e que se dá no momento da interação dos corpos, estaria no subterrâneo das funções do parque, ou seja, afastadas das relações rotineiras do “em-si” e “para-si”.

Para Simmel (2006, p. 60): “essas matérias com as quais a vida se preenche”, as próprias motivações, não teriam natureza social. Salientando que esses se apresentam como a “fome, o amor, o trabalho, a religiosidade, a técnica” (Loco citato) a diferença que se nota é que no cotidiano é dividido em dois campos, e aqui, Simmel apresenta como um todo. E estes elementos citados por eles se apresentam como “[...] fatores de sociação apenas quando transformam a mera agregação isolada dos indivíduos em determinadas formas de estar com o outro e de ser para o outro que pertencem ao conceito geral de interação” (Loco citato). Ou seja, a sociação é a “forma”. E a partir da interação entra os sujeitos, estaria à base da sociedade humana (SIMMEL, 2006).

À medida que a sociabilidade, em suas configurações puras, não tem qualquer finalidade objetiva, qualquer conteúdo ou qualquer resultado que estivesse, por assim dizer, fora do instante sociável, se apoiaria totalmente nas personalidades. (SIMMEL, 2006, p. 66).

Neste trecho, seria questionado como a sociabilidade não sendo guiada por finalidades ou objetivos, seria a personalidade do ser, que levaria ao ato de interação entre indivíduos. Entende-se por personalidade a amabilidade, educação cordialidade e carisma, essas seriam características que marcam a vivência em comunidade (SIMMEL, 2006). Porém como já dito anteriormente, a sociabilidade seria o ato puro da interação, da socialização e: “Quando os interesses reais, em cooperação ou colisão, determinam a forma social, eles mesmos já cuidam para que o indivíduo não apresente especificidade e singularidade de modo tão ilimitado e autônomo” (SIMMEL, 2006, p. 66).

Observamos que a interação sofreria influências da personalidade, ditando regras, e isso, necessita ser superado. Pois como diz Cerqueira (2013, p. 60), a respeito das mesmas reflexões que estou a fazer sobre Simmel: “dentro dos limites da sociabilidade o indivíduo é regulado por ele mesmo e pelo respeito à individualidade do outro”. Assim sendo, Simmel (2006, p. 65) definiria a sociabilidade “como a forma lúdica da sociação”.

A sociabilidade tem como característica básica, desatrelar as ideias socialmente construídas de formas de interação. Cerqueira (2013, p. 62), contempla

dizendo que “em 1900, Simmel já afirmava que os maiores problemas na vida moderna derivavam das necessidades de cada indivíduo tentar preservar-se diante das pressões sociais, econômicas, culturais e históricas exercidas sobre ele ininterruptamente”. Ou seja, as pessoas mesmo sem terem a noção, são regradas por normas de sociação, assim, afetando a sociabilidade. Queremos dizer que a sociabilidade é uma forma pura de sociação entre os indivíduos, ao contrário das construções sociais referentes à interação, que afetam a própria sociação, produzindo, por outro lado, uma "identificação social externa" e isenta da riqueza das relações e fatos produzidos em sociabilidade própria.

2.1.1.3 *Lugar de sociabilidade*

Compreender a sociabilidade é importante para construir o conceito de Lugar de Sociabilidade. Como observamos anteriormente, a sociabilidade seria uma forma que leva a socialização sem “certas finalidades” ou objetivos, acontece no ato de ser prazerosa a interação. Assim, aqui caminhamos pela sociologia de Simmel em busca de usá-la como um aporte para fortalecer o conceito de Lugar estudado na Geografia.

Vejamus que a sociabilidade vem ganhando espaço nos estudos relacionado à sociedade, “Ao longo do século XX, o conceito de sociabilidade passou a ter usos e significados cada vez mais abrangentes, referindo-se a esferas como as relações cotidianas ou familiares, costumes, festas e rituais, encontros e etc.” (FRÚGOLI JÚNIOR, 2007, p. 23). Se existe uma abrangência nos estudos e nos significados, tentamos aqui introduzir mais uma, e nesse caso, busco fortalecer através da sociabilidade, o conceito de lugar para a Redenção.

Observamos anteriormente, que os sujeitos desenvolvem sua relação com o espaço e que através de suas experiências e vivências nesse espaço, se dá a construção do conceito de lugar. Partindo desse pressuposto, o parque sendo um espaço de sociabilidade poderia apresentar e se construir como um Lugar de Sociabilidade. Ou seja, um lugar que carrega o viés humanista desenvolvido por Yi-Fu Tuan, porém a relação afetiva com esse espaço teria a sociabilidade como o cimento para a relação topofílica entre sujeito e lugar. Ora, se nossas vivências e experiências, por mais que sejam singulares, ainda estão associadas ao convívio no

espaço e, sendo o parque público e de trânsito de pessoas, a sociabilidade poderia ser o elemento de ligação sujeito e lugar?

Não aprofundando a discussão sobre a dualidade que pode ou não existir a respeito da psicologia social ou individual, é interessante ressaltar como nós, seres humanos, somos seres gregários, como o autor salienta neste trecho:

Para Trotter (1919/1953), ao contrário, "o caráter mental gregário é evidente no comportamento humano, não só nas multidões (crowds) e outras circunstâncias de associação atual, mas também em seu comportamento como indivíduo isolado" e "a sugestibilidade humana não é o fenômeno anormal casual que frequentemente se supõe que seja, mas um instinto normal presente em todo indivíduo" (Trotter, 1919/1953, p. 25), o instinto gregário ou social. (NETO, 2000, p. 147).

Podemos verificar que os sujeitos, que para nós, são os frequentadores do parque, ou indivíduos como diria Simmel, teriam tendências a serem gregários, e isso, conduziria o ser humano a se relacionar. A Redenção, sendo um espaço público, possibilitaria espaços e áreas para a interação entre sujeitos.

Compreendemos assim, que é a relação subjetiva do sujeito com o espaço que irá possibilitar a ideia de lugar. Aqui pretendemos entender os sujeitos no parque, suas subjetividades, e se as sociabilidades fazem parte desse processo. Muller (2010, p. 19), sugere que: "[...] a partir do estudo da sociabilidade, é possível obter informações sobre os comportamentos culturais e as sociabilidades de um grupo determinado de indivíduos".

Sociabilidades é uma palavra-chave para o que discutimos, a construção do nosso conceito de lugar de sociabilidade, já que o lugar advém das experiências e vivências e, ao mesmo tempo, do vínculo que o sujeito irá desenvolver com o espaço e posteriormente, o lugar. Notemos que a sociabilidade e o lugar apresentam muitas semelhanças, Muller (2010, p. 20), afirma que: "O estudo da sociabilidade detém-se na análise das formas a partir das quais um grupo de indivíduos entra efetivamente em relação, considerando a dimensão afetiva – positiva ou negativa – como componente da interação social".

Nossos sujeitos são seres humanos gregários, como verificamos no início, e a sociabilidade é a forma pura da sociação. Ora, o sujeito pode adquirir experiências e vivências em diferentes meios - aqui usemos o senso comum - da nossa existência e, a cada dia que passa, estamos vivenciando situações, adquirindo experiência de vida. Ana Fani contempla a nossa proposta aqui neste trabalho, no seguinte trecho:

O lugar é produto das relações humanas, entre homem e natureza, tecido por relações sociais que se realizam no plano de vivido, o que garante a construção de uma rede de significados e sentidos que são tecidos pela história e cultura civilizadora produzindo a identidade. Aí o homem se reconhece porque aí vive. O sujeito pertence ao lugar como este a ele, pois a produção do lugar se liga indissociavelmente à produção da vida. (CARLOS, 2007, p. 67).

Se o “lugar é produto das relações humanas, entre homem e natureza, tecido por relações sociais”, poderíamos afirmar que a sociabilidade, ou o Lugar de Sociabilidade, seria um cimento, um pressuposto a mais para reforçar o próprio conceito de Lugar? A pergunta pode ou não ser retórica, mas aqui defendemos a sociabilidade como um elemento a mais para a construção do conceito de lugar.

Partindo da ideia de sermos seres gregários, que buscamos a socialização, e que a Redenção, sendo um espaço público, o qual se torna um facilitador para interações entre sujeitos, imbricadas ou não de uma finalidade, apresentamos os pressupostos que fomentam o nosso conceito de Lugar de Sociabilidade.

Nossos sujeitos, que frequentam a Redenção, podem carregar uma objetividade em dar uso ou fazer uso do parque, e talvez isso seja um fato inegável. O parque apresenta diversos espaços e estes são apenas os espaços já demarcados socialmente, que carregam um atributo material e uma simbologia social, mas, por outro lado, alguns podem ser maleáveis em seus usos, ou seja, apresentar funções diferentes para cada pessoa que “ali” frequenta e se relaciona.

O uso apresenta uma objetividade das relações dos corpos no espaço da reunião/encontro, mas, também, repleto de subjetividade vinculada as intensões de cada sujeito. A Redenção é um lugar de possibilidades como iremos observar, e existem sentidos comuns que levam as pessoas ao parque (encontrar amigos, curtir a natureza, exercitar-se, caminhar com a família). Entretanto, a sociabilidade não faz parte do senso comum, é algo construído nos propósitos subjetivos de cada sujeito, que se referem às referências das objetividades estabelecidas no parque. No entanto, muitos desses propósitos subjetivos e intencionais podem se esvaír por aquilo que apenas acontecem no momento da própria experiência objetiva, a sociabilidade pura. Que não é corpóreo, os sujeitos não tem conhecimento, apenas acontece, não é uma ação objetiva.

Se a sociabilidade remete à pureza da sociação, da interação entre os indivíduos sem a “finalidade”, estes espaços podem ser lugares de sociabilidade.

Esta ideia de lugar depende da subjetividade da relação do sujeito com o espaço, através das suas vivências e experiências, para adquirir o vínculo. Mesmo que os sujeitos estejam imbuídos de fazer uso de um dos espaços do parque em comum, não se anula a sociabilidade que ele pode apresentar, podemos verificar isso neste trecho:

Quando os homens se encontram em reuniões econômicas ou irmandades de sangue, em comunidade de culto ou bandos de assaltantes, isso é sempre o resultado das necessidades e de interesses específicos. Só que, para além desses conteúdos específicos, todas essas formas de sociação são acompanhadas por um sentimento e por uma satisfação de estar justamente socializando, pelo valor da formação da sociedade enquanto tal. (SIMMEL, 2006, p. 66).

Observamos que mesmo que o encontro possa carregar uma finalidade ou talvez um objetivo, é a satisfação de estar junto socializando que supera o próprio caráter imbuídos da finalidade. Vejamos como é definida essa, digamos, “superação” da finalidade por “impulso de sociabilidade”:

Esse impulso leva a essa forma de existência e que por vezes invoca os conteúdos reais que carregam consigo a sociação em particular. Assim como aquilo que se pode chamar de impulso artístico retira as formas da totalidade de coisas que lhe aparecem, configurando-as em uma imagem específica e correspondente a esse impulso, o “impulso de sociabilidade”, em sua pura efetividade, se desvincula das realidades da vida social e do mero processo de sociação como valor e como felicidade, e constitui assim o que chamamos de “sociabilidade” [*Geselligkeit*] em sentido rigoroso. (SIMMEL, 2006, p. 66).

Assim, chegamos ao nosso conceito de Lugar de Sociabilidade, mesmo que o parque e os espaços que ele abriga possam apresentar uma finalidade, nos apoiamos na ideia que o lugar só se constrói pela relação subjetiva do ser com o espaço. Assim, nesse caso, os lugares de sociabilidade, seriam espaços nos quais os sujeitos vivenciam e “experenciam”, mas que permitem a possibilidade de sociabilidade de Simmel, superando o próprio valor material³⁴ do lugar, até mesmo sua finalidade, pelo simples fato de poderem interagir com outras pessoas. Como somos seres gregários, a sociação poderá desempenhar um papel catalisador de

³⁴ Encarando esse valor material, devido aos espaços possuírem elementos que dão uma utilidade para o espaço em questão. Por exemplo: bancos, academia ao céu aberto, são elementos físicos que geram função ao espaço, o que podemos chamar também de uma finalidade.

experiências e vivências, assim, aumentando ou não a possibilidade de vínculo e a concepção do lugar.

2.2 GEOGRAFIA CULTURAL, FENOMENOLOGIA HUMANISTA E MAPAS MENTAIS

A Geografia, desde seu surgimento, vem ampliando o campo de seus estudos. Um reconhecido pesquisador desta área foi Friedrich Ratzel. Sua obra *Antropogeographie*, foi de fundamental importância para o desenvolvimento da Geografia Humana que se constituiria ao final do século XIX.

[...] edificou a base conceitual na qual se tem estruturado desde então a Geografia Humana em seu sentido restrito, um conjunto de categorias do meio físico – ordenadas a partir de conceitos abstratos de posição e espaço até os de clima e litoral – sua influência sobre o homem. (SAUER, 1997, p. 02).

Dentro desta área da Geografia Humana, é tratada como um segundo campo (Sauer relata sobre dois grupos na geografia moderna, o primeiro que se preocupa com o homem e sua relação com o meio e o segundo volta sua atenção para elementos da cultura material), a Geografia Cultural, que: “se interessa, portanto, pelas obras humanas que se inscrevem na superfície terrestre e imprimem sua expressão característica” (SAUER, 1997, p. 4). Assim, Sauer se ocupava de um aspecto material da cultura, atentando a produção de artefatos culturais e sua relação com o espaço (MARTINS; SILVA, 2007). Outros geógrafos também tiveram interesse em debater as relações da cultura com o espaço. Don Mitchell irá definir a Geografia Cultural como:

[...] precisamente o estudo de como relações sociais particulares interceptam processos mais gerais, um estudo centrado na produção e reprodução de lugares, espaços e escalas reais e as estruturas sociais que fornecem significados aqueles lugares, espaços e escalas [...]. (MITCHELL apud CORREIA, 2001, p.95).

Em um primeiro momento, a Geografia Cultural manteve como meta, estudos nos aspectos materiais das culturas, o vestuário, o habitat, os utensílios e as técnicas, ou seja, pretendia analisar os modos de existência dos grupos humanos. Alves e Alves (2008, p. 02) destacam em seu artigo que a cultura é: “[...] criadora de

identidades, de valores e de costumes que são incorporados dando sentido à vida individual e coletiva, tornando-se assim, indispensável para compreender como se dão as relações que dominam a vida dos grupos.

Em um segundo momento, a partir da década de 1970, há um crescimento de estudos referentes à cultura na Geografia, com novas influências e objetivos. Novos temas de pesquisas surgem como “a religião, a questão ambiental, a identidade espacial e a interpretação de textos e o espaço, imprimindo uma nova lógica que propõe a formação do indivíduo, à construção dos grupos e à configuração dos lugares” (CLAVAL apud ALVES; ALVES, 2008, p. 1). Os autores ainda salientam o artigo de Maria Geralda Almeida com seu trabalho intitulado “Em busca do poético do sertão: um estudo de representações”, expondo o seu trabalho da seguinte forma:

Neste artigo a autora expõe a questão do sertão nordestino, seus significados, o sertão como um espaço, uma paisagem, uma construção discursiva “o que se produz”, “que cria”, “que forma”, sertão/sertanejo enquanto paisagem e identidade. Em visões de diferentes autores, alguns que o conhecem bem de perto e outros que são considerados estrangeiros por mencionarem o sertão de forma aventureira. (ALVES; ALVES, 2008 p. 3).

A cultura dentre muitas conceituações que a possam contemplá-la, terá respostas com características semelhantes para a pergunta: “o que é cultura?”. Tentando explicá-la ou conceituá-la de forma mais genérica, a cultura é um conjunto de técnicas, atitudes, ideias, valores, conhecimento, formas artísticas que podem ser transmitidos/transferidas. Interessante a ideia que “algo” pode ser transferido: esse “algo” é inerente a qualquer pessoa. Possuímos e construímos conhecimento, ideias, atitudes, etc., que podem ser transmitidos/transferidos para outras pessoas ou grupos de pessoas. O meio pelo qual se é possível transferir a cultura são inúmeros, como: novelas (introduz uma forte cultura em que personagens que praticam o “mal” serão “castigados”, pela justiça ou com a morte), bandas de música (com visual estético, ideais tanto político quanto de ostentação), revistas (impondo maneiras de como se vestir), são alguns exemplos.

Mas não podemos tratar a Geografia Cultural como algo singular frente às outras geografias. Não podemos esquecer que a Geografia estuda a relação da humanidade com o espaço, neste sentido a humanidade é formada e também formadora da cultura, que transforma o espaço de maneiras diferentes.

Construir uma geografia cultural como um compartimento isolado da geografia não tem sentido: a construção duma sub-disciplina deste tipo tem um valor prático, mas o que é importante é entender o papel da cultura no conjunto dos fenômenos geográficos: daí o sentido da abordagem cultural na geografia. (CLAVAL, 2011, p. 14).

A Geografia cultural parte do pressuposto que, se o homem cria a cultura e ao mesmo tempo a mesma o transforma, essas transformações podem modificar tanto na singularidade de cada ser quanto a coletividade, fazendo parte também do desenvolvimento de uma identidade. Todas essas metamorfoses ocorrem sobre um espaço, que será alterado, transformado, materializado. Isto gera novas inquietações para os geógrafos, resultando novos meandros que a abordagem cultural na geografia estaria a levantar.

As ferramentas analíticas oferecidas pela abordagem cultural da geografia são usadas para interpretar a natureza das sociedades humanas. Cada grupo humano desenvolve uma cultura, no sentido que a cada momento, ele possui um conjunto próprio de práticas, atitudes, conhecimentos e crenças – mesmo se esse conjunto evolui e muda. (CLAVAL, 2011, p. 20).

E, complementando o final da citação, Claval ainda diz que a cultura “[...] aparece como uma realidade múltipla e em perpétua evolução”.

E se a Geografia Cultural daria os primeiros passos para novos vieses de estudo na Geografia, e como visto, por um caminho que envolve a cultura, a década de 1960 marcaria o início de um tempo, que hoje poderíamos verificar como uma corrente do pensamento geográfico; Geografia Humanista.

Na década de 1960, a Geografia Cultural passava por um período de renovação, o qual buscava novos meios e técnicas de análise geográfica. Partiria das discussões de John K. Wright e David Lowenthal, que abordaram trabalhos que tratariam uma perspectiva de análise voltada para vários modos de observação consciente e inconsciente, tanto objetivos e quanto subjetivos (HOLZER, 1996). Assim, explorando não somente a área cartesiana, objetiva, mas também a inconsciente, valorizando o subjetivo de cada sujeito, explorando através desse olhar, novos campos de estudo.

Esta corrente seguiria o contraponto do positivismo, na época instaurado nas pesquisas, que tinha sua ciência oriunda do profundo objetivismo. “Exigia de toda e qualquer ciência uma exatidão na explicação do mundo, uma profundidade e

especialização, que eliminava da pauta das ciências ditas humanas os aspectos subjetivos - considerados não científicos” (MELO, 2009, p. 2-3).

Esta renovação que ocorria no campo da Geografia é, segundo Melo (2009, p. 01): “[...] resultado de um processo longo de renovação e revisão de conceitos e bases filosóficas da Geografia cultural e histórica norte-americana”. Desta forma, estes aspectos relevantes devem origem à Geografia Humanista, que pretende desenvolver novos meios de análise do espaço, através de diferentes observações e olhar geográfico.

[...] algo que superasse o fundamento filosófico do positivismo clássico e seus instrumentos de pesquisa que não explicam a complexa realidade, só descrevia e quantificava os fenômenos, e por isso “Estabeleceu-se uma crise de linguagem e metodologia de pesquisa. O movimento de renovação vai buscar novas técnicas de análise geográfica”. (MORAES, 2003 apud MELO, 2009, p. 01).

O pesquisador Holzer (1996), em seu artigo intitulado “A Geografia Humanista: uma revisão”, relata:

Neste mesmo ano, Tuan (1961), baseando-se na obra poética de Bachelard (“La Terre et les Rêveries de la Volonté”, “La Poétique de L’Espace” e “L’Eau et lês Rêves”), propõe uma geografia dedicada ao estudo do amor do homem pela natureza, denominado por ele de topofilia. A geografia se dedicaria ao estudo das vivências, que se expandem do lar para paisagens mais amplas, da paisagem humanizada para os cenários mais selvagens. (HOLZER, 1993-2008, p. 138).

A partir deste momento se dá início ao processo de construção e os primeiros indícios para o que viria a se tornar a Geografia Humanista. Com o passar do tempo, Yi-Fu Tuan lançaria o livro intitulado “Topofilia” (1974) e, posteriormente, “Espaço e Lugar” (1977), que contribuiriam para a Geografia Humanista.

O contexto da época, década de 1960, mostrava essa necessidade de quebra do método positivista, o movimento dos *hippies*, da revolta estudantil e do questionamento feroz dos padrões culturais e políticos instituídos. Holzer (1996), retrata essa questão no seguinte parágrafo:

Um pequeno artigo de um geógrafo econômico (Parsons, 1969), é revelador deste clima geral de mudança, e permite uma ligação com o mundo acadêmico da geografia. Para o autor em questão, os jovens, naquele momento, não estavam interessados em uma geografia operacional e não acreditavam em leis mecanicistas ou em modelos de mundo. Seu interesse era pelos valores humanos, a estética e um novo estilo de vida. No caso da

geografia, dizia Parsons, o cientificismo e o economicismo que a dominavam eliminaram os valores morais e a subjetividade humana. Uma geografia que fosse ao encontro desses novos valores deveria basear-se em uma “aproximação humanística”, tendo como objeto a apreciação da paisagem enquanto ambiente natural e humanizado, o que contribuiria para a preservação e valorização do ambiente terrestre. (HOLZER, 1993-2008, p. 139).

Esse contexto social se voltava para uma preocupação maior com as relações humanas, que se intensificaram no período pós Segunda Guerra Mundial, e se introduzia no meio acadêmico da Geografia.

Para Tuan o objetivo do novo campo disciplinar não era se deter na exploração de um tema único, mas de fazer uma nova leitura de todos os temas geográficos, de construir o conhecimento científico, de modo crítico, procurando na filosofia um ponto de vista para a avaliação dos fenômenos humanos. (TUAN, 1976 apud HOLZER, 1996, p. 142).

Desta forma, a Geografia Humanista teve uma atenção maior para as relações humanas que ocorrem sobre o espaço geográfico.

Buscando uma maior compreensão dos ideais dessa linha de pensamento, a Geografia Humanista é definida por bases teóricas nas quais são ressaltadas e valorizadas as experiências, os sentimentos, a intuição, a intersubjetividade e a compreensão das pessoas sobre o meio ambiente que habitam, buscando compreender e valorizar esses aspectos. (ROCHA, 2007, p. 21).

E ainda:

A Geografia Humanista procura um entendimento do mundo humano através do estudo das relações das pessoas com a natureza, do seu comportamento geográfico, bem como dos seus sentimentos e ideias a respeito do espaço e do lugar. (TUAN apud ROCHA, 2007, p. 21).

A Geografia Humanista tem sua atenção voltada para um lado mais subjetivo do ser, não desprezando a forma racional, lógica, consciente da ação humana, mas inserindo atenção ao inconsciente. Preocupa-se, neste caso, com a relação afetiva, sentimental, simbólica que o homem pode ter com o espaço em que vive. Busca, nessa compreensão de mundo, um novo viés ao cientificismo acadêmico: a análise do espaço geográfico e do lugar ao qual está inserido o ser humano, enfatizando como procede sua vivência no espaço e suas relações sociais, como elas podem ou não se materializar no espaço. Relph (apud HOLZER, 1996, p. 142), enfatiza a

importância de “[...] examinar um fenômeno do mundo vivido — o lugar, e tentar elucidar a diversidade e intensidade de nossas experiências do lugar”.

Com estas novas possibilidades de analisar o espaço geográfico, precisamos também refletir sobre o uso de outras ciências para dar apoio teórico e nesse caso, metodológico para a pesquisa. O primeiro cientista a pesquisar sobre a possibilidade de usar a fenomenologia como aporte filosófico para construir uma análise geográfica, que teria como questões a subjetividade do espaço, foi Edward Relph.

Relph (1970) foi o primeiro a colocar em um artigo as possibilidades da fenomenologia ser o suporte filosófico capaz de unir todos os geógrafos ocupados com aspectos subjetivos da espacialidade, mas que não desejavam ser identificados como comportamentalistas. Sua proposta era, explicitamente, de “desenvolver uma bagagem filosófica para as aproximações humanistas na geografia”. (RELPH, 1970 apud HOLZER 1997-2008, p. 140).

Através deste método seria possível fazer uma descrição do mundo vivido da experiência humana (HOLZER, 1996). Na citação anterior referenciando Relph, se destaca a importância do estudo fenomenológico a partir do aporte filosófico, mas evitando ser comparado aos Behavioristas, que estudavam os comportamentos dos sujeitos através de propostas de respostas e estímulos. A proposta é usar nos estudos geográficos aportes da filosofia, buscando compreender a relação homem e meio através de outro viés. As contribuições de outras ciências serviriam para auxiliar novas leituras de mundo, acrescentar e instigar ainda mais a ciência, que busca analisar o espaço geográfico.

A fenomenologia está próxima de fazer 100 anos a estar presente nos estudos teórico-conceitual da Geografia, pois data sua introdução em meados da década de 1920. (HOLZER, 2010). Porém, apenas 40 anos depois que a fenomenologia viria à tona ,de forma mais significativa para os estudos geográficos, momento este, segundo Holzer (2010, p. 37) de “efervescência cultural nos meios acadêmicos”. Mas esse é apenas o começo, ou como diria Marandola, o “prelúdio”.

Tudo o que foi realizado desde os anos 1970 pode ser considerado apenas o prelúdio, afinal, o pensamento fenomenológico não está parado em algum momento do passado: ele continua em plena ebulição com desdobramentos contemporâneos. (MARANDOLA, 2016, p. 452).

O que podemos entender com a introdução da fenomenologia na Geografia é que ela é uma metodologia ainda recente e que está em constantes mudanças.

Marandola (2016) diz que a própria fenomenologia não parte da ideia de criar um paradigma rígido e sistemático, mas sim, se encontra em um contínuo momento de aprimoramento e questionamento da própria realidade:

[...] a fenomenologia não se propõe a construir um sistema fechado de pensamento. Ela não constrói categorias de análise da realidade, nem uma compreensão apriorística. Assume-se como pensamento, e isso implica estar sempre a caminho, sempre em busca, sempre colocando em xeque suas próprias compreensões em um contínuo questionamento sobre o sentido do mundo que, dinâmico, mutante e vivo, está sempre em movimento. (MARANDOLA, 2016, p. 452).

Percorrendo esse período de introdução de 1920 até a década de 1970, Holzer (2010), apresenta Relph como um dos primeiros autores à apresentar possibilidade do uso da fenomenologia na ciência geográfica. Nesse mesmo momento, Relph caracterizaria a fenomenologia “como um procedimento útil na descrição do mundo cotidiano da experiência humana” (HOLZER, 2010, p. 38).

Nesse momento de renovação na ciência conseguimos notar a entrada de um novo meio de pensar a Geografia ou apoiar os estudos a respeito da mesma. Até mesmo para os autores da época tinham dúvidas de como se usar desses novos conceitos e manter o pensamento geográfico. Holzer (2010) em seu texto comenta sobre a forma dúbia com que Relph e Tuan tratariam a fenomenologia, usando-a de forma mais implícita, ou como Tuan teria afirmado, segundo o texto de Holzer: “[...] não se ater à fenomenologia, mas remeter-se ao humanismo, que permitia uma visão mais ampla do que é uma pessoa humana” (HOLZER, 2010, p. 38-39).

Essa dúvida entre alguns autores talvez seja devida a complexidade que poderia apresentar uma discussão de forte estrutura e base filosófica com a própria Geografia. Todavia, para a discussão fenomenológica “pura”, muitos autores já o realizaram de forma “exaustivamente [...] em Husserl, Pfander, Geiger, Heidegger, Sartre, Sheler, Dartigues, Lyotard, Hartman, Ricouer, Merleau-Ponty e muitos outros” (NOGUEIRA, 2014, p. 34). Aqui seguiremos os mesmo passos que Nogueira (2014), no qual pretendemos entender conceitos geográficos sob um olhar fenomenológico.

Para não deixar o leitor confuso sobre essa dubiedade que Holzer (2010, p. 39) argumenta, resgatamos esse trecho:

Buttimer (1974 e 1976) expressava ideias bastante semelhantes às de Relph. O que a diferenciava era, principalmente, sua preocupação em se apoiar mais firmemente na fenomenologia e no existencialismo. Segundo esse critério, perspectivas teóricas diversas, tais como a fenomenologia pura, de Husserl, ou a fenomenologia hermenêutica, de Ricoeur, eram desconsideradas enquanto opção para o estudo da geografia.

Precisamos entender que existe uma complexidade em “adequar” a fenomenologia a Geografia (HOLZER, 2010). Holzer (2010, p. 40), ainda refletindo a respeito dos pensamentos de Buttimer, apresentaria como proposta: “apropriar-se apenas do espírito fenomenológico”. E nesse caso, seria resumido a este seguinte trecho:

[...] no conceito de “Lebenswelt”, deixando-se de lado o próprio método fenomenológico. A filosofia poderia ajudar apenas no campo conceitual, ao diferenciar o espaço vivido do espaço representacional; e em termos metodológicos, na transcendência ao dualismo entre o objetivo e o subjetivo. (HOLZER, 2010, p. 40).

Queremos entender a relação do sujeito com o lugar, mas não será explorado a profundidade filosófica no sujeito, mas sim a sua vivência no espaço geográfico. A proposta é valorizar o “colocar-nos na posição daqueles que estão vivenciando o fenômeno no momento da descrição” (NOGUEIRA, 2014, p. 35). Essa descrição, a qual Nogueira (2014) fala, é a descrição das experiências e vivências do sujeito no lugar. Assim, a fenomenologia possibilita e valoriza esse meio exploratório de compreender, através do indivíduo pesquisado, suas relações com o espaço e a construção de lugares. Para isto que usaremos este aporte para pesquisar os frequentadores da Redenção.

Para entender essa relação do mundo vivido do sujeito com o lugar, a fenomenologia “parte do princípio da intencionalidade” (HUSSERL apud NOGUEIRA, 2014, p. 36). A intencionalidade:

[...] coloca a consciência e o objeto não como duas entidades separadas por natureza, mas que definem por sua correlação, sendo que a essência dessa correlação não se configura em determinado objeto, entendendo-se ao mundo inteiro. (DARTIGUES apud HOLZER, 2010, p. 42).

Assim compreendemos o princípio da intencionalidade, no qual o sujeito pesquisado não é separado do objeto, ou seja, a Redenção, eles estão em correlação. Reforçamos, então, a ideia fenomenológica do “ser no mundo”

(NOGUEIRA, 2014, p. 37). Nogueira (2014) entende isto dizendo que a construção do ser está intrinsicamente ligada com sua correlação com o lugar de vida. Essa correlação entre “Ser-Mundo”, que buscamos entender nessa pesquisa.

Assim, dando continuidade no campo da discussão epistemológica dos conceitos, e, neste caso, a fenomenologia e a Geografia, não há como não discutir suas essências teóricas sem relacionar com a geografia humanista e, neste trabalho, o seu uso para o estudo do lugar. Este campo teórico e metodológico apresenta em sua base as contribuições de Edward Relph e Maurice Merleau-Ponty.

O contexto histórico que surgiu a Geografia Humanista, e um dos seus motivos guiadores na discussão desse novo paradigma, foi uma crítica ao método positivista que estava instaurado nos estudos geográficos. O espaço geográfico era abordado através de uma leitura cartesiana e muito descritiva: o que meus olhos enxergam eu descrevo. Entretanto, as mudanças no espaço não ocorrem de forma objetiva, existe uma dinâmica que transcende os eventos físicos da natureza, porém, também não descarta os mesmos. Estas mudanças que irão se materializar no espaço, através da cultura, relações sociais, economia, política e etc., não podem ser analisadas apenas por um viés descritivo das ações que as movem. Pois, toda e qualquer ação, até mesmo o surgimento do espaço, está relacionado com o ser humano. Todo sujeito é atuante de alguma forma no espaço. A fenomenologia surge para fazer crítica à ideia positivista e assim, valorizar algo além: este algo são as experiências e vivências.

[...] criticar as “verdades” da ciência racionalista, apresentando outras formas de conhecimento que se baseiam na percepção, na vivência mundana e no processo de subjetivação dá através do método fenomenológico que considera a percepção, o mundo vivido e a subjetividade. (PEREIRA; CORREIA; OLIVEIRA; 2010, p. 174).

Ora, se iremos valorizar as experiências e vivências, como não chegar à conclusão que todo sujeito é único, singular? Inclusive dois irmãos gêmeos que podem ou não crescer juntos, vivendo no mesmo ambiente diariamente, terão experiências singulares, e são estas vivências e experiências que farão parte da sua essência. A essência que forma cada sujeito que é valorizada pela fenomenologia.

O estudo do lugar, como verificamos, está associado às experiências que o sujeito desenvolve com o espaço e esta relação apresenta um aprofundamento no sentido mais afetivo/sentimental que dará origem ao Lugar. Como realizar o estudo

do lugar sem realizar a reflexão sobre a Geografia Humanista e a fenomenologia como um método para auxiliar nesta leitura espacial? Ou seja, “A fenomenologia busca evidenciar as essências repondo-as na existência, na medida em que o palpável sempre existiu “ali”, numa forma prévia ao pensamento” (PEREIRA; CORREIA; OLIVEIRA; 2010, p. 174). São os sujeitos que transformam o espaço, fazem uso do mesmo, criando afeto, mas nem todos desenvolvem essa sensibilidade com o mesmo lugar, por quê? Como visto, todo sujeito é singular, sua relação com o lugar será subjetiva, e advém de suas experiências e vivências. Suas ações neste mesmo ambiente ocorrerão em decorrência este fato.

Pegamos um parque como exemplo, se um sujeito ou grupo social, praticam alguma atividade no parque “X”, como ioga, o motivo da escolha deste parque tem uma explicação: não é somente pelo espaço apresentar uma qualidade de parque, porque podem existir outros, mas foi o “X” escolhido e não o “Y”. O seu uso frequente para a realização da atividade, com o passar do tempo, irá gerar experiências que podem aprofundar um sentimento sobre o sujeito ou não. Como observamos anteriormente, estas experiências irão fundamentar a ideia de lugar. Ora, mas se através das experiências e vivências formamos o sentimento de lugar, estas mesmas sensações não fazem parte da essência de cada sujeito? Sim! Logo o estudo fenomenológico já está intrinsecamente correlacionado com o estudo do lugar.

A fenomenologia terá um papel importante para os estudos referente ao lugar. No entanto, a fenomenologia busca compreender a realidade através da percepção que as pessoas têm do mundo vivido, suas experiências, sentimentos, valores simbólicos, histórias, etc. A subjetividade do ser é de fundamental importância para a compreensão do espaço ao qual ele está inserido, pois a compreensão subjetiva também é fator de construção e modificação de espaços e lugares, assim como, estes modificam a intimidade dos sujeitos que nele estão presentes.

Como salientado, pretende-se usar mapas mentais como um instrumento de análise, tendo a necessidade de ressaltar a importância do método fenomenológico, o qual valoriza a experiência e vivência do sujeito (NOGUEIRA, 2014). Neste caso, será valorizado as vivências do público que frequenta o lugar, Redenção, como ressaltado na Geografia Humanista, rompendo o pensamento positivista, contra a valorização dos aspectos físicos e do olhar cartesiano da Geografia. Não apresentamos um olhar de desdém total com a visão positivista, mas buscar

valorizar a experiência do sujeito no espaço vivido, o qual Merleau-Ponty salienta “[...] o mundo é não aquilo que penso, mas aquilo que eu vivo” (MERLEAU-PONTY apud NOGUEIRA, 2014, p. 3).

Este projeto que busca a valorização do olhar do sujeito no mundo, segundo Nogueira (2014), sofreu inúmeras críticas, pois balizava-se de análise subjetiva do sujeito e, desta forma, um menor interesse para a ciência. Quando feita a discussão teórica a respeito do lugar, foi verificado e salientado a respeito de rompermos a ideia de relacionar localização com o lugar. Desta forma a “[...] Geografia que buscou entender o lugar não apenas como localização, mas como fenômeno experienciado pelos homens que nele vivem” (NOGUEIRA, 2014, p. 32). Serão as experiências das pessoas e suas vivências que darão concretude para a construção do lugar. Portanto, o método fenomenológico tem grande importância para dar respaldo na construção dos mapas mentais.

São comuns nas pesquisas sobre percepção do espaço, os mapas mentais serem tratados como recurso técnicos em que os autores o veem como uma representação próxima da representação forma do espaço. Nesse sentido, os Mapas Mentais são construídos a partir de metodologias definidas e deles são retiradas apenas informações que o pesquisador deseja e que vão justificar a necessidade de uma reestruturação espacial. (NOGUEIRA, 2014, p. 113).

E considerando fenomenologia como:

[...] uma filosofia transcendental que coloca em suspenso, para compreendê-las, as informações da atitude natural, mas é também uma filosofia para a qual o mundo já está sempre ‘ali’, antes da reflexão, como uma presença inalienável, e cujo esforço todo consiste em reencontrar este contato ingênuo com o mundo, para dar-lhe enfim um estatuto filosófico. (MERLEAU-PONTY, 2006, p.1).

A fenomenologia é construída a partir de uma base filosófica que “[...] busca estudar o mundo vivido valorizando todas as experiências concretas do homem com este mundo.” (NOGUEIRA, 2014, p. 36). As vivências das pessoas no parque e suas trocas de experiências criam a oportunidade de elos de sociabilidade, ou seja:

[...] que parte de nossas experiências do mundo é experiência social, como o homem está no mundo, experienciando-o e se inter-relacionando com outros, ele se torna parte de outros e é nessa relação intersubjetiva, social que se constrói seus lugares. (NOGUEIRA, 2014, p. 40).

Fazendo uso dos mapas mentais como um instrumento de análise, tornamos possível a capacidade de representação gráfica dos lugares que frequentam as pessoas, neste caso, o público que frequenta a Redenção. Deste modo:

A Geografia sempre esteve associada às imagens, em primeiro momento com o sentido de transmitir informações sobre os espaços desvendados, e posteriormente como forma de comunicação/representação do espaço físico, mensurável ou do espaço vivido subjetivo, passando a ser denominados “mapas” quando os registros foram impressos num suporte plano bidimensional. (KOZEL, 2007, p. 116).

A Geografia como observada na citação acima, sempre apresentou uma ligação com às imagens, podendo a seguir evocar os mapas, sendo uma forma de “comunicação” e “representação” do espaço. No próximo capítulo iremos discutir sobre o uso dos mapas mentais como ferramenta de análise e como utilizamos o método Kozel para dar suporte para este momento do trabalho.

3. CAPÍTULO II

3.1 ORGANIZANDO A CONSTRUÇÃO DE MAPAS MENTAIS EM LUGARES DE SOCIABILIDADE NO PARQUE DA REDENÇÃO EM PORTO ALEGRE – RS.

A ferramenta metodológica que será usada nesta pesquisa, para facilitar a leitura e interpretação da relação das pessoas e a Redenção, será a produção de mapas mentais. Compreendemos este recurso como: uma forma de linguagem que reflete o espaço vivido representado em todas suas nuances, cujos signos são construções sociais (KOZEL, 2006). Através desta autora, reforço a possibilidade de entender a produção do espaço como espaço vivido particular de singularidade significativa de um contexto social. Este objetivo pode ser alcançado através do desenvolvimento de mapas mentais como instrumento de análise para a pesquisa.

Os mapas mentais como construções sógnicas requerem uma interpretação/decodificação, foco central desta proposta metodológica, lembrando que estas construções sógnicas estão inseridas em contextos sociais, espaciais e históricos coletivos, referenciando particularidades e singularidades. (KOZEL, 2007, p. 115).

Para decodificar os mapas mentais, Kozel (2007, p. 133), apresenta um caminho metodológico:

- 1- Interpretação quanto à forma de representação dos elementos na imagem;
- 2- Interpretação quanto à distribuição dos elementos na imagem;
- 3- Interpretação quanto à especificidade dos ícones:
 - Representação dos elementos da paisagem natural;
 - Representação dos elementos da paisagem construída;
 - Representação dos elementos móveis;
 - Representação dos elementos humanos;
- 4- Apresentação de outros aspectos particulares.

Esta metodologia apresenta quatro itens que nos levam a fazer a interpretação dos mapas mentais. O primeiro, quanto a sua forma - em relação às formas de representação utilizadas no desenho, com letras, ícones, símbolos, figuras etc. O segundo item em relação à distribuição - seria a espacialização dos elementos e como estão dispostos no mapa mental. O terceiro é referente aos

elementos que constroem o mapa mental, podendo ser paisagem natural, construída, móveis e elementos humanos. Por fim, são interpretados outros pontos que não podem ser identificados através das etapas anteriores, porém se apresentam na representação de forma mais particular (KOZEL, 2007).

A proposição metodológica da autora almeja elencar elementos de observação objetiva, como produção de uma descrição dos objetos contidos no espaço representado. Pelo viés do estudo do lugar, a que nos propomos, e cujos mapas desenvolvidos primordialmente pretendem apresentar, observamos a importância “dos aspectos particulares”, que remetem a uma expressão subjetiva própria do sujeito na sua relação com o lugar Redenção. Assim, além de uma interpretação do sujeito pesquisador sobre o mapa que será produzido, será necessário estabelecer um debate com o sujeito colaborador, a fim de adentrar as questões relativas à sua subjetividade, nas quais representam os sentimentos de lugar. Chamamos atenção que o discurso interpretativo produzido como resultado da análise dos mapas mentais, aqui contidos, é uma condição de “interdiscurso”, ou seja, a narração dos sentimentos descritos pelo sujeito após a produção do mapa mental e a interpretação do sujeito pesquisador, a partir do contato com o pesquisado.

Desta forma, para a realização do projeto, foi sistematizado em quatro momentos, de como irá decorrer o processo metodológico *in loco*.

- 1) Reconhecimento do parque, com a realização de campos os quais serão tomados notas em diário de campo como meio de registro a respeito da diversidade cultural e social do parque, concomitante a leituras sobre a mesma. Procurando identificar grupos sociais diferentes, também verificando outros estudos como apoio para reconhecer essa dinâmica social que ocorre no parque.
- 2) Após a realização da primeira etapa, se iniciará os primeiros contatos com as pessoas, ou seja, o público que frequenta o parque. A abordagem decorre a partir das observações feitas pelo pesquisador na etapa anterior, deste modo, os escolhidos serão pessoas que frequentam o parque e que se encaixe ou não, com a diversidade social que a Redenção abriga, todavia, diversidade que o próprio pesquisador irá reconhecer e ser descrita no diário de campo. Levando ao momento que consiste em realização da entrevista com algumas perguntas para reconhecimento do sujeito e sua relação com parque,

buscando compreender de forma qualitativa alguns primeiros sinais de vínculo afetivo com o lugar e, também, se ele consegue identificar espaços que são mais utilizados dentro do parque.

- 3) Identificando os lugares de maior frequência de público, nos levará aos lugares de sociabilidade e, nestes, aplicar a etapa de construção do mapa mental. Que poderá apresentar elementos da topofilia e topofobia.
- 4) E por fim, a última etapa, na qual já terá finalizado a construção do mapa mental. Pedir para o sujeito explicar elementos que venham a surgir em seu mapa, partindo do pressuposto fenomenológico que valorizamos o olhar do sujeito, a subjetividade estará presente em cada um dos mapas mentais que venham a surgir. Desta forma, a explicação em primeira instância do sujeito é fundamental para compreender a relação “ser” e lugar juntamente com os elementos simbólicos que possam vir a aparecer, não obstante, também ocorrerá a interpretação do pesquisador a respeito do mapa mental e em concomitante as falas do sujeito.

É possível notar que é feito algumas adições de como realizar a leitura do mapa mental, que não são descritas de forma clara na metodologia de Kozel (2007). Realizar a primeira leitura, dos objetos, sua espacialização, o tipo de símbolo usado para representar situações do parque, são os primeiros momentos, mas encaramos como fundamental a explicação do mapa mental pelo olhar do produtor do mesmo, ou seja, do sujeito. Quando avaliamos a dimensão subjetiva é importante a participação do sujeito não apenas na produção do próprio mapa mental, mas no que ele representa também. Já que as experiências são pertencentes ao sujeito, como o pesquisador poderia fazer unicamente uma leitura que condiz com apenas com ponderações, de certa forma mais objetivas, talvez passando despercebidas particularidades que fazem parte de um conjunto que não pode ser visto apenas em partes fragmentarias?

Delimitamos a pesquisa em momentos, como forma de tornar mais objetiva a compressão do que se pretende, mas também na questão estrutural metodológica. Isto para o leitor talvez surja como impasse: a respeito dos lugares de sociabilidade, imaginamos o parque como um espaço, em sua totalidade, podendo ou não ser considerado um lugar. Mas como verificamos conceitualmente, o lugar se constrói pelo sujeito, o que pode ser para um, não é para outro. É nesse momento que o título da dissertação ganha seu nome, “Lugar e Lugares”, o lugar não é estático e

único, podendo assim haver outros nesse espaço, dependendo apenas e, exclusivamente, do sujeito que está ali, vivenciando-o, experienciando-o. Acreditamos e pretendemos verificar que mesmo a Redenção em sua totalidade podendo ser um lugar (uma unidade), ela pode apresentar outros lugares nesse mesmo espaço. Isto ocorre porque o lugar não apresenta uma racionalidade lógica com limites e linhas que o delimitam, mas sim um espaço que ganha forma através da relação subjetiva do sujeito com o mesmo. Também diferentes sujeitos orientam-se afetivamente, além da totalidade, para diferentes "subáreas" (não geométricas) do parque, construindo relações de lugar diversas (mais de uma unidade).

O parque apresenta uma grande área territorial³⁵ e apresenta uma diversidade de espaços, como visto na caracterização da área, assim: como poderíamos não nos questionar sobre a possibilidade de existir lugares nesse espaço? É através da tentativa de construir o conceito de lugar de sociabilidade que se pretende identificar esses lugar(es). Assim, conseguiríamos entender que a sociabilidade pode agir como um catalisador para as relações entre indivíduos ou nossos sujeitos.

A decorrência desse processo de identificação dos lugares advém substancialmente do item "2" dos momentos da estrutura metodológica. Quando iniciamos as atividades de campo e se realiza os primeiros questionamentos, desenvolvemos entrevistas através de simples perguntas: como "por que você frequenta a redenção"; "você consegue identificar os motivos pelos quais as pessoas frequentam a redenção? Quais seriam"; "consegues notar usos específicos que as pessoas fazem do parque?" e "onde aqui no parque você localiza essas atividades/usos? Em quais lugares do parque estão localizados?". Estes foram alguns dos questionamentos usados para identificar os usos do parque e os motivos de frequentarem o mesmo, assim como se também se eles (sujeitos) conseguem identificar outras pessoas que fazem outros uso(s).

Veja, procuramos identificar espaços diversos do parque que levam as pessoas a terem o momento de sociabilidade. Como já vimos anteriormente, a sociabilidade seria a forma pura de sociação, o ato de interagir entre os sujeitos sem propósitos, pelos simples prazer da conversação. A ideia do lugar de sociabilidade é delimitar os lugares, não entrando em contradição em relação à construção do lugar,

³⁵ Segundo o site da Prefeitura de Porto Alegre, SMAM (Secretaria Municipal do Meio Ambiente) o parque apresenta área de 37,51 hectares.

que é único, devido às experiências dos sujeitos. Mesmo que as pessoas “experenciam” de forma singular e única, não significa que o lugar será único também, ele pode ter uma ideia coletiva mesmo partindo do subjetivo, pois os espaços podem apresentar elementos e, esses afetarem de forma coletiva cada sujeito, levando ao vínculo com o espaço, assim gerando a ideia de lugar. É o caso do trecho resgatado do livro *A manhã de um Senhor* (1988), do escritor Leon Tolstói. A família tinha o vínculo com o lugar.

Se essas simples perguntas conseguem nos levar para espaços que ocorrem a socição, interação entre indivíduos (SIMMEL, 2006), a sociabilidade pode ou não ocorrer. Até esse momento o leitor deve notar que as perguntas parecem sempre dar uma finalidade, ter um motivo, dar usos ao parque: “por que as pessoas frequentam a Redenção?”. Ora, inúmeros motivos podem levar as pessoas a usarem o parque, alguma finalidade leva o sujeito a deixar sua casa e apartamento para ir ao parque. Agora o que vai acontecer lá é inesperado, frente às experiências e vivências.

Quando conseguirmos identificar esses lugares dentro da Redenção, pelos seus usos, ou concentrações de pessoas, podemos delimitar os lugares de sociabilidade. Mesmo que os encontros possam demonstrar uma finalidade, ela pode ser superada pelo ato de sociabilidade como foi discutido no capítulo anterior. Dentro do previsto, identificando os lugares de sociabilidade se dará a proposta de construir os mapas mentais com os sujeitos que estão presentes nestes espaços e, então, verificar se a ideia do lugar toma sua forma ou não.

3.2 INQUIETAÇÕES: O QUE TRAZ OS SUJEITOS A FREQUENTAREM O PARQUE DA REDENÇÃO?

O parque é nosso recorte de estudo e neste espaço circundam sujeitos. Estes que interagem entre si, ou estas relações interpessoais, possibilitam criar vivências e experiências. Estas novamente, apenas possíveis devido a existência de um lugar, a Redenção. É possível concluir que, estamos analisando um espaço no qual os sujeitos estão presentes e, devido as suas relações nesse ambiente, possibilitam criar um vínculo com o mesmo, assim, denominando, lugar.

Buscamos compreender a Redenção como um lugar, através da perspectiva humanista da Geografia, as relações sujeito e espaço. Nesse caso, primeiramente,

precisamos entender alguns motivos que levam as pessoas ao parque. O autor Yi-Fu Tuan (1980), discute “ambiente físico e estilos de vida urbano”, no qual é realizada uma discussão sobre a relação do sujeito inserido no meio urbano através do tempo, e como foi modificando suas ações neste espaço. Tuan (1980) irá referenciar diretamente a discussão das cidades e sua evolução, mas aqui, iremos nos apropriar de algumas discussões sobre processos que afetam esses sujeitos urbanos. O tempo transformou o espaço urbano, se antigamente era regido pela luz solar, e ao anoitecer se encerrava o movimento das ruas, hoje a energia elétrica possibilita mais um caminho para continuar “funcionando” a cidade durante a noite (TUAN, 1980).

O autor usa de exemplos de cidades no decorrer do tempo histórico, iniciando com a China de 202 a.C. e, progredindo no tempo, buscando analisar mudanças urbanas até chegar na Los Angeles do século XIX. Nessa evolução que ocorre nos centros urbanos, “em uma cidade do automóvel”, o pedestre, ou aqui mantemos nossa nomenclatura de sujeito, aos poucos vai perdendo seu espaço dentre as grandes vias largas e rápidas feitas para carros.

Os tímpanos dos pedestres são golpeados pelo ruído surdo do tráfego dos carros, o ribombar das jamantas, o rugido das motocicletas e as sirenas das ambulâncias e da polícia ao atender acidentes de trânsito. Pouco do barulho é humano. (TUAN, 1980, p. 220).

Aqui, podemos analisar um pouco de como os nossos transeuntes, à medida que vivem em sociedade, são arrebatados, dialeticamente, em seu próprio espaço, à medida que o desenvolvimento dos objetos geográficos ocorrem através do tempo. Se antes os centros urbanos eram mais abarrotados de pedestres, hoje eles disputam espaço com sua própria criação tecnológica. Talvez, nesse momento de disputa por espaço, o parque surja não somente como uma necessidade ambiental, advinda da natureza como, também, um lugar de refúgio para os próprios sujeitos voltarem a interagir.

Adentrando ao nosso parque e procurando se relacionar com os sujeitos que buscam um possível subterfúgio nesse lugar de uma cidade conturbada, como verificamos nas leituras de Tuan, já possuímos alguns *insights* do que pode ter levado os sujeitos a frequentarem os parques. Mas não nos restringiremos unicamente a essa possibilidade, pois sabemos que há outras circunstâncias que

podem e que levam as pessoas a frequentarem a Redenção, como foi visto inicialmente nas perguntas exploratórias.

A pesquisa, em primeiro lugar, perpassou uma discussão, que apresentou as perguntas exploratórias como um primeiro momento de análise de dados e informações a respeito da Redenção, a partir do olhar dos sujeitos que a frequentam. Agora, está encaminhando-se para um segundo momento, o qual faremos uso do diário de campo, que está presente como uma ferramenta da etnografia. A pesquisa, assim, se apresenta como um encadeamento de instrumentos de cunho metodológico como estratégia de se aproximar da forma em que as pessoas produzem o espaço do parque, a partir de suas relações e representações. Assim, o diário de campo contribui para verificar as informações e dados coletados na pesquisa exploratória.

Com a pesquisa exploratória, que se constitui em um conjunto de perguntas lançadas à pessoas que estavam no parque, em diferentes momentos de visita do pesquisador, desenvolvidas de forma semidiretiva, foi possível obter uma prévia de informações à respeito da Redenção. O enfoque foi a produção do conhecimento sobre as atividades realizadas no parque e, como e em quais espaços internos deste elas ocorriam. A partir desse primeiro momento de introspecção ao parque, pelo olhar dos sujeitos que “ali” frequentam, decidimos organizar um conjunto de visitas para observações diretas e um conjunto de registros escritos desenvolvidos na forma de diários.

O parque apresenta-se como um espaço diversificado frente às atividades que ali ocorrem. A cada momento este espaço se reconstitui a partir das atividades diferenciadas de seus frequentadores. É um espaço de muita complexidade, sendo inúmeras as possibilidades de formação de espaços que ele mesmo apresenta. Seria um bom exemplo de espaço que se produz a todo instante e, em contínua transformação, como nos fala Doreen Massey (2009). No entanto, procuramos captar certos cenários e constâncias estabelecidas no parque, fixando certos grupos e produzindo suas representações sobre tal espaço. Esse acaba sendo o objetivo mais desafiador do trabalho frente a diversidade de condições de espaços que se produz a todo momento no parque. O momento que se pretende construir nesse capítulo metodológico é um reforço a partir do olhar do pesquisador que, através do diário de campo, fará registro do que for observado nos dias de sábado. Assim, a partir de Julho de 2017, foram realizados registros com fotografias dos lugares da

Redenção. Para isso, compreendemos a importância do diário de campo como uma ferramenta metodológica pois:

O diário de campo consiste no registro completo e preciso das observações dos fatos concretos, acontecimentos, relações verificadas, experiências pessoais do profissional/investigador, suas reflexões e comentários. O diário de campo facilita criar o hábito de observar, descrever e refletir com atenção os acontecimentos do dia de trabalho, por essa condição ele é considerado um dos principais instrumentos científicos de observação e registro e ainda, uma importante fonte de informação para uma equipe de trabalho. Os fatos devem ser registrados no diário o quanto, antes após o observado, para garantir a fidedignidade do que se observa [...]. (FALKEMBACH, 1987 apud LEWGOY, REIDEL, 2009).

Assim, podemos observar como esta ferramenta metodológica nos gera aporte para o que buscamos realizar nesse processo da dissertação: obtenção de dados em/no campo. Nesta segunda fase, pretendemos verificar informações obtidas e coletar outras complementares. O diário de campo surge como um instrumento para tomar nota das observações realizadas em campo, podendo ainda fazer uso da fotografia para reforçar, através da imagem, o que vem a ser descrito no diário.

É possível observar que este meio de coleta e produção de dados, a partir de uma perspectiva social, desenvolvida por antropólogos e sociólogos, pode ser entendida como uma ferramenta da etnografia. A etnografia é um método que os antropólogos usam para fazer o estudo de grupos humanos.

Etnografia significa literalmente a descrição de um povo. É importante entender que a etnografia lida com gente no sentido coletivo da palavra, e não com indivíduos. Assim sendo, é uma maneira de estudar pessoas em grupos organizados, duradouros, que podem ser chamados de comunidade ou sociedade. O modo de vida peculiar que caracteriza um grupo é entendido como sua cultura. Estudar a cultura envolve um exame dos comportamentos, costumes e crenças aprendidos e compartilhados em grupo." (AGROSINO, 2009, p. 16).

A pesquisa não se delimita a ideia única de trabalhar grupos sociais, mas sim pessoas agrupadas socialmente, cujo espaço é elemento de visibilidade que, no caso, denominamos como lugares de sociabilidades, como formas catalisadoras para as interações entre as pessoas. Esse agrupamento poderia ser compreendido como agregado social, que se conceitua como:

[...] reunião de pessoas com fraco sentimento grupal e frouxamente aglomeradas. Mesmo assim, conseguem manter entre si um mínimo de comunicação e de relações sociais, sendo as pessoas que dele participam relativamente anônimas. (OLIVEIRA apud PEDROSO, 2007, p.27).

Entretanto, estamos trabalhando com o espaço e a construção do lugar de sociabilidade. A construção de um grupo que se identifica com algumas ações em comum, será apenas consequência que o lugar proporciona.

3.2.1 Os conceitos de “modos de vida” e “estilos de vida” para melhor delimitar os lugares de sociabilidade

A proposta desse segundo momento metodológico é verificar esses lugares de sociabilidade e os estilos de vida, a partir da análise do pesquisador que será descrita em diário de campo. Será possível delimitar os possíveis lugares, como se estruturam, e com o reforço da fotografia, utilizamos a imagem para elucidar o que fora observado na relação estabelecida com o lugar.

Juntamente com a proposta de verificar as informações através do diário de campo, iremos fazer uso do conceito de “estilos de vida”, que trabalha a possibilidade de enquadrar os sujeitos que frequentam a Redenção em relação a atividades e práticas de espaço. Tuan (1980, p. 199), define:

[...] estilo de vida de um povo é a soma de suas atividades, sociais e ultraterrenas. [...] Estas atividades geram padrões espaciais: requerem formas arquitetônicas e ambientes materiais que por sua vez, após terminados influenciam o padrão das atividades.

Ora, para “padrões espaciais” não poderíamos incluir os parques como um padrão adotado para as cidades contemporâneas? Formas arquitetônicas e ambientais em sua materialidade física são os espaços pré-pensados, os elementos pré-dispostos, como os bancos, o chafariz no centro do parque e as árvores seguindo determinada orientação. Podemos compreender que são elementos que fazem parte da construção de um parque como a Redenção.

Se a arquitetura do parque é pensada, suas formas nos lembram de outros locais, reproduções de materialidades, como bancos, chafariz, trilhas, estátuas, natureza, etc. É possível observar que existe uma semelhança entre os parques existentes espalhados pelas cidades, na sua função/objetivo. Estes em “condições ambientais adequadas são determinantes na utilização de parques para o

desenvolvimento de atividades físicas e o lazer” (SZEREMETA; ZANNIN, 2013, p. 178). Estes autores se referem a condições ambientais, porém, não somente esses são fatores condicionantes para fazer uso do parque. Reforçam que um parque com “infraestrutura adequada”, entre outros fatores, contribui para a atração e frequência dos sujeitos (SZEREMETA; ZANNIN, 2013).

Assim, o que concebe um parque em sua materialidade é de fundamental importância também, para atrair frequentadores. A Redenção teve projetos para sua concepção, sua origem data início do século XIX e que, apenas no século seguinte, mais precisamente no ano de 1935, se tornaria Parque Farroupilha (STIGGER; MELATI; MAZO, 2010). E “[...] que desde então passou a ser visto como um espaço de lazer e sociabilidade e lugar para a realização de eventos.” (STIGGER; MELATI; MAZO, 2010, p. 132). A Redenção foi inicialmente um parque que abrigou “um circo de touradas e um velódromo”, mais tardiamente, abrigou eventos de Exposição Estadual do Rio Grande do Sul, entre outros eventos expositivos (STIGGER; MELATI; MAZO, 2010).

Estes autores, mesmo que usem o termo “sociabilidade” sem a preocupação teórica que o termo carrega, mas pelo senso comum referente à possibilidade de inter-relações entre sujeitos, destacam que a Redenção, já há muito tempo, se apresentou como um lugar de sociabilidade. Foi na década de 1930 que o plano do arquiteto Alfredo Agache deu forma ao que conhecemos hoje, apresentando espaços como os “recantos”³⁶ e espaços de água do Parque Farroupilha³⁷ (STIGGER; MELATI; MAZO, 2010). O parque como uma forma concreta e, previamente pensada arquitetonicamente, é um espaço capaz de alterar não somente o estilo de vida das pessoas, mas também suas atividades. Por outro lado,

³⁶ “**Roseiral**” é um grande espaço circular com uma fonte ao centro, contornada por canteiros de roseiras; “**Alpino**” é composto por uma cabana feita de pedras, envolta em trepadeiras, árvores e um pequeno córrego, que sugerem um refúgio nas montanhas dos Alpes; “**Solar**”, formado por uma grande rosa dos ventos e um “relógio de solar”, tem grandes esferas de bronze demarcando os pontos cardeais; “**Europeu**”, constituído por dois espaços distintos, simula um jardim europeu no qual podem ser vistos a “Fonte Francesa”; Pergolado Romano”, ambos (Mais chafariz de ferro) fazendo parte de um conjunto paisagístico, com ciprestes e arbustos esculpido, sugerindo ao visitante a bela paisagem da Europa; “**Chinês ou Oriental**”, no qual está o “Templo de Buda” – um pagode contendo uma escultura de Buda e colunas orientais, onde há uma miniatura do vulcão Fuji-Yama, além de um lago com forma de um dragão. (MACEDO, 1968; SILVA, 1943 apud STIGGER; MELATI; MAZO, 2010, p. 135-136).

³⁷ A Redenção apresenta espaços com água, “chafariz ou fonte luminosa e a piscina artificial, também denominada de Espelho D’água”. (STIGGER; MELATI; MAZO, 2010, p. 135). Estes conjuntos que envolvem água, recebeu a denominação de “Caminhos das Águas”.

a forma amplia a possibilidade da reunião e atividades relacionadas aos estilos de vida dos sujeitos.

Tuan (1980) discute de forma mais geral os estilos de vida como podemos verificar no início deste capítulo. Atualmente, alguns autores apontam novas propostas a respeito do estilo de vida, como por exemplo, Koury (2010), que apresenta essa ideia a partir da contemporaneidade. Sua leitura parte da liberdade individual na relação entre cultura subjetiva e objetiva de George Simmel. Esta ideia surge a partir da diferenciação e processos de individualidade (KOURY, 2010).

Se modos e estilos de vida tendiam a conflitar com outros modos e estilos de vida presentes na reprodução contínua das instituições, formando novos jogos de interesses e projetos e sentindo-se abafados pelas normas e disciplinas constituídas, é no próprio seio dessa composição que se exerciam e se exercitava a novidade desses novos modos e estilos, como produção de tendências originais no interior das já normatizadas. (KOURY, 2010, p. 45).

Este trecho é um momento do texto no qual o autor faz o relato que existem modos e estilos de vida que seriam regrados por ou pelas instituições. A influência da escola de Chicago é direta nesse assunto, nesse caso, a diferenciação surgiria da ação social individual (KOURY, 2010). É possível captar a ideia de regramentos das instituições, sobre o modo e estilo de vida. A própria ação de buscar a diferenciação, criando o conflito descrito, daria abertura para novos modos e estilos de vida. Ou seja:

O corpo social de uma cultura urbana, desse modo, é depositário de uma enormidade de modos e estilos de vida que, por sua vez, produzem, rejeitam, recompõem outros tantos, e, ao mesmo tempo, associam-se ou conflitam entre si, nas projeções de configurações por eles almejadas, nos jogos interacionais a que se viam submersos. Sem falar, ainda, e, contudo, que esses mesmos modos e estilos de vida, em si, não eram alheios a conflitos, pelo contrário, viam-se, exerciam-se e objetivavam-se através deles. (KOURY, 2010, p. 45).

É compreensível, desta forma, que os conflitos entre modos e estilos de vida proporcionam o aparecimento de outros modos e estilos de vida. Enquanto Koury (2010), se aprofundará em uma discussão a partir da instituição capitalista de influenciar modos e estilos de vida, e, ao final de seu texto, sobre como a influência da rede (internet) altera estilos e modos de vida, pretendemos identificar ou usar da leitura de modo e estilos de vida para entender as pessoas que frequentam a

Redenção. Segundo Koury (2010), foi possível observar o papel das instituições na influência nos modos e estilos de vida. Precisamos salientar a diferenciação entre estes conceitos, que por vez soam parecidos, porém carregam cargas conceituais diferentes.

Ambos conceitos, estilo e modo de vida, advém de estudos das ciências sociais, os quais “bebem” nas fontes estrangeiras, sendo necessário uma preocupação na sua tradução quando “importamos” esse debate. Para isto, Braga, Fiúza e Remoaldo (2017), elaboram um trabalho que busca compreender o conceito de “modo de vida” e como há peculiaridade na sua essência que antecede a tradução, sendo posto ao lado de conceitos como “estilo de vida”, “meios de vida”, “gênero de vida”, “forma de vida”, etc., que podem soar como parecidos, porém carregam elementos teóricos que os diferem.

Na preocupação de como se constrói o conceito de modo de vida, ocorre a interlocução entre vários autores com suas definições, assim, podemos inicialmente entender que uma “parte dos autores utiliza modo de vida e estilo de vida de forma intercambiável” (BRAGA; FIÚZA; REMOALDO, 2017, p. 376), ou seja, os conceitos se comunicam entre si, se correlacionam, porém, diferentes. O conceito “modos de vida” ao longo do século XX e XXI se apresenta como um fator que retratou as transformações de uma sociedade frente à cultura urbana. (BRAGA; FIÚZA; REMOALDO, 2017).

O modo de vida se apresenta como um conceito abrangente nesta discussão, um conceito capaz de abrigar outros conceitos relativos a discussões que envolvem as transformações na sociedade, sob uma perspectiva sociológica. Esta intercambialidade entre os conceitos, mostra sua correlação de existência, assim, para Braga, Fiúza e Remoaldo (2017, p. 379), modos de vida “se mostra mais vinculado a parâmetros culturais estabelecidos face ao meio social em que se vive. Enquanto estilo de vida - vincula-se à demarcação de diferenças e hierarquias subliminares entre indivíduos de camadas sociais diferentes”. As formas de convivências sociais estabelecidas na Redenção, pensando este espaço como um parque em uma capital ou um espaço verde no meio do urbano, poderiam ser relacionadas a modo de vida, visto que, se referem a um atributo das pessoas que vivem em grandes cidades: buscarem áreas verdes para socializarem ou para atividades de lazer. Os parques urbanos, assim, representariam espaços de ruptura à forma técnica da cidade e as ações sociais definidas pelo atribulado mundo do

trabalho e do consumo modernos. Essa ruptura constituiu-se, no sentido da vida na cidade, uma ação cotidiana vinculada à vida na cidade, estabelecendo-se como um modo de vida. O próprio verde se destaca entre a cor acinzentada de um grande centro urbano. Quando vislumbramos uma visão aérea verticalizada de muitas cidades, será possível notar como estas cores se distinguem. Este contraste se fez necessário à forma contemporânea de construir e agir na cidade.

Neste aspecto, tanto o êxodo rural, processo migratório da população do campo para a cidade, possibilitou mais tardiamente o surgimento do êxodo urbano, o qual as pessoas migram do urbano para o campo ou áreas menos urbanizadas. O êxodo urbano “[...] tem como base um descontentamento geral na vivência e permanência nas grandes cidades e centros urbanos [...] congestionamento em quase todos os aspectos e deterioração da qualidade do ar.” (RIBEIRO, 2013, p. 17). É possível observar que a medida que se evolui a sociedade e se moderniza os centros urbanos, o seu crescimento, gera descontentamentos para os sujeitos. Assim, na “falta de bem-estar, os mais descontentes tendem a “fugir” para o meio rural” (RIBEIRO, 2013, p. 17). Ora, se a urbanização gera esse déficit no bem-estar, devido ao seu desenvolvimento, o campo aparece como um espaço menos urbanizado com bem-estar suscetível, relacionado a natureza ambiental.

Podemos chegar a uma das possibilidades pelas quais leva os sujeitos para a Redenção, se o campo representa um espaço menos urbanizado, seria o parque um meio de reproduzir este sintoma fora do seu espaço? Szeremeta e Zannin, (2013), discutem que a contemporaneidade é determinada pela produção espacial do urbano (o espaço técnico ou a cidade em si) e isso gera uma necessidade de criação de espaços verdes que rompem tais características de formas técnicas insalubres, evitando o estresse social, a poluição, o barulho e etc. Assim sendo, podemos pensar que na urbanidade existe uma forma de pensar e produzir “o campo”, ou o meio natural e um possível regresso a natureza.

Este regresso poderá ser associado à ideia de modos de vida, em razão de, o sujeito, na busca pela natureza, encontra no parque um escape, um oásis a penúria de viver no “deserto” da técnica ou numa urbanização exacerbada. Se produziu, assim, uma “cultura” que leva os sujeitos ao parque devido ao espaço social urbano que se construiu. Dessa forma, tanto a produção da forma urbana “parque” em uma cidade como as práticas de lazer de sujeitos e grupos sociais, nesta forma urbana, estão relacionadas ao modo de vida urbano contemporâneo, porém, por outro lado,

as diferentes atividades, as diferentes formas de agir, de se mostrar e de se expressar dos diferentes sujeitos sociais que estão (e se deslocam para o) no parque (das formas de interação destes sujeitos com outros e com as materialidades existentes ali) representam a ideia de “estilos de vida”. Modos de vida, assim, está relacionado aos atributos de se viver na cidade, no qual isso gera o aspecto de “fuga” e procura de espaços de lazer, cuja forma de áreas verdes são expressão latente deste “viver”. “Estilos de vida” são as formas de agir, de se relacionar e de se mostrar dos sujeitos diversos que estão no parque, comungados individual ou coletivamente naquele espaço.

3.2.2 As fotografias provenientes das atividades de observação de campo como forma de identificar e delimitar os lugares de sociabilidade no parque da redenção

As fotos deste capítulo são elementos visuais que servem para elucidar e reforçar os dizeres referentes às perguntas exploratórias. Salieta-se que os campos já ocorriam desde 2016, primeiro ano de mestrado.

Os campos ocorridos no primeiro ano foram em dias esporádicos da semana, constituindo um reconhecimento inicial. São as caminhadas pelos percursos e “despercursos” da Redenção, apresentando variados caminhos trilhados que podem ser seguidos ou ignorados, atravessados e que se espalham por todo o parque. Representam a descoberta das trilhas que cortam calçadas, gramas, espaços, e estes todos, lugares carregados de experiência, podendo ser efêmeras ou duradouras.

Quando realizamos as caminhadas no eixo central do parque observamos os lugares que a Redenção apresenta, em alguns momentos fazíamos uso dos bancos à beira da sombra para continuar observando os sujeitos na sua vivência com o parque. Como evidenciado nas perguntas exploratórias, foi possível observar uma diversidade de usos que os sujeitos fazem da Redenção, entre eles: pessoas andando de bicicleta; grupo de ioga no gramado; pessoas tomando chimarrão (em vários lugares, ex: grama, bancos etc.); pessoas realizando caminhada/corrída; pessoas que levam cadeiras dobráveis e sentam em grupo; grupo de pessoas tocando instrumentos de percussão; levando cachorro para passear; panfletagem (propagandas gerais, ex: imobiliária, faculdade particular, campanha de saúde

animal etc.); vendedores ambulantes; brechó no gramado; fotografia; lugar de eventos; lugar de manifestação política; lugar de encontro (amizades, encontros, família); banho de sol, tocar instrumentos musicais; ensaio fotográfico; grupo que pratica exercícios físicos; quadras de esportes (futebol/vôlei); parque de diversões; academia ao ar livre, enfim, estes são os que destacam-se ao se observar usos do parque, entre outros que ainda a Redenção poderia oferecer, assim sendo estilos de vida.

O modo de vida leva os sujeitos para a Redenção, quebrando a vivência do modo de vida urbano. Podemos observar que dentre tantos usos que estão relacionados aos estilos de vida que ocorrem nesse lugar, é improvável que os sujeitos não desenvolveram algum tipo de experiência com o espaço e estas podem ser amplificadas, a partir da sociabilidade que o lugar possa fomentar. As experiências são produtos destas vivências e elas são de ordem de abertura e de fechamento. Por um lado, as pessoas circulam pelo parque apreendendo novas formas de ser e estar no espaço, por outro lado fecham-se em seus lugares de sociabilidade reafirmando um aspecto de sua “personalidade espacial”. Há muitas peculiaridades na Redenção, buscaremos demonstrá-las nas descrições de algumas fotografias produzidas para tornar visível o observado em campo.

Observamos ainda, a utilização do espaço para promoção de um evento público, um lugar da Redenção sendo utilizado para a realização do show do Nando Reis (Figura 3). Nessa fotografia é possível observar parte do espelho d’água e o calçamento a sua volta, no qual as pessoas realizam caminhadas, corridas, andam de bicicleta, passeiam com seus cachorros, etc. No canto esquerdo desta fotografia é visível uma árvore ipê - o parque apresenta várias - que neste período ficam bem floridas, uma das peculiaridades é as pessoas pararem para fotografar estas árvores e também serem fotografadas com as mesmas.

Aqui na primeira fotografia é possível realizar duas observações que remetem as nossas reflexões. A primeira, o vislumbre dos sujeitos com o desenvolvimento natural da natureza, neste caso, o florescer e transformar das árvores, o que não é somente observado, mas também é realizada a tentativa de memorizar esse momento e vivência através da fotografia. Ou seja, o modos e estilos de vida traz o sujeito à viver a natureza, mesmo que por um instante do seu cotidiano de vida urbana. O segundo, é a Redenção se tornando um espaço de abrigar um evento, o mesmo, que pode possibilitar a sociabilidade, assim, um lugar de sociabilidade.

Figura 3 - Parque sendo utilizado para evento.



Fonte: Trabalho de campo - 27/07/2017.

A próxima fotografia mostra o lugar, que é possivelmente um dos mais marcantes da Redenção, um espaço bem delimitado e que, não obrigatoriamente, mas por senso comum dos frequentadores da Redenção, o usam como um lugar no qual as pessoas que possuem cachorro ficam e se encontram, interagem entre si e seus animais de estimação (Figura 4 e 5).

Ora, novamente indícios da sociabilidade se apresentam na Redenção e estes acontecem em um dos seus espaços, estes mesmos vivenciados geram experiências diversas em cada sujeito que ali faz o seu uso. Assim, possibilitando criar ou não vínculo com o espaço e deste modo, transformando-se em lugar. Sobretudo, porque o sujeito retorna à natureza em reflexo ao seu animal de estimação, também uma consequência que o traz a Redenção para vivenciar esse momento. Podendo ser sozinho ou compartilhado entre outros sujeitos que estão também nesse local, a sociabilidade sendo capaz ou não de acontecer é resultado da existência do parque. Dessa forma, a interação entre sujeitos acontecendo apenas por acontecer, a conversa pelo prazer de conversar, só seria possível devido a existência deste lugar, ou seja, o lugar permitiria a sociabilidade.

Figura 4 - Vista lateral do cachorródromo.



Fonte: Trabalho de campo - 27/07/2017.

Figura 5 - Vista dos sujeitos no cachorródromo.



Fonte: Trabalho de campo - 27/07/2017.

O verde que ganha espaço em uma capital urbanizada possibilita uma prática de vivência diferente, transparecendo na ioga ao ar livre (Figura 6). Trabalhar o físico e mental, a meditação em meio à natureza, fora das salas fechadas, é uma oportunidade única. É possível observar como a Redenção permite usos diferenciados e, principalmente, como esses usos podem estar vinculados com a ideia do contato com a natureza. O modos e estilos de vida leva o sujeito a buscar o verde, um regresso ao que antes foi perdido devido a urbanização. Veja, os praticantes da ioga deitados no gramado, ao fundo da foto, vivenciando a natureza, experienciando o lugar Redenção, respirando “ar puro”, como iremos notar nos resultados dos mapas mentais.

Figura 6 - Vista de praticantes de ioga no gramado da Redenção.



Fonte: Trabalho de campo - 27/07/2017.

Este é o Recanto Budista, um dos recantos descritos anteriormente, aqui é possível notar, um pouco distante, um grupo de pessoas (turistas) conhecendo este espaço (Figura 7). Salientamos que, sendo um lugar que há ligação com uma filosofia de vida, o Budismo, é diretamente ligado ao estilo de vida dos sujeitos. Assim, fazendo uso desse recanto, como um lugar no qual possa realizar reflexões a

respeito do Budismo ou apreciar o ambiente por possibilitar a conexão com esse ideal.

Figura 7 - Vista do Recanto Budista.



Fonte: Trabalho de campo - 27/07/2017.

A figura 8, por sua vez, mostra, novamente, pessoas realizando a prática da ioga ou outra atividade relativa à meditação no espaço do Recanto Budista. Observamos ainda, como o verde é presente e dominante nas fotografias, aos olhos de um estranho poderia parecer improvável que a Redenção seja um parque inserido em uma capital.

O pedalinho está em uma das extremidades do parque (Figura 9), que faz parte do caminho das águas, possuindo uma lagoa e pedalinhos para as pessoas alugarem e assim terem a possibilidade de uma atividade aquática de entretenimento. É possível observar os bancos que possibilitam os sujeitos sentarem e apreciarem, tanto a vista da lagoa quanto ou outro lado. Apreciar, observar, estar “ali”, são momentos que possibilitam os sujeitos a entrarem em contato com a natureza, senti-la, regressar para uma vivência que parece perdida em viver numa capital do século XXI, com prédios e tons opacos.

Figura 8 – Vista do Recanto Budista.



Fonte: Trabalho de campo - 27/07/2017.

Figura 9 – Vista da lagoa e pedalinhos.



Fonte: Trabalho de campo - 27/07/2017.

O chafariz central é outro lugar que faz parte do caminho das águas (Figura 10), este chafariz se liga com o espelho d'água. É possível observar vendedores ambulantes a sua volta, alguns bancos, onde as pessoas sentam para conversar, tomar chimarrão, etc. Observe como as árvores marcam presença nesta fotografia, metade dessa imagem é verde, árvores que podem competir em altura com prédios de uma capital, árvores que conseguem impedir que até mesmo o topo dos prédios acinzentados se intrometam nessa fotografia. E não esquecendo, os sujeitos, transumantes que perpassam a Redenção diariamente, semanalmente ou mensalmente que a usam, a vivem, a respiram e expericiam. Um parque de possibilidades, de retorno ao contato com o meio ambiente, ao modos e estilos de vida do verde, com a eventualidade da sociabilidade, que mesmo incerta pode ocorrer simplesmente devido a existência desse lugar.

Figura 10 - Vista do chafariz central.



Fonte: Trabalho de campo - 27/07/2017.

O espaço da academia ao ar livre é onde as pessoas realizam algumas atividades físicas (Figura 11). Novamente bancos, inclusive uma árvore já serve como uso de relaxamento/encosto para um sujeito, vendedores ambulantes, etc. Não está visível nesta fotografia, mas a esquerda dela está localizado o parquinho

para crianças (*playground*). Observamos ainda, usos variados, com sujeitos aproveitando a sombra, descansando, ao fundo é possível observar prédios que circundam a Redenção e que posteriormente aparecerão em alguns mapas mentais.

Figura 11 - Vista da academia ao ar livre.



Fonte: Trabalho de campo - 27/07/2017.

No Parque de Diversões (Figura 12), observa-se uma maior mecanização dos brinquedos, ocupando um singelo espaço da Redenção. E até mesmo quando já apresentamos a ideia imaginada de um parque de diversões visitando a cidade, do estilo itinerante e que, conseqüentemente, apresentam um volume de público alto, este por sua vez está sempre “ali” com apenas alguns visitantes.

Esta parte da Redenção, a centralidade, está próximo ao Pórtico do Expedicionário, que estaria caso fosse avistado, posicionado a esquerda da fotografia, na direção a qual a bicicleta está seguindo (Figura 13). Novamente podemos observar atividades, usos do parque, como andar de bicicleta, tomar banho de sol, sentar na grama para ler um livro, etc. O modo e estilos de vida traz aos sujeitos a Redenção, a possibilidade de contato com a natureza e também outros sujeitos deste lugar. Frequentar esse lugar, é estar aberto à vivência com o

meio ambiente e a possibilidade de experiências interpessoais, a sociabilidade acontecendo ou não, não inviabiliza o estar e vivenciar o parque.

Figura 12 - Vista do parque de diversões.



Fonte: Trabalho de campo - 27/07/2017.

Figura 13 – Vista de sujeitos na centralidade da Redenção.



Fonte: Trabalho de campo - 27/07/2017.

Na figura 14, podemos identificar atividades físicas realizada em grupo em um dos gramados da Redenção. Novamente observamos o verde da Redenção tomando conta da fotografia, e refletimos sobre o que levou os sujeitos a deixarem o ambiente de uma academia ou similar para realizar seus exercícios nesse lugar. Seria a possibilidade de estar em contato com a natureza e o meio ambiente que o parque proporciona? Assim, interpretamos novamente como uma oportunidade de regresso ao que faz falta na vida cotidiana de sujeitos urbanos.

Figura 14 - Vista de atividade realizada em um dos gramados da Redenção.



Fonte: Trabalho de campo - 09/09/2017.

Anteriormente já comentando sobre o chafariz central, aqui está presente uma outra fotografia em perspectiva diferente (Figura 15). O modo de vida que leva os sujeitos a frequentar a Redenção, utilizando de seus bancos e caminhos, atrelado a um estilo de vida, que busca uma tranquilidade em meio a uma capital de movimento.

A próxima fotografia (Figura 16, pg. 74) mostra, que não somente artesões realizam sua venda na Redenção, mas também algumas pessoas andam montando um “mini brechó”, próximo aos caminhos de circulação de público. Sendo o estilo de vida associado a ideia de atividade realizada, sujeitos que buscam o brechó, buscam

uma alternativa na compra de roupas, venda ou troca. Alternativa que possibilita negar os excessos advindos das compras de roupas novas e, uma forma de comercialização alternativa na qual o fator econômico se faz presente, por custar menos. Como já dito em outras descrições, a Redenção é um lugar de possibilidades, essa fotografia amplia e reforça esta observação.

Figura 15 - Vista da centralidade e chafariz da Redenção.



Fonte: Trabalho de campo - 09/09/2017.

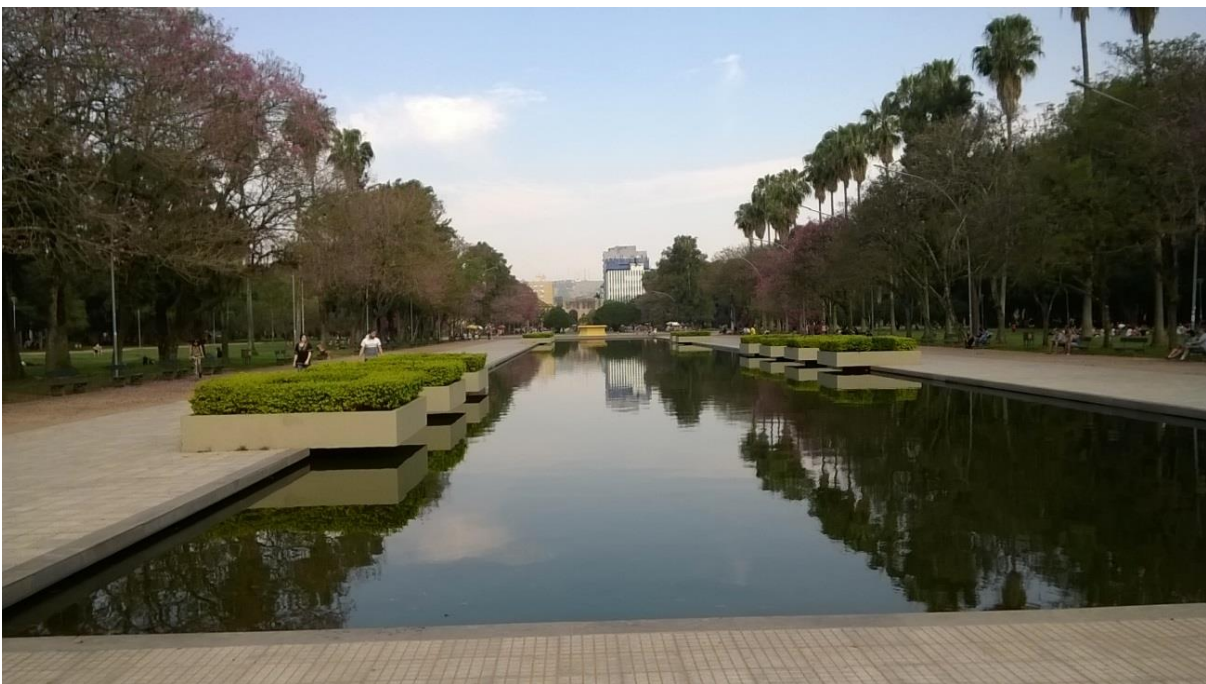
O espelho d'água é outro espaço que compõe o caminho das águas, é possível notar como ele cria um reflexo sobre a natureza que está em proximidade (Figura 17). Ao fundo da fotografia é possível observar um acinzentado invasor competindo com as palmeiras em altura. Um lugar composto por caminhos que são utilizados por sujeitos para os mais diversos usos, como caminhadas, corridas, bicicletas, etc. Observe, o modo de vida traz os sujeitos a frequentarem a Redenção e entrarem em contato com a natureza, o estilo de vida possibilita realizar diferentes atividades nesse lugar. As atividades citadas no trecho anterior, são atividades que podem ser realizadas em qualquer ambiente urbano, mas os sujeitos utilizam a Redenção para fazê-las.

Figura 16 - Vista de atividades e usos da centralidade da Redenção.



Fonte: Trabalho de campo - 09/09/2017.

Figura 17 – Espelho d’água.



Fonte: Trabalho de campo - 09/09/2017.

Outra fotografia para reforçar o uso do gramado e como já analisamos anteriormente, relacionado à ioga e suas práticas em grupo, podendo ser avistado ao fundo (Figura 18).

Figura 18 - Vista da prática de ioga na Redenção.



Fonte: Trabalho de campo - 09/09/2017.

Novamente é possível observar a Redenção sendo um lugar de promover e/ou sediar eventos (Figura 19 e 20). Este é um evento esporádico que ocorre para cada estação do ano, este foi para Anime Primavera. Mesmo que seu uso seja de forma esporádica por estes sujeitos, e os modos e estilos de vida estejam mais ofuscados nesse momento, a sociabilidade em contrapartida se eleva. Simmel (2006), salientou que mesmo que ocorra o encontro do grupo para a realização de uma atividade, não a impede da sociabilidade aparecer, ou seja, a interação por interação, pelo simples prazer da socialização. Assim, a Redenção novamente se mostra como um lugar de vivência, um lugar de sociabilidade.

Figura 19 - Atividade e uso da Redenção.



Fonte: Trabalho de campo - 02/12/2017.

Figura 20 - Evento na Redenção.



Fonte: Trabalho de campo - 02/12/2017.

Grupos de pessoas tocando instrumentos de percussão próximo às taquaireiras (Figura 21), o som produzido neste espaço repercute por toda a Redenção. Inicialmente, quando ouvido pela primeira vez foi algo instigante, pois o parque sendo de grandes extensões o som se espalhou dificultando descobrir de onde vinha.

Observe como o tom verde predomina na fotografia, a natureza sempre presente e quando não está na sua clássica pigmentação esverdeada, aparece nos tons terrosos do solo ou dos troncos das árvores. Um lugar que possibilita o contato com a natureza, um lugar que permite a sociabilidade de grupos, um lugar de práticas de estilos de vida diversos, um lugar de vivências e experiências.

Figura 21 - Prática de percussão musical na Redenção.



Fonte: Trabalho de campo - 02/12/2017.

O cachorródromo, que já foi descrito anteriormente, aqui apresentado em outra fotografia, um reforço visual deste ambiente marcante (Figura 22). Observamos sujeitos utilizando o gramado em relação direta e indireta com outros sujeitos devidos aos animais de estimação. Um lugar que permite a sociabilidade, um lugar de regresso a natureza, de vivê-la, um estilo de vida que traz ambos, sujeito e animal de estimação a Redenção.

Figura 22 - Vista do cachorródromo.



Fonte: Trabalho de campo - 02/12/2017.

Espaço de manifestação, a faixa está virada para o outro lado, mas ainda sendo possível ler os dizeres: “FICA PIBID”, alunos realizando a manifestação a favor e defesa deste programa educacional (Figura 23). E, novamente, outro reforço visual para enaltecer a Redenção e seus usos atrelados aos estilos de vida no qual se realiza atividades relacionadas à loga (Figura 24).

Figura 23 - Vista de manifestação na centralidade da Redenção.



Fonte: Trabalho de campo - 02/12/2017.

Figura 24 - Vista da prática de loga na Redenção.



Fonte: Trabalho de campo - 02/12/2017.

Através das fotografias apresentadas foi possível observar e reforçar a diversidade de possibilidades que a Redenção permite. Com usos variados como para eventos e nesse caso com show ao vivo de música (figura 3); praticar exercícios e atividades físicas no gramado; levar o cachorro para passear no parque como no lugar denominado cachorródromo; tomar chimarrão; aproveitar os bancos para descansar e conversar com amigos; ler; caminhar; andar de bicicleta; entre outros eventos como nas observado nas figuras (19 e 20).

O diário de campo se apresenta como uma ferramenta antropológica, mas em uma pesquisa geográfica dos pequenos espaços produzidos por formas de sociabilidades urbanas, ele se mostrou importante para entender as localizações das formas de relações estabelecidas em pequenas distâncias e, de como os sujeitos se expressavam nestas localizações. Eckert e Rocha (2004, p. 03) apresentam algumas observações metodológicas na antropologia sobre como o recurso da fotografia e filmagem “como forma de registro dos dados de campo, se tornaram importantes instrumentos de divulgação das pesquisas dos antropólogos”.

Ressaltamos aqui, que este não é um trabalho etnográfico em sua pureza metodológica. Este é um trabalho que busca usar elementos de outras ciências, metodologias que auxiliem na pesquisa, como a etnografia advinda da antropologia e ciências sociais, para conseguir-se chegar aos sujeitos inseridos em espaços de

sociabilidade e, a partir dali, entender suas representações espaciais com o desenvolvimento de mapas mentais.

A ideia de construir textos com descrições em que a etnografia esbanja técnica, na metade do século XX, já introduzira novos pensamentos em relação a sua ciência, no “sentido de agregar a ela a produção de etnografias através do uso de recursos audiovisuais, como foi o caso da adoção da câmera fotográfica” (ROCHA e ECKERT, 2008, p. 17). Assim, usamos a fotografia para auxiliar e reforçar o que foi observado na pesquisa exploratória, assim, sendo possível verificar sobre a diversidade que a Redenção apresenta e suas possibilidades.

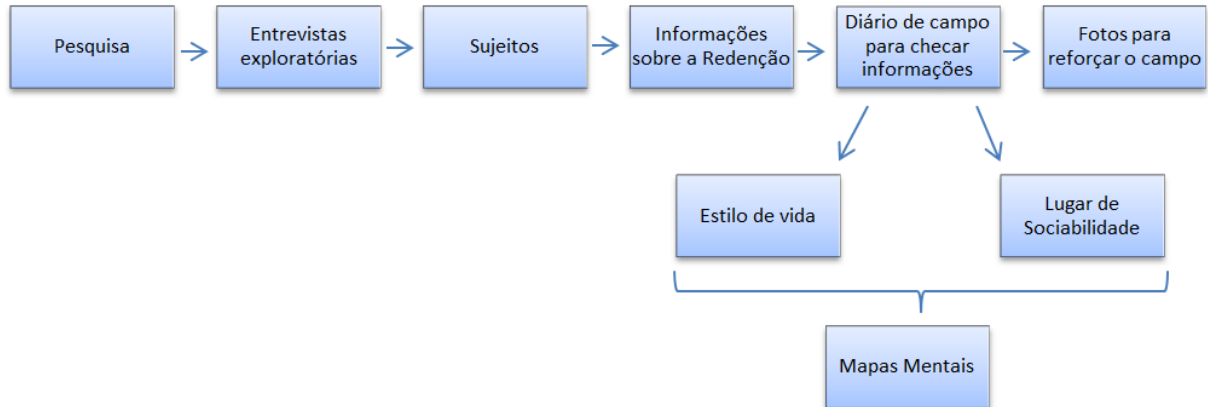
3.2.3 Organograma síntese do processo metodológico e delimitação dos três lugares de sociabilidade do parque da redenção: cachorródromo, a pracinha e o gramado central

A descrição que se pode verificar neste capítulo é referente a um processo metodológico que se preocupa com o encaminhamento da pesquisa. Veja o organograma construído (Figura 25). Aqui podemos observar uma amostra do delineamento da pesquisa e procedimentos até então.

No primeiro quadro é a pesquisa em si, a base para os procedimentos seguintes; o segundo quadro, são as entrevistas/pesquisas exploratórias, já discutidas no início do trabalho, que permite os primeiros contatos com o objeto de estudo. Posteriormente já observamos o quadro: sujeitos, estes encontrados durante a pesquisa exploratório e que forneceram informações a respeito da Redenção, assim, fomentando o quadro seguinte. A partir das informações obtidas com os sujeitos através da pesquisa/entrevista exploratória, essas informações seriam checadas com um diário de campo em conjunto com fotografias para observar se condiziam com a realidade informada. Salienta-se, que as fotografias se apresentam neste trabalho no item 3.2.2.

Os quadros seguintes avançam no trabalho, a partir das informações coletadas e observadas até então, seria possível identificar estilo de vida presente na Redenção e observações lugares de sociabilidade a partir das teorias já discutidas nos capítulos anteriores. E por fim, o quadro dos mapas mentais, iniciando outro momento do trabalho, que é a construção dos próprios mapas mentais com os sujeitos em seus lugares de sociabilidade.

Figura 25 - Organograma sobre o processo metodológico.



Org: HERRMANN, G.; (2017).

A proposta desta discussão objetiva referir como escolhemos as pessoas para a realização dos mapas mentais. Partimos de duas possibilidades: lugares de sociabilidade e do estilo de vida. Essas duas premissas para contatar os sujeitos para a construção dos mapas mentais não diferem na proposta, que é de buscar compreender a relação dos sujeitos com a Redenção.

Nossa reflexão parte do pressuposto que a Redenção é um Lugar, e que é passível de Lugares. O lugar de sociabilidade foi um conceito construído para uma tentativa de delimitar esses Lugares e, a partir deles, construir os mapas mentais com os sujeitos. Através dos campos é possível observar atividades que ocorrem no parque. E dentre estas atividades que podem acontecer de forma coletiva e individual, aqui compreendemos que através do conceito construído de lugar de sociabilidade, observamos alguns espaços: cachorródromo com maior destaque, pracinha e o gramado com a loga ou outra atividade.

Ao mesmo tempo em que a Redenção seria um Lugar, o estilo de vida seria um meio de também contatar os sujeitos para a construção dos mapas mentais. Uma vez que o estilo de vida dos sujeitos os define para a realização de atividades e usos do parque. E como verificamos através dos campos, são inúmeras as atividades realizadas na Redenção, atividades e usos que repetem semanalmente, mensalmente e, conseqüentemente, ao longo da vida dos sujeitos, a experiência é uma conseqüência da sua vivência.

Salientamos que até então não estamos trabalhando com os resultados, mas sim com hipóteses, possibilidades, dados, informações coletadas, recursos para fortalecer a metodologia, de como encaminharemos para a obtenção dos resultados, ou seja, a construção dos mapas mentais. Assim, podendo realizar a interpretação dos mapas para compreender a relação de vínculo dos sujeitos com a Redenção.

Assim sendo, delimitamos três lugares de sociabilidade para a confecção de mapas mentais no parque da Redenção. Estes lugares foram construídos como limites da pesquisa no decorrer de três processos metodológicos anteriormente discutidos: a pesquisa exploratória; a organização de anotações de observações de campo; a produção de fotografias. Abaixo iremos descrever as impressões sobre estes lugares de sociabilidade, como forma de explica-las tendo em vista os conceitos aqui defendidos e nossas relações em campo.

4. CAPÍTULO III

4.1 OS SENTIMENTOS DE LUGAR NAS REPRESENTAÇÕES DOS MAPAS MENTAIS DOS SUJEITOS EM TRÊS LUGARES DE SOCIABILIDADE NO PARQUE DA REDENÇÃO

Este capítulo apresentará a discussão referente aos resultados obtidos, apresentando o mapa mental e em seguida a interpretação. Todavia, antes de iniciarmos a discussão dos resultados, gostaríamos de apresentar um relato de como foi o processo para a construção dos mapas, dificuldades, procedimentos da pesquisa, para também, contribuirmos com possíveis orientações ou sugestões a partir dessa pesquisa. Ora, todo e qualquer pesquisador pode acabar enfrentando dificuldades para a realização do seu trabalho e aqui, não diferente, também ocorreu.

Como já salientado anteriormente, a pesquisa determinou que os dias para a coleta dos mapas mentais fossem aos sábados. Um primeiro momento conflituoso para a realização da pesquisa em um dia específico foi a relevância da previsão do tempo. Desde os primeiros momentos, com as perguntas exploratórias, até o final, com a colaboração os sujeitos para a construção dos mapas mentais. Estar constantemente checando a previsão do tempo é fundamental, visto que, quando se trabalha com sujeitos que frequentam um espaço público e, no nosso caso, um parque, a chuva pode ser um empecilho. Aqui basta perguntar-se, quando vou para uma praça, parque, realizar atividade, passeio, etc., se estiver chovendo, eu iria mesmo assim? Bom, casos e casos a parte, dificilmente as pessoas vão para um parque em dia de chuva, ainda mais nas situações que veremos a partir dos resultados dos mapas mentais. Há também a possibilidade de o tempo mudar drasticamente durante o decorrer do dia, nesse caso, podendo acontecer vendavais, chuvas, etc., de forma inesperada. Durante a pesquisa, infelizmente muitos dias chuvosos aconteceram aos finais de semana, às vezes se iniciando na sexta, outras tantas no sábado e até aqueles meses mais chuvosos, em que o tempo apresenta uma instabilidade durante toda a semana.

Estar preparado é sempre essencial, principalmente para proteger o seu material, ou seja, seus resultados, aqui os mapas mentais construídos em folha de desenho A3. E já acredito que fique subentendido, quanto mais situações desse estilo, reduzido será a quantidade de campos possíveis a se fazer.

Novamente, ressalto que aqui trago relatos sobre situações que aconteceram nessa pesquisa, certamente existem muitas outras que podem ainda surgir em outras pesquisas. O tempo nesse caso é prejudicial, para outras pesquisas que necessitem campo pode não ser e, as vezes, o campo necessite da chuva para fazer outras leituras e interpretações. O trabalho de campo é um espaço dinâmico, no qual podem acontecer situações e situações, aprendemos a lidar com elas e resolvê-las de forma quase e exclusivamente empírica.

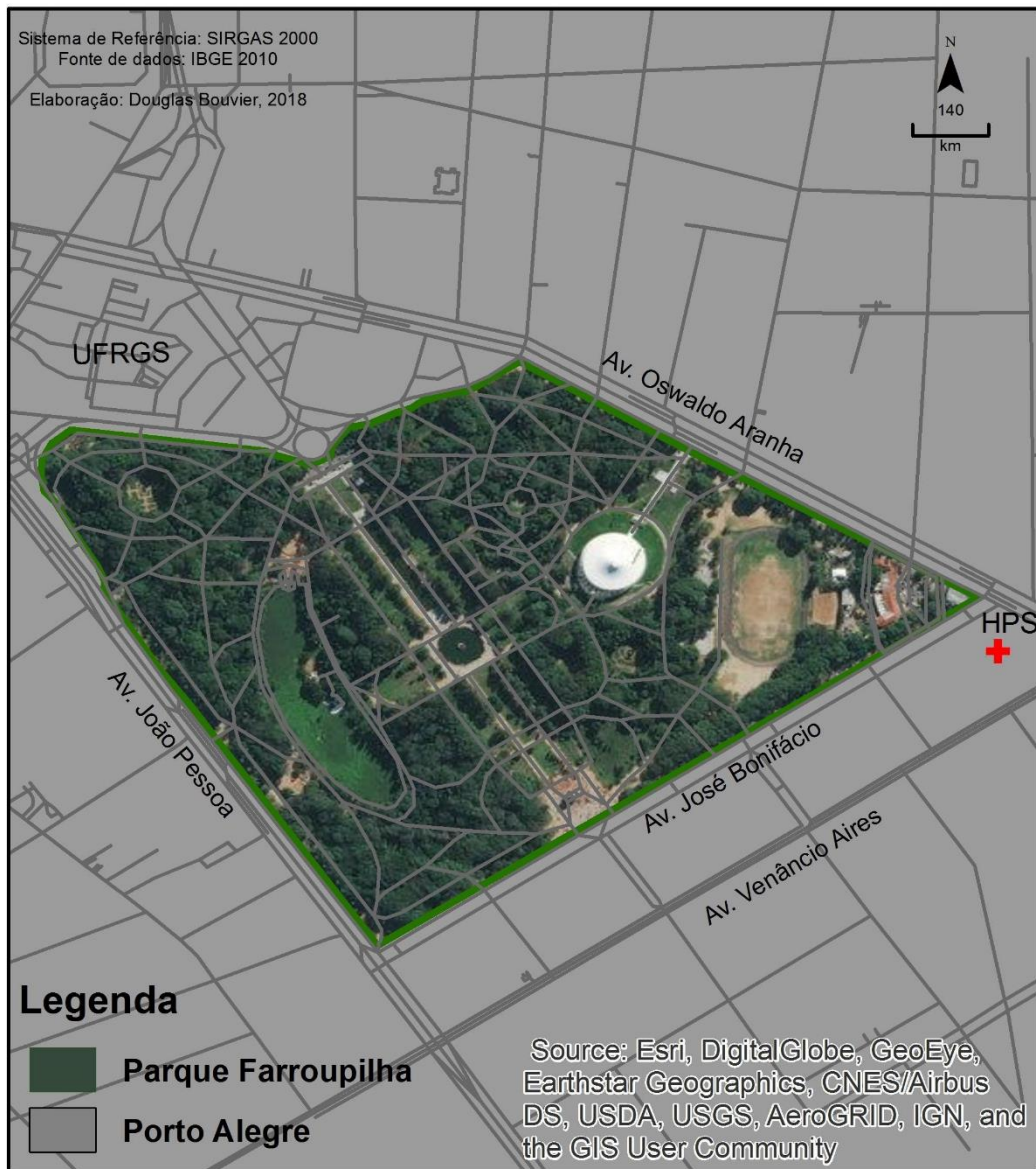
Para a construção dos mapas mentais, utilizou-se folha de desenho A3, lápis, lápis de cores e giz de cera. Como a colaboração dos sujeitos se dava “ali” no próprio parque, também foram construídos alguns apoios de papelão para a realização do trabalho. Assim, melhoramos o suporte para o sujeito. Aqui observamos a importância de evitar problemas que ocorreriam no campo devido a falta do suporte, melhorando a fluidez do trabalho. Algo básico para esse tipo de situação é ter material extra e, inclusive, apontador para evitar qualquer tipo de atraso ou circunstância que possa levar a um incômodo ou aborrecimento ao colaborador da pesquisa: mesmo que você faça uma apresentação cordial e formal do trabalho, pergunte da possibilidade de colaborar, ainda você é um pesquisador que está tomando tempo do pesquisado.

Este relato é para compreender um pouco das situações que o trabalho de campo resultou. Com o encaminhamento para o fim da pesquisa com os seus resultados, não é somente a conclusão de um objetivo delineado na introdução, mas também conseguir contribuir para outras pesquisas que venham a surgir e seguir esse campo, ou até mesmo outras pesquisas que necessitem realização de trabalho de campo.

A partir de agora, será relatado a estratégia para obter os resultados, sendo os dados coletados aos sábados como já dito anteriormente. A minha chegada ao campo acontecia pela manhã, meu *flâneur*, digamos assim, se iniciara pela Avenida José Bonifácio, rua extremamente marcada aos sábados, até chegar no Arco do Expedicionário e circular mais livremente pela Redenção fazendo observações. A rua qual dita bem marcada, é devida a feira orgânica que ali acontece aos sábados, já dando início da sua montagem de barracas às cinco horas da manhã e em coexistência com o Brique da Redenção, por mais que este seja demarcado aos domingos, há resquícios coexistindo aos sábados, junto a feira orgânica.

A própria existência de ambos acontecimentos, a feira e o brigue, é intrigante, é um acontecimento que ocorre não propriamente no parque, mas a rua que perpassa ao seu lado. A Avenida José Bonifácio, ambos os eventos ocorrem aos finais de semana. Para melhor elucidar o trajeto descrito, veja a figura 26:

Figura 26 - Mapa de localização da Redenção.



Fonte: Sistema de Referência: Sirgas 2000.
Org: Bouvier, D. (2018).

Veja que há finas linhas dentro da área da Redenção, estas são as trilhas e caminhos existentes, e não necessariamente sendo obrigatórias a serem seguidas.

Antes de começar a apresentação dos mapas mentais, um prólogo para entender como se deu a construção de cada um. A partir das hipóteses de lugares

de sociabilidades, teríamos onde contatar as pessoas e iniciar a construção dos mapas mentais. Quando discutido em forma de hipótese, apenas cogitávamos possibilidades de serem lugares de sociabilidade segundo o conceito construído, porém foi necessário fazer algumas observações, que apenas no momento da construção dos mapas mentais permitiriam verificar.

Ao longo da construção do conceito era possível notar que um ou alguns espaços da Redenção pareciam destoar de qualquer outro, parecia carregar os elementos do conceito na sua forma “pura” de socialização, a qual Simmel se refere. Foi decidido, como visto no capítulo anterior, por três lugares, hipóteses de lugares de sociabilidade observados na Redenção. O cachorródromo, a pracinha próxima a avenida José Bonifácio e o gramado, este mesmo sendo um espaço relativo em relação ao parque, pois ele possui muitos gramados. A medida que avançamos nas interpretações, verificaremos e discutiremos particularidades que aparecerão em relação a cada lugar.

Como observado anteriormente, foi descrito algumas situações vistas e experienciadas em campo. Todos os mapas e sua construção partiram da mesma proposta, que consistiu, em primeiro lugar, uma apresentação formal ao sujeito, ou grupo de sujeitos, no espaço determinado lugar de sociabilidade.

Uma breve explicação sobre a pesquisa e ao mesmo tempo, uma sutileza inefável com as palavras para evitar qualquer tipo de influência no sujeito na sua percepção imaginada da Redenção. É necessário frisar essa preocupação ao explicar a pesquisa para o sujeito, uma vez que, uma simples palavra tem o poder de influenciar, momentaneamente, toda a ideia que o sujeito tem do parque e acabar mascarando a informação que estamos a buscar. Nesse caso, a percepção, e aqui poderemos chamá-la de pura, dado que a partir das experiências e vivências do sujeito na Redenção, já tenha uma ideia de representação da mesma no seu imaginário.

A fenomenologia busca a possibilidade de colocar em suspenso toda e qualquer ideia existente, para alcançar a pureza do pensamento antes de tudo, por outro lado, Simmel busca a pureza das relações de sociabilidade entre os indivíduos. Por estes dois vieses buscamos a pureza da percepção imaginada da Redenção.

Prosseguindo com a breve apresentação formal e a amabilidade para elucidar a proposta da pesquisa. Foi construída a ideia de uma única pergunta inicial, “como

você vê/enxerga a Redenção?”, de forma mais coloquial também era dito “como você vê/enxerga a Redenção para ti/você”. Essa pergunta foi a base para tentar buscar como é a percepção do sujeito e como ele a vê e a imagina. Por fim, ao final de cada construção de mapa mental, eram feitas mais três perguntas, “qual a frequência que vens para a Redenção?”, “o que costuma fazer quando vens” e “das vezes que vens, se em algum momento já interagiu com pessoas sem as conhecê-las, se criou algum vínculo ou foi mais momentânea a interação”.

As duas primeiras perguntas se completam, a proposta delas foi analisar realmente a frequência do sujeito no parque, para diferenciar aqueles mais assíduos dos menos assíduos. A pergunta que a completa, buscou-se observar o uso da Redenção pelo sujeito. A pergunta final foi construída pensada em nosso conceito de lugar de sociabilidade, o qual tem como premissa a sociabilidade a qual Simmel e a pesquisa denominou de pura: a interação entre os sujeitos, a sociabilidade, a conversação pela conversação, sem objetivo sem planejamento, apenas o acontecimento da interação.

Ao final da realização de todo o processo descrito até então, será estabelecida uma explicação da representação realizada pelo sujeito, para assim tomar notas de supostas particularidades, que somente o sujeito compreende. Ressalta-se a importância não somente da leitura interpretativa do mapa mental pelo pesquisador, mas como também valorizar e manter uma atenção para detalhes que possam ter significado único para o colaborador. Para fazer a interpretação dos mapas, primeiramente será relatado as respostas das três perguntas, apresentadas anteriormente e, logo em seguida, discutido o mapa mental juntamente com as informações que o próprio colaborador explicitou sobre a representação.

Também ressaltamos que há uma disparidade entre a quantidade de mapas mentais produzidos pelos sujeitos. Essa diferença quantitativa de mapas produzidos é um reflexo do conhecimento pré-existente do pesquisador. É possível verificar que no trabalho de Costa, Herrmann e Maciel (2016), são apresentados mapas mentais sobre a Redenção, existe uma diversidade de representações e que é possível identificar neste trabalho, a primeira hipótese de Lugar de sociabilidade, o ‘cachorródromo’. Além do trabalho apresentar uma diversidade sobre a Redenção, nos permite observar que o Parque Farroupilha apresenta o Espelho d’água e o Cachorródromo, como uma das partes que recebem uma atenção dos sujeitos no momento de construção dos mapas mentais. Ou seja, o Lugar de sociabilidade

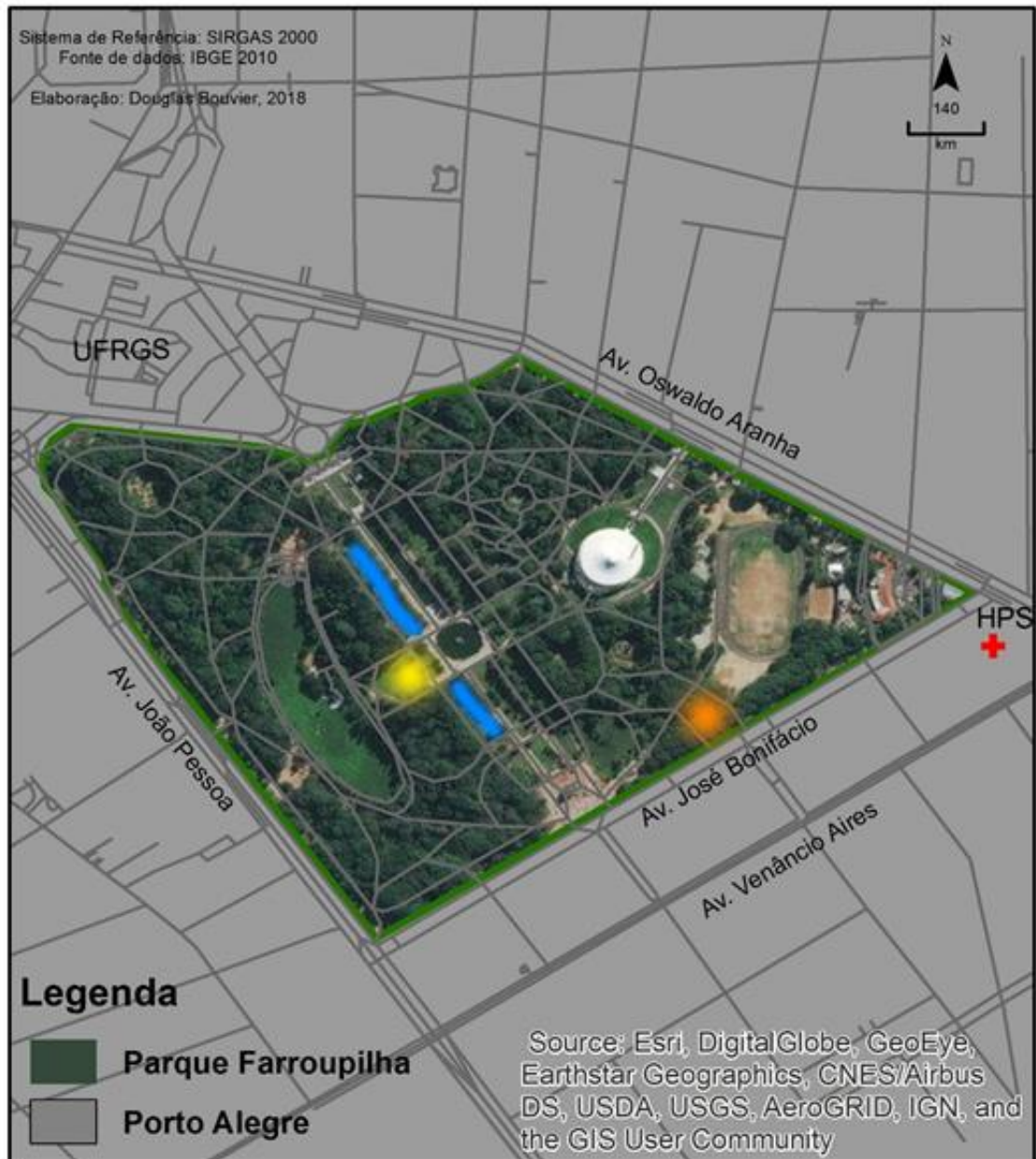
cachorródromo já emerge como um marcador saliente, assim, um reflexo para sua dissonância de mapas mentais frente a nossas outras hipóteses de Lugar de sociabilidade.

Foram produzidos trinta e dois mapas mentais, dentre eles foram divididos em três segmentos: cachorródromo com quinze mapas mentais; gramado com dez mapas mentais e pôr fim a pracinha com sete mapas mentais. E quando analisamos a quantidade de mapas mentais e sua disparidade, a pergunta há de surgir, porquê desse ocorrido? Não foi possível determinar a quantidade específica igualitária para cada lugar, visto que, uma vez que o processo de abordagem dos sujeitos pesquisados é difícil de se controlar. Cabe ao momento dizer quem estará disponível ou não para fazer os mapas – ou quem se interessará para fazer – se tiver poucas pessoas interessadas é um contexto da pesquisa, assim como o contrário – isso estará relacionado a contexto de empatia possível na relação pesquisador e pesquisado (o que é indeterminado/diferenciado de um dia para outro).

Dessa forma, podemos dizer que o lugar de sociabilidade do cachorródromo para nós foi caracterizado de um maior interesse de contribuição espontânea dos sujeitos ali presentes, em razão do próprio lugar e sua característica relacionada a sociabilidade. Isso para nós, foi identificado como um lugar, no qual os aspectos de sociabilidade desenvolvidos por Simmel ficam mais evidentes: no cachorródromo as pessoas produzem contatos com estranhos de uma forma sem intensão (estão mais abertas ao contato com o outro – o estranho atrai) ou há uma empatia maior ao outro. Devido a isso, o número de mapas mentais foi maior, porque sempre que uma pessoa se comprometia a contribuir, outra se interessava e mantinha curiosidade pela situação que estava acontecendo.

A partir de agora entraremos na interpretação dos mapas mentais construídos pelos sujeitos que frequentam a Redenção. Como primeiro espaço de análise, o lugar denominado cachorródromo. Na figura 27, é possível localizar os três lugares onde foram coletados os mapas mentais, na mancha amarelada o cachorródromo a qual apresenta um ponto de concentração, mas, podendo se expandir de forma mais atenuada a medida que se afasta do centro. Ou seja, este espaço é extremamente concentrado no ponto, mas não estático. A macha laranja é a localização da pracinha que está em proximidade a Avenida José Bonifácio. E por fim, a macha que está representado de forma alongada azul, gramado utilizado pelos praticantes de loga.

Figura 27 - Localização dos Lugares de Sociabilidade.



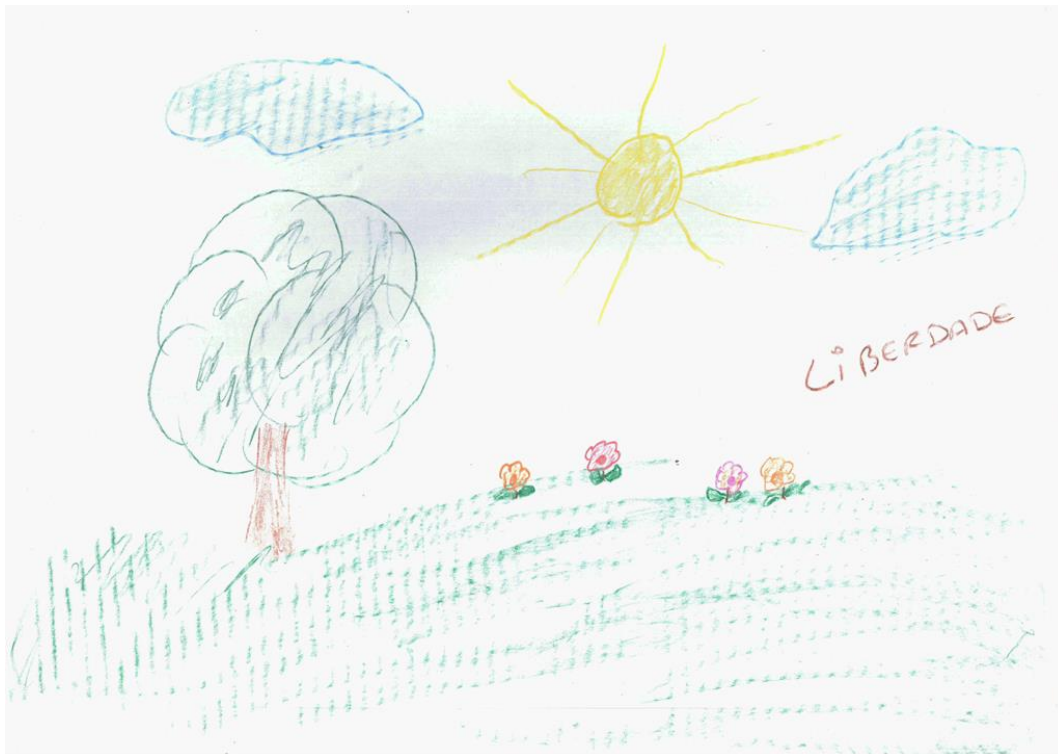
Fonte: Sistema de Referência: Sirgas 2000. Org: Bouvier, D.; (2018); Herrmann, G.; (2018).

Já passível de adiantar o que iremos averiguar nos mapas mentais, este é o espaço que mais se destacará frente aos outros e, ao mesmo tempo, o compreender como um lugar de sociabilidade como discutido no referencial teórico. Todos os mapas coletados referente a este lugar, foram construídos com a colaboração dos sujeitos presente no espaço demarcado em amarelo na figura 27.

4.1.1 Cachorródromo

Nosso primeiro mapa (Figura 28), o sujeito comentou que frequenta a Redenção mais aos finais de semana e, que nesse lugar realiza “bastante” caminhadas e conversa com as pessoas, assim podemos interpretar que gosta de observar os animais que estão presente nesse lugar, devido ao comentário referente a gostar dos animais e ter relatado sobre possuir um cachorro, associado ao estilo de vida. O seu mapa mental apresenta uma imagem que predomina a cor verde, com representações que lembram a natureza, lembrando o modo de vida, regresso. Ressaltou com a palavra “liberdade” no seu mapa mental, referindo à ideia de sentir esta sensação ao estar na Redenção. Sensação esta que só é passível de sentir, quando está ali. A ideia de um sentimento presente revela resquícios que rompem uma vivência objetiva com o parque. Quando perguntado sobre a interação com pessoas que não conhecia anteriormente, afirmou que sim, desta forma podemos interpretar que este lugar, em um primeiro momento, possibilita experienciar sensações e sociabilidades, assim, apresentando algumas evidencias que se relacionam com a ideia de lugar de sociabilidade.

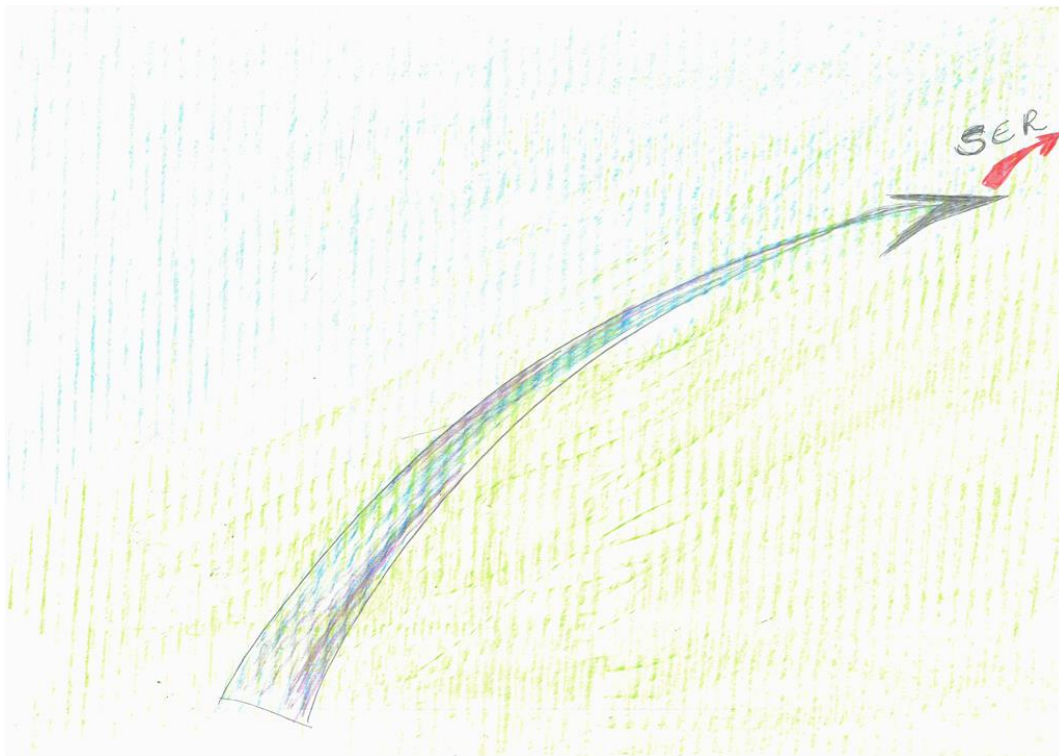
Figura 28 - Mapa mental A.



O segundo mapa mental (Figura 29), pode parecer uma representação mais abstrata, porém, não impede de ter algum sentido para o autor, como para o pesquisador. Comentou que frequenta a Redenção três vezes ao mês, com enfoque aos finais de semana, ou seja, se observarmos que todo o mês possui quatro finais de semana, este sujeito está presente em 75% deles no parque. Suas atividades estão relacionadas a trazer a “Cacau” – nome do cachorro para passear e um espaço de reflexão. Nesse momento, o colaborador salientou que é um “espaço para escutar a Redenção, pensar, sentir”, aqui podemos observar que há um sentimento apraz do sujeito com a Redenção. A imagem que está entre o verde e azul com uma seta que aponta ou eleva ao “ser”, o sujeito explicou que é um “caminho de presença, ‘ser’ de pertencimento e elevação como sujeito”. Aqui é passível de se observar uma ligação com o espaço Redenção na formação do ser – pessoa, que nos leva automaticamente a conectar com o conceito de lugar. Reflexão, ser, pensar que o espaço proporciona com o sujeito, assim transformando-se em lugar, devido ao afeto que se cria com o espaço. Em relação a pergunta final, comentou que às vezes interage com outras pessoas, e novamente a sociabilidade se apresenta no lugar.

No terceiro mapa mental (Figura 30), a escala de representação aumenta, consideravelmente, frente os até então analisados. Sendo possível observar em primeira instância o espelho d’água na centralidade da imagem, a sua esquerda o lago e a sua direita um esboço de onde ficariam os recantos. O mapa mental representado em três cores básicas como verde, azul e preto apresenta alguns animais, pessoas circulando pelo parque e pequena vegetação. Segundo o colaborador, que frequenta todo os dias a Redenção, considera um espaço de caminhada, interagir, trazer o cachorro e procurar insetos (hobby, é possível observar um pequeno inseto representado a direita do mapa mental). Comentou que interage com outras pessoas, brinca com outros cachorros e salientou que, às vezes, há conflitos com algum público do parque por causa dos cachorros, referente a eles estarem correndo e se espalhando, latidos, etc. Assim, o conflito pode gerar um arranhão nas possibilidades da sociabilidade fora do seu lugar, ou seja, sujeitos do cachorródromo versus outros sujeitos da Redenção, porém, o lugar de sociabilidade estaria protegido pelos sujeitos que ali frequentam, mantendo a possibilidade, visto que, estes não conflitam entre si.

Figura 29 - Mapa mental B.



Fonte: Sujeito colaborador (2018).

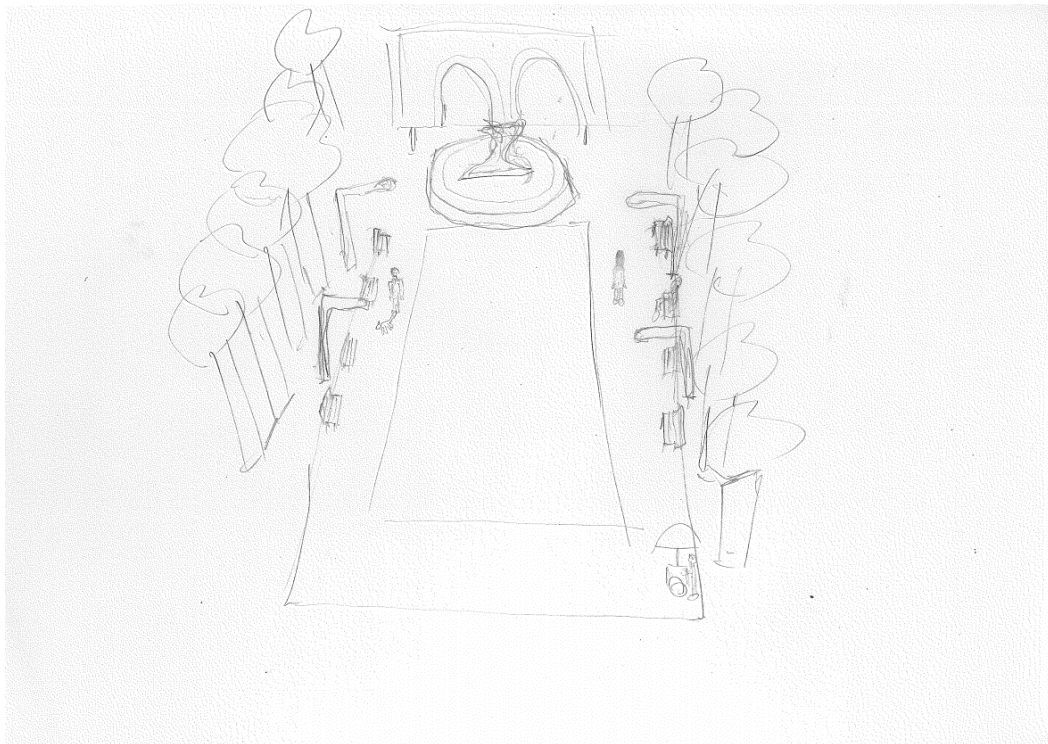
Figura 30 - Mapa mental C.



Fonte: Sujeito colaborador (2018).

O quarto mapa mental (Figura 31), é apresentado também em uma escala maior, porém, com alguns detalhamentos acentuados – como os bancos e postes de iluminação. Podemos analisar como um reflexo da própria relação do sujeito com a Redenção, este mapa mental sendo coletado no cachorródromo foge do esperado ou do comum, pois representa o parque na concepção imaginada da relação do sujeito com o mesmo. Observando os detalhes, é possível notar como eles se apresentam e podem se assemelhar com qualquer outro tipo de parque, que apresenta elementos básicos de um parque, bancos, postes, árvores, pessoas, vendedores e fonte. Veja, o sujeito frequenta a Redenção três vezes na semana segundo o seu relato, realiza corridas e traz seu cachorro para passear, quanto a pergunta de relacionar com outras pessoas, ressalta ser algo “raro”. Podemos observar que este sujeito faz um uso do parque, mas não aparenta relacionar-se com o mesmo, o elo afetivo é fraco e se reflete em seu mapa mental que traz detalhes técnicos, pontuais e objetivos.

Figura 31 - Mapa mental D.

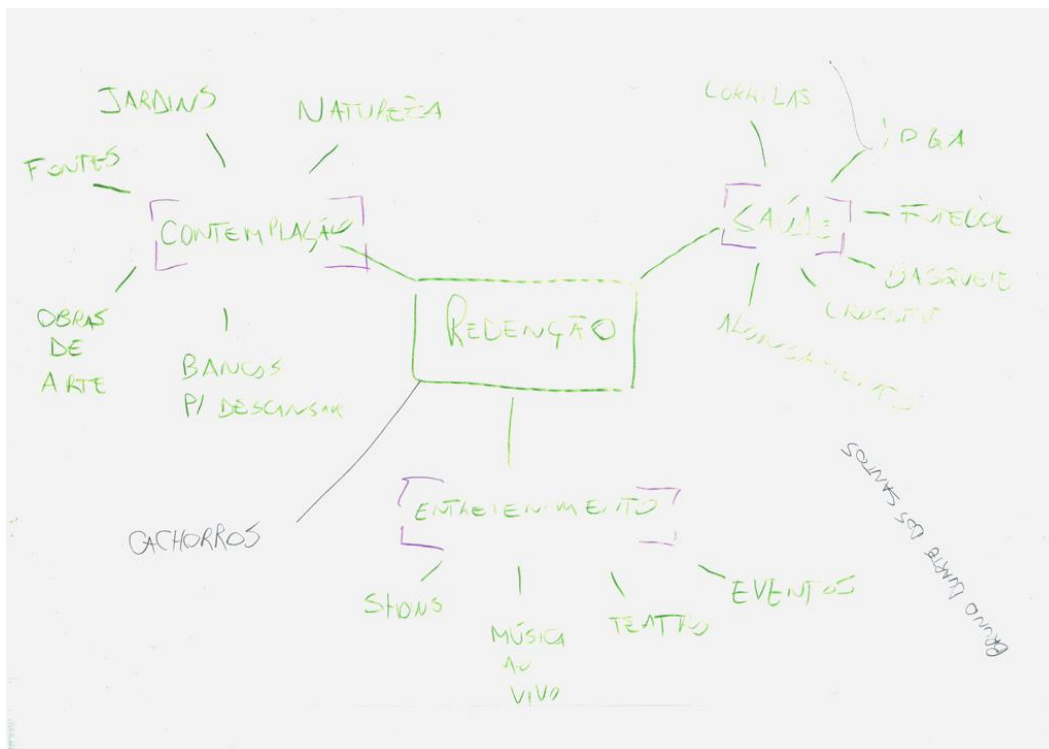


Fonte: Sujeito colaborador (2018).

A sociabilidade não estar presente aqui ou estar como “raro” é o reflexo da relação sujeito e Redenção, assim a concepção de lugar aqui, apresenta um enfraquecimento, entretanto, representar os animais no mapa mental, remete aos estilos de vida, ainda a Redenção é um lugar de possibilidades, talvez não agora, mas com o tempo este sujeito desenvolva mais vivências e experiências e assim, sua relação aumente o grau de conexão com o lugar.

O quinto mapa mental (Figura 32), foge da ideia de desenho, é uma representação conceitual, através deste é possível verificar usos, possibilidades que a Redenção proporciona segundo o colaborador. Comentou que frequenta uma vez por semana e, que interage com outras pessoas, porém salientou que durante a semana realiza corrida e os finais de semana são voltados para o cachorro.

Figura 32 - Mapa mental E.



Fonte: Sujeito colaborador (2018).

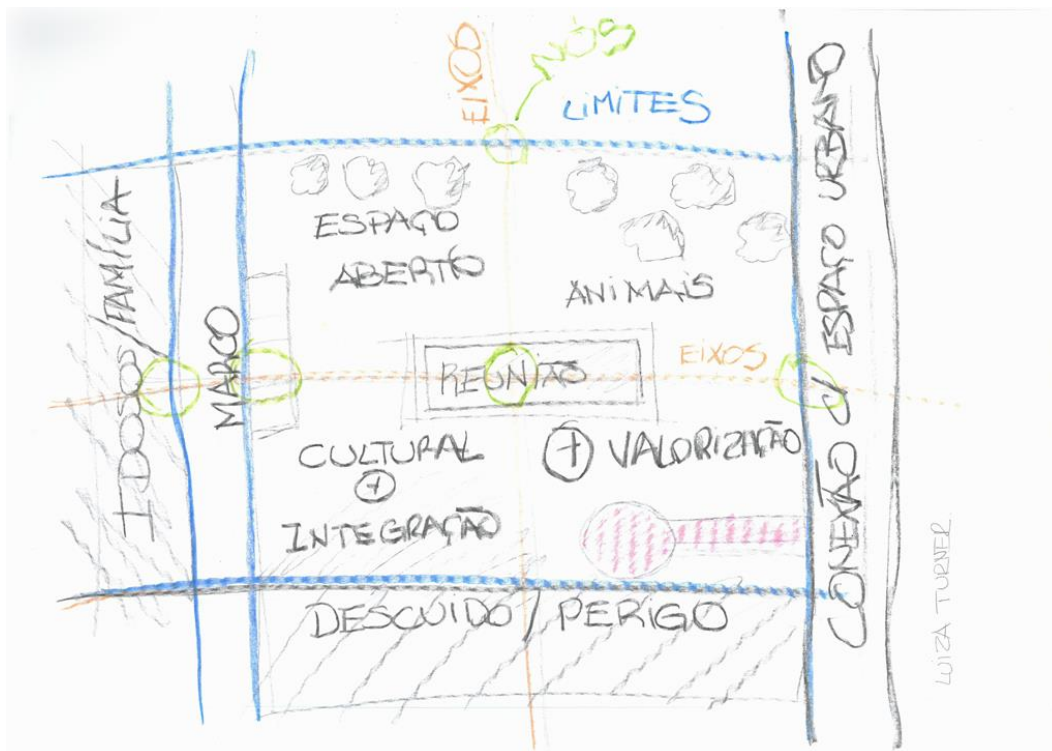
Curioso que o seu mapa conceitual quase se esqueceu do cachorro e o motivo o que levou ao parque no sábado, assim, puxando um risco para o conceito cachorro ao final do seu mapa. Aqui, o mapa se apresentou de forma mais conceitual, podendo dificultar uma interpretação se há ou não afeto com o lugar, sabemos que o sujeito frequenta o parque e faz o seu uso, o quão profundo pode

ser sua ligação é um momento tênue, mas que pode se abrigar na sociabilidade do lugar. É inegável que o sujeito não tenha experiências nesse espaço, o qual frequenta semanalmente e está aberto a interagir com outros sujeitos deste mesmo espaço.

O sexto mapa mental (Figura 33), apresentando elementos representativos em conjunto com palavras conceituais. A representação construída pelo colaborador apresenta variados espaços da Redenção, ou poderíamos dizer lugares? Demarcações como espaço aberto, animais, idosos/família, descuidado/perigoso, conexão com espaço urbano entre outros. Sua frequência é semanal, marcada por passeios aos sábados, essa assiduidade é um reflexo por morar próximo a Redenção. Suas atividades irão variar entre passar pelo Brique da Redenção e passear com o cachorro. É possível observar que o autor busca demarcar os espaços, palavras que ajudam a localizar os usos. Lugares que apresentam possibilidades como “reunião”, eventos culturais, como já visto que ocorrem, mas também lugares que espantam, como “descuidado/perigoso”, referente ao perigo que este lugar do parque possa gerar, tofóbico? Talvez. A experiência do sujeito diz que “aquele” é um lugar perigoso, sendo a vivência singular, esta marcou esse lugar.

No sétimo mapa mental (Figura 34), o colaborador, que frequenta a Redenção durante a semana e finais de semana, salientou que queria mostrar “as duas redenções”. Discutindo essa questão das “duas Redenções”, é nítido como uma delas é representada maior e usando mais espaço da folha comparada a “outra” Redenção. Novamente o perigo toma forma, aqui com uma representação de um olhar sorrateiro entre às árvores do parque, a “outra” Redenção, a do perigo. Mesmo que este mapa mental apresenta dois aspectos de um mesmo parque, e que a “outra” Redenção, a sem o perigoso, esteja presente de forma mais débil, não perde significado. Todavia, é registrado que a Redenção é um espaço para “relaxar, trazer os cachorros para passear, aliviar a tensão, ver o verde, buscando entrar em contato com a natureza”, ter um “equilíbrio” frente ao urbano segundo o colaborador que o denomina “carregado”. Estes usos fazem com que o lugar proporcione novas possibilidades, vivências e experiências. Nosso sujeito apresentou um traçado simples, que mostra o sol, o parque na sua forma simplificada, com pessoas, caminhos, árvores e animais, em contraponto ao lago, que seria o limite de uma Redenção para a “outra”.

Figura 33 - Mapa mental F.



Fonte: Sujeito colaborador (2018).

Figura 34 - Mapa mental G.

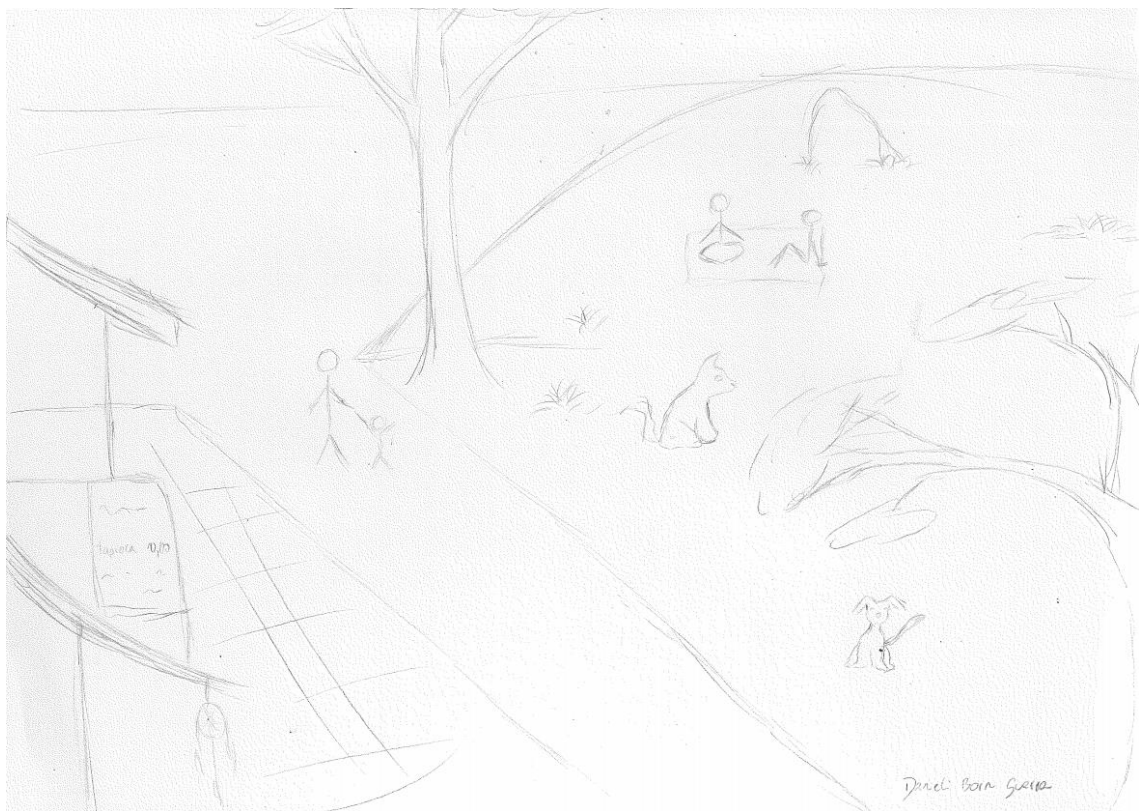


Fonte: Sujeito colaborador (2018).

Salientou que o “cachorródromo possibilita o contato”, referente a pergunta sobre interação. Ora, a Redenção como um espaço, se transforma em um lugar, este, de sociabilidade. Um lugar possibilita “relaxar” e a busca do “equilíbrio”, mas que também, pode apresentar o oposto, o da tensão, que por sua vez, não irá desconstruir a ideia de sociabilidade, visto que, a mesma não é tangível, não é definida entre ocorrer no lugar sem ou com perigo, é um acontecimento que ocorre sem a intenção.

O oitavo mapa mental (Figura 35), nosso colaborador respondeu que frequenta a Redenção “duas vezes na semana e uma vez no final de semana”. Traz os cachorros para passear e salientou que se sente mais vivo ao vir para a parque. Um traçado simples e leve que irá apresentar dois espaços do parque, um deles sendo o Brique da Redenção e o outro o cachorródromo.

Figura 35 - Mapa mental H.



Fonte: Sujeito colaborador (2018).

Novamente é possível observar usos do parque, o desenho em questão ocupando um maior espaço na folha, apresentando representações de animais em tamanho que equivalem ao das pessoas. O sujeito interage com outras pessoas e, revelou que “cachorro atra” para a interação, ou seja, podemos encarar que é um meio que pode facilitar a interação. Mas que somente seria possível acontecer esse momento devido ao lugar proporcionar esta sociabilidade. A interação acontece por um reflexo que o lugar proporciona. E é possível reforçar que as vivências e experiências desse lugar estão longe de serem negativas, pois o caráter de frequência da Redenção irá dizer o contrário. O outro espaço, não menos importante é a extensão que pode ou não ser considerado do parque, o Brique e sua gama de possibilidades.

O nono mapa mental (Figura 36), o colaborador respondeu que frequenta a Redenção, no mínimo, quatro vezes na semana. Comentou que quando precisa ir para outros lugares, usa o parque como um caminho para se evitar a rua que é muito barulhenta. Já nas primeiras representações é possível observar, que através da escrita, o sujeito já remete as possibilidades da Redenção. Mesmo que o autor saliente sobre suas atividades, como de trazer os cachorros, com frequência, para passear, ver amigos, participar da serenata iluminada, utilizar o ambiente do parque que ameniza o barulho gerado pela cidade, não quer dizer que este não possa fazer outras além das mencionadas.

As representações que se dividem em três porções, o arco que marca uma das entradas do parque, a escrita e a árvore que apresenta mais cores, um colorido, segundo o autor, devido as estações do ano, que modificam a aparência das folhas. Ressaltamos que essa observação é devido ao ipê, que apresenta uma folhagem colorida (rosa) na primavera. Também ainda é possível analisar que o sujeito realmente frequenta este lugar, visto que, observa as mudanças ao longo do ano. Sua interação com outras pessoas do parque é “mais um encontro efêmero” de “momento” e, tem como catalisador, o próprio cachorro, e que novamente só é possível de ocorrer devido ao lugar, com ou sem catalisador a sociabilidade ganha força para ser o que é, de momento, começa e termina ali, a conversação por apenas ser.

Figura 36 - Mapa mental I.



Fonte: Sujeito colaborador (2018).

O décimo mapa mental (Figura 37), o sujeito respondeu que vem todos os finais de semana e, às vezes, sábado e domingo, assim, sendo pelo menos um dia do final de semana. Suas atividades giram entorno de “passear com a Malu (cachorro)” e tomar chimarrão. Sua representação mental é carregada de cores e aparenta transbordar uma alegria, esta mesma que se traduz na resposta da pergunta sobre a interação com outras pessoas, “sempre”, foi sua resposta enquanto soltava um riso fácil. Esta interação, segundo nosso colaborador, “normalmente é só de momento”, ora, nosso lugar possibilita a interação, a sociabilidade. O desenho que apresenta duas andorinhas é referente a conhecida expressão, uma andorinha não faz verão, alusão de não estar só, mas com mais pessoas, com um céu azul e a “sensação de liberdade” que o lugar proporciona.

Figura 37 - Mapa mental J.



Fonte: Sujeito colaborador (2018).

O décimo primeiro mapa mental (Figura 38), apresenta informações interessantes sobre a relação do sujeito com a Redenção, estas mesmas, veremos que se conectam de forma pertinente com a ideia de lugar. Sua frequência ao parque é “todo os dias faça chuva, faça sol”, suas atividades estão entre caminhada, trazer a cachorra para passear, “conversar com a galera” e tomar chimarrão. Salientou que mora em Porto Alegre há seis anos, mora em um apartamento e realiza seu trabalho de casa. Sobre interagir com outras pessoas, respondeu que a “maioria das suas amizades surgiu pela Redenção” e outra parte “no prédio vizinho”. Comentou que por as pessoas estarem mais relaxadas no parque, isso as tornaria mais “sociabilizáveis”. Ressaltamos aqui, que o sujeito questiona se existe esta palavra. E como “gancho”, para a interação com outras pessoas, o cachorro faria esta ponte, novamente, essa possibilidade só é alcançada devido a existência da Redenção e seus lugares. Observando seu mapa mental, o sujeito realiza no centro da folha um círculo com os dizeres “paz de espírito”, a interpretação em conjunto com sua explicação, exprimem a ideia que a Redenção é um lugar que permite

renovar suas energias, em vista que fora dela, ou enquanto está no seu ambiente de trabalho, esta energia esvanece. Sua representação é de um ciclo, o início com “meu dia sempre começa no parque”, e que perpassa pelos seus lugares, enquanto está li, recupera suas energias, renova a “criatividade”, e longe desse lugar se perde essa energia. Aqui, não há outra palavra que não seja, conexão com o espaço, ou seja, a formação da ideia de lugar é clara, a relação sujeito e lugar. O lugar não é somente um mecanismo para energizar, mas também um meio que possibilita mais, o contato, com a natureza, com as pessoas e por conseguinte, a sociabilidade.

Figura 38 - Mapa mental K.

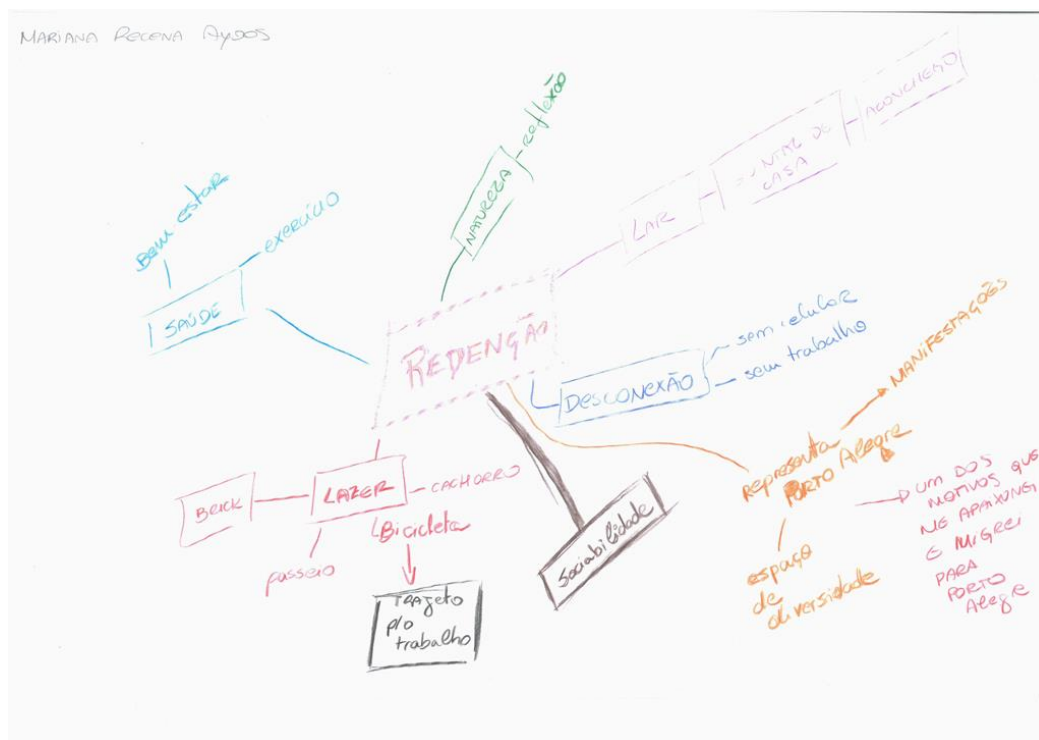


Fonte: Sujeito colaborador (2018).

Décimo segundo mapa mental (Figura 39), aqui novamente se faz presente a ideia de um mapa conceitual, suas informações não são desconsideradas por não ser especificadamente um mapa mental, a representação é livre. Para esta pessoa essa ideia foi uma escolha e que não deixa de ser mental, apenas faz uso de outros signos. Sua frequência é diária e podendo ser de duas a três vezes ao dia, essa assiduidade tem explicação, e é devido ao seu trabalho, assim, usando o parque como caminho. Observa-se, tanto em seu mapa como em suas falas, que a

Redenção é uma “extensão da sua casa”, vem passear com cachorro, faz exercícios, participa de manifestações, atividades culturais, eventos, ainda comentou por ser um espaço democrático e de diversidade. Pelas palavras conceituais que aparecem no seu mapa mental, é possível notar algumas que remetem, de forma direta, com a ideia de sentimento e apego com o espaço, como: lar, aconchego, bem-estar entre outras. Logo, interpreta-se a ligação sujeito e espaço, lugar este que possibilita interagir com outras pessoas, segundo o autor. Salientou ainda que devido a sua “grande frequência”, reconhece outras pessoas que frequentam o lugar, também de forma mais assídua. E ao final de sua fala, algo importante, realçou que mora há sete quadras do parque e que veio morar em sua proximidade devida a própria Redenção. Novamente, observamos o poder e a relação do lugar com o sujeito.

Figura 39 - Mapa mental L.

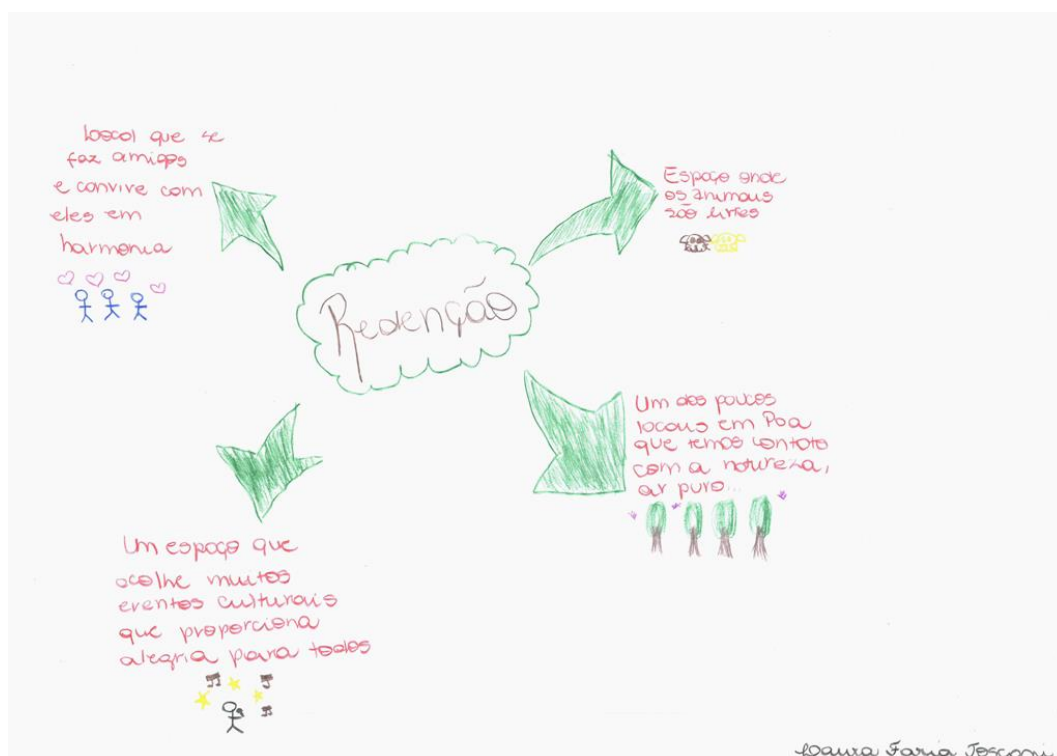


Fonte: Sujeito colaborador (2018).

Décimo terceiro mapa mental (Figura 40), o sujeito realiza uma frequência diária, e suas atividades estão atribuídas a conversar com os amigos, “oportunidade para trazer os cachorros para passear”, tomar chimarrão. Este mapa mental

representa a Redenção na sua totalidade, um lugar de possibilidades, um lugar que “onde os animais são livres”, “que se faz amizade”, que permite “contato com a natureza” e que “acolhe eventos culturais que proporciona alegria para todos”. Se na escrita já transparece as possibilidades, é nas representações que observamos as entrelinhas. Enfoque para a representação sobre “local que se faz amigos e convive com eles em harmonia”, os bonecos com corações, aqui não é apenas uma interpretação da relação afetiva de amizade, mas a relação que o lugar possibilitou, o lugar não é apenas meio, mas articulador das relações. A sociabilidade é leve, o sujeito está “bastante aberto para conversar” e “às vezes interage” com outras pessoas, não há obrigatoriedade da sociabilidade ser ritmada como algo diário, mas que possibilite e que aconteça por acontecer.

Figura 40 - Mapa mental M.

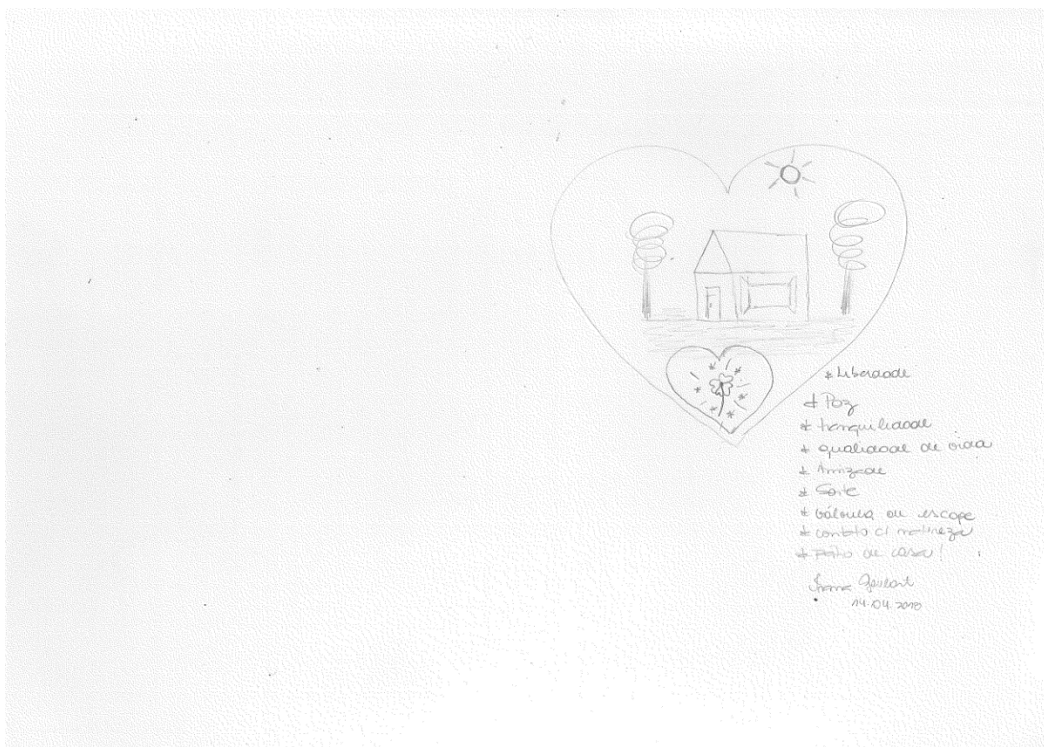


Fonte: Sujeito colaborador (2018).

Décimo quarto mapa mental (Figura 41), se mostra como uma representação mais tímida, deslocada para o canto direito da folha, mas que carrega informações valiosas sobre a Redenção. O sujeito frequenta muito o parque e ressalta que “todos os dias”. Que vem para tomar chimarrão, conversar com as pessoas, como ele

mesmo diz ter “interação social” e passear com o cachorro. Comentou que o “pessoal se conhece aqui”, formam uma “teia de contatos” e “boa parte se torna amiga”. Nesse caso, não é um processo de crítica e de relativização do conceito amigo, mas compreender que a Redenção permite atividades e usos, que ela como um todo, possui lugares que possibilitam outras atividades, isso é essencial. O cachorródromo é um lugar que permite criar a “teias de contatos”, a sociabilidade discutida nos capítulos iniciais e, acontecendo de forma natural por acontecer, permite criar essas relações e, aprofundá-las ou não. Aqui, casualmente acontece entre amigos, se tornam amigos, porém “boa parte se torna amiga” não é toda uma parte, assim, ainda há os que apenas irão desfrutar da sociabilidade e suas possibilidades. A Redenção, representada como uma casa envolvida por um coração, dessa simplicidade, a nossa principal certeza é o sentimento por este lugar, as palavras usadas apenas reforçam nossa interpretação. Palavras como tranquilidade, qualidade de vida, amizade, válvula de escape, entre outras, fortalecem a ideia de sentimento e conexão com o lugar da sua necessidade para o sujeito que ali está.

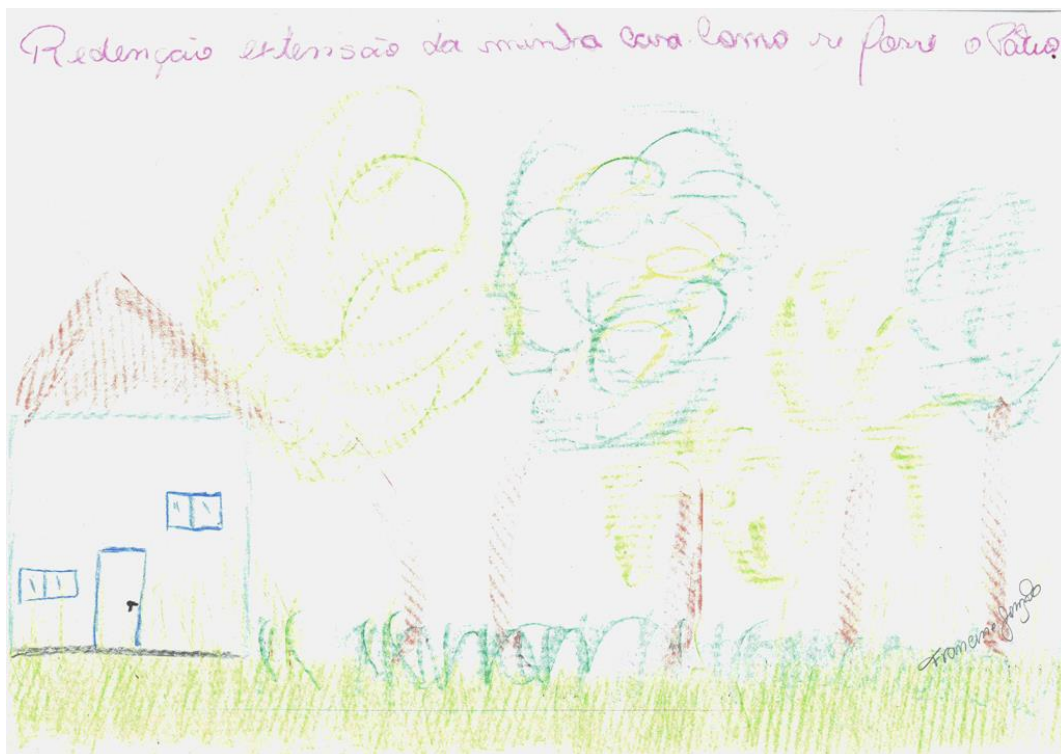
Figura 41 - Mapa mental N.



Fonte: Sujeito colaborador (2018).

Décimo quinto mapa mental (Figura 42), que irá finalizar essa série coletada no cachorródromo. O sujeito que mora próximo comentou que vem todos os dias, “sete dias na semana” e, somente falha durante o período de férias. Suas atividades estão entre se encontrar e conversar com os amigos e trazer os cachorros para passear. A respeito da interação com outras pessoas, comentou que, muitas vezes, conversou com outras pessoas do lugar, pessoas que não conhecia, algumas vezes forma amizade e “às vezes nunca mais vê”. O seu mapa representa, exatamente, a ideia que o título traz em seu topo, “Redenção extensão da minha casa. Como se fosse o Pátio”. Uma casa construída na esquerda da folha e, a sua direita, o “pátio”. Redenção, ora, interpretamos que nossa casa é o nosso lar e o lar é o “Local onde mora uma família” (Dicionário Priberam da Língua Portuguesa, 2008-2013). Família é afeto, é relações sociais, estas que transparecem nesse lugar, através da sociabilidade, e só acontecem por ser um parque ou um pátio? Veja, nosso pátio nos permite liberdade, palavra tantas vezes vista nos mapas mentais até então. Essa mesma liberdade é o se sentir bem, é o que o pátio permite, ou a Redenção? O sentimento bom, de pertença é lugar e se o lugar tem relações sociais, pode ter sociabilidade, se tem ambos, tem lugar de sociabilidade.

Figura 42 - Mapa mental O.



Fonte: Sujeito colaborador (2018).

Ao final deste primeiro segmento, faremos uma breve conclusão de aspectos analisados dos mapas mentais até o dado momento. É possível observar que o cachorro é um elemento notável nesse lugar e que seu dono, no caso, o sujeito, apresenta um estilo de vida marcante, ou seja, possuir cachorro e trazê-lo para a Redenção e, especificadamente, para o cachorródromo. Se o modo de vida viabiliza a possibilidade de contato com a natureza, rompendo o modo de vida urbano. O estilo de vida está associado a suas atividades na Redenção. Assim, estes aspectos possibilitam a sociabilidade, esta como uma consequência não planejada, o sujeito vem e traz o seu cachorro e a socialização que for acontecer por acontecer, é a sociabilidade. E mesmo que ter cachorro não seja obrigatório, este ainda é um elemento catalisador da sociabilidade, como foi visto em alguns relatos.

4.1.2 Gramado

O segundo espaço foi o gramado. O primeiro mapa mental (Figura 43) desse espaço foi desenvolvido por um colaborador que frequenta três vezes ao mês a Redenção, realizando atividades como loga, encontrar amigos, eventos a noite, serenata iluminada e etc. Seu mapa mental apresenta palavras como: paz, loga, serenata iluminada, amor e amigos, palavras que carregam pesos e possibilidades diferentes. A representação de um sol com árvores e pessoa próxima, no canto inferior direito, pontua o parque, enquanto as palavras com alguns desenhos reforçam seu próprio significado simbólico, no caso, amor e um coração. A representação da cuia para o chimarrão, simboliza um elemento que induz o encontro com os amigos. Comentou que acaba interagindo com outras pessoas e que, inclusive, fez “a melhor amiga” na Redenção, é possível observar que nesse momento o sujeito ultrapassa a própria ideia de sociabilidade que Simmel discute, o lugar não somente permitiu que a sociabilidade acontecesse como aprofundasse para ultrapassá-la.

No segundo mapa mental (Figura 44), é possível observar, ao fundo ou topo da imagem, prédios lado a lado, crescentes, que seu tamanho sequer cabe na imagem. Ao centro o espelho d’água, cercado em suas laterais pelo verde das árvores. O sujeito relatou que considera sua frequência como “bem pouca”, sendo duas vezes no mês. Suas atividades estão entre ler, passar a tarde com os amigos e tomar chimarrão. Sua interação com outras pessoas está relacionada a já conhecer

ou é muito difícil, a menos que possua cachorro. Salientou que a Redenção lhe traz “tranquilidade, alegria”, também sendo o único parque que gosta de visitar, e mesmo que a Redenção apresenta coisas “não boas”, que são representadas pelos rabiscos pretos, segundo o colaborador, o “verde se sobressai”. A Redenção é um lugar de possibilidades, de vivências e experiências, cada sujeito irá se relacionar de uma forma com este lugar. Se aqui encontramos uma fragilidade na conexão ser e espaço, é apenas devida a sua própria construção de ser. Se o mapa mental e suas falas não apresentam elementos que mostrem um apego com o lugar, não necessariamente ele não existe, talvez esteja em construção ainda ou talvez nunca aconteça. Gostar de algo, sentir algo, é relativo e é o que o torna o sujeito tão singular.

Figura 43 - Mapa mental P.



Fonte: Sujeito colaborador (2018).

Figura 44 - Mapa mental Q.



Fonte: Sujeito colaborador (2018).

O terceiro mapa mental (Figura 45), apresenta um sujeito que frequenta duas vezes na semana a Redenção, realizando atividades como, loga, atividade física, relaxar, escutar música, estudar e etc. A respeito de interagir com outras pessoas, salientou que “mais com pessoas que conhece”. Sua representação apresenta algumas árvores, sol e céu que, segundo o sujeito, quis mostrar a natureza e a possibilidade de contato com a mesma, paz e “tranquilidade em meio ao caos da cidade”. Aqui observamos que a sociabilidade não parece ter espaço, porém o estilos e modos de vida trazem esse sujeito ao parque, a retomada do contato com a natureza. Como já dito, a sociabilidade é incerta, o lugar proporciona a possibilidade, acontecer ou não, depende também do sujeito.

O quarto mapa mental (Figura 46), aqui observamos uma representação apenas com linhas e traços que, não necessariamente, formam algum símbolo conhecido como árvore, pessoas e etc. Mas, traçados que, com cores e legenda, criam significado, primeiramente observamos a redoma em verde representando a natureza da Redenção com suas árvores. Há pequenos círculos em uma cor fluorescente que representam a segunda legenda, medo, são áreas periféricas do

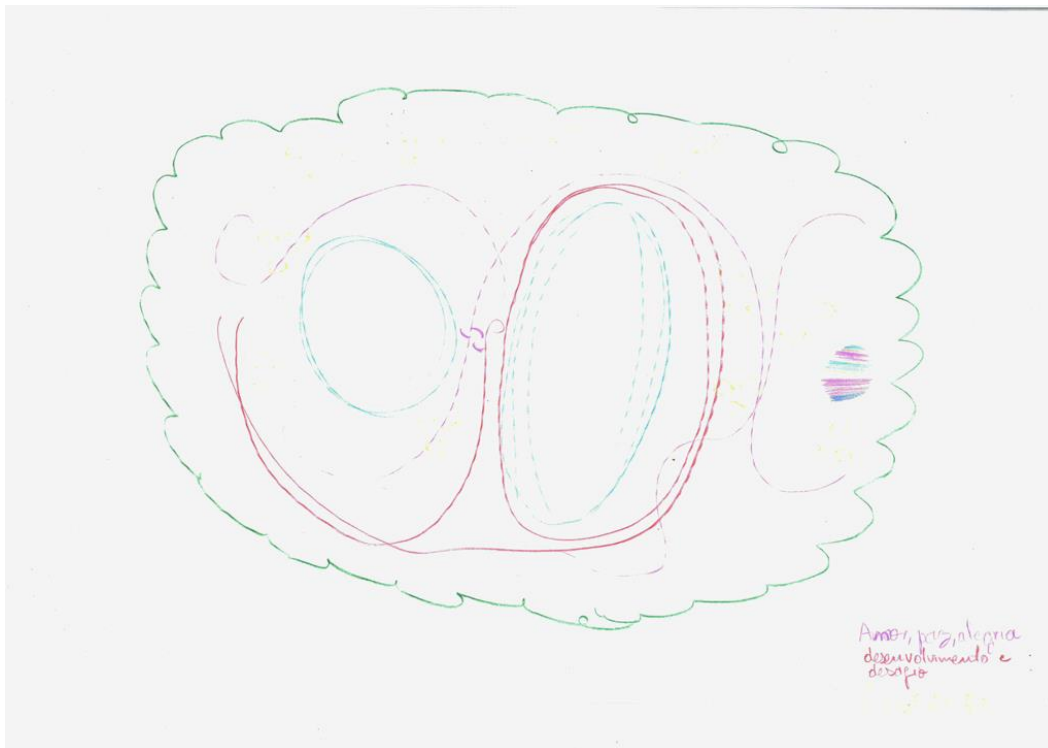
desenho e do parque. As cores de traçados em lilás e vermelho, respectivamente, em sua legenda estão como: amor, paz e alegria; desenvolvimento e desafio. O sujeito que frequenta, de duas a três vezes na semana, o parque, pratica corrida, loga e vai para a feira. Interagindo mais com conhecidos, volta para a questão de modos e estilos de vida, o contato com a natureza. Porém, observe, as palavras vistas anterior como amor, paz e alegria, estão relacionados com algum tipo de sentimento, este que somente o lugar pode proporcionar, se a sociabilidade não ocorre aqui, um sentimento advindo pelo lugar existe, e transparece nessas mesmas palavras. Para finalizar, o sujeito salientou que o parque é um encontro de emoções.

Figura 45 - Mapa mental R.



Fonte: Sujeito colaborador (2018).

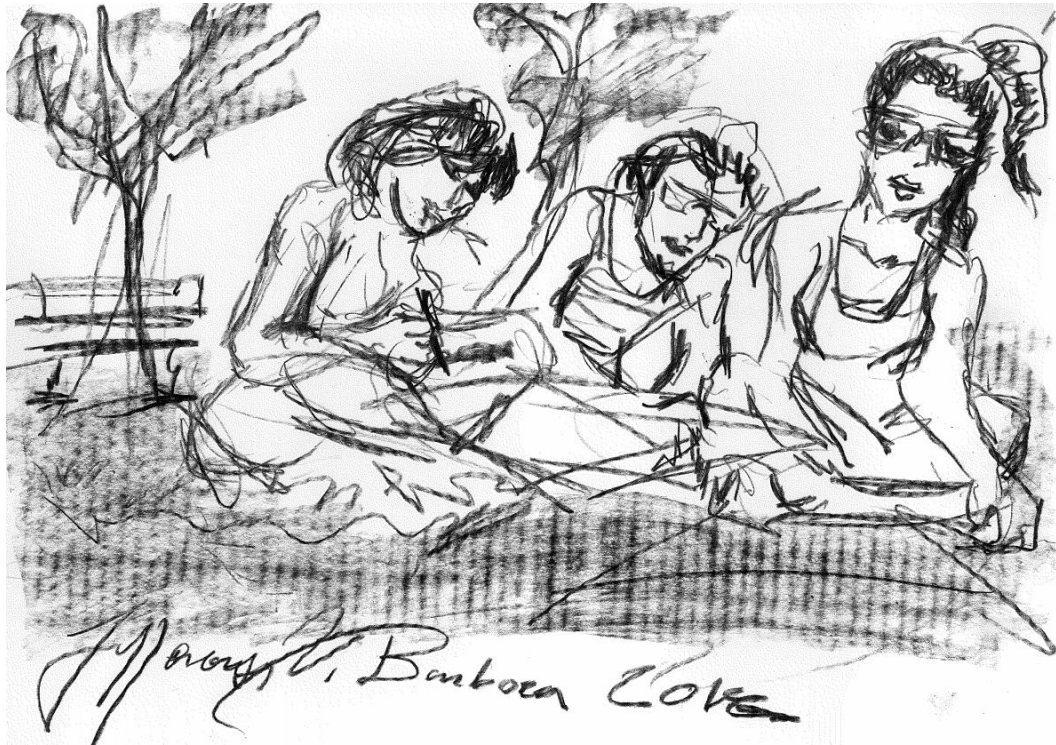
Figura 46 - Mapa mental S.



Fonte: Sujeito colaborador (2018).

O quinto mapa mental (Figura 47), o sujeito que frequenta a Redenção, segundo suas palavras “basicamente para o grupo de loga”, sua frequência está voltada com ênfase a essa atividade praticada no gramado do parque. Comentou que passeia no brique para ver antiguidades. Sua representação é um retrato do momento, sendo este, possivelmente, o mapa mais singular entre todos os presentes neste trabalho, visto que, o sujeito aparenta demonstrar dotes artísticos, focou na perspectiva de uma retrato do seu olhar do “agora”, ao invés do “como você vê a Redenção?”. Salientamos que não selecionamos mapas mentais, todos construídos foram e serão exibidos aqui neste trabalho. Interpretamos que para o sujeito a Redenção é um espaço de realizar atividades, entre elas a loga, sua interação está mais voltada para um grupo, ou seja, o lugar permite realizar uma atividade e que esta mesma irá possibilita a sociabilidade.

Figura 47 - Mapa mental T.

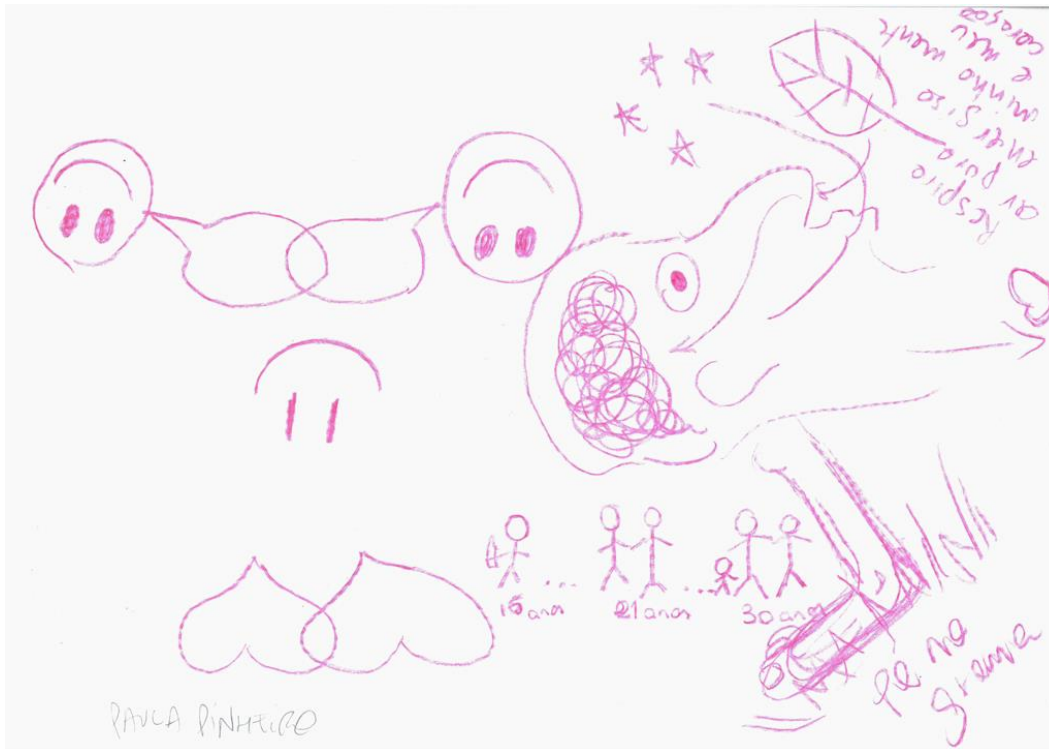


Fonte: Sujeito colaborador (2018).

O sexto mapa mental (Figura 48), o sujeito comentou que frequenta a Redenção desde muito pequeno e que, agora frequenta uma vez por semana, suas atividades são ir para feira, loga, sentar e respirar ar puro. Comentou que interage às vezes com outras pessoas, mas que é algo de “momento”. Partindo para a representação feita, é possível notar símbolos, corações, *smiles* (sorrisos), pessoas, folhas, pé na grama e até o momento de respirar o “ar puro”. Veja, essa representação traz o sujeito ao contato com a natureza, remete à ideia de estilos e modos de vida, como a própria sociabilidade. Os *smiles* que os balões interseccionam, a interação acontecendo em forma de representação, os corações que representam sentimento e apego. O boneco respirando o ar puro e o pé entrando em contato com a grama, a volta com a natureza em meio ao espaço urbano. Todavia, esse sujeito relata em sua fala e, também em seu desenho, que frequenta a Redenção desde muito cedo, no mínimo são quinze anos de vivências e experiências, é possível notar esse detalhe em sua representação, dos bonecos de quinze, até trinta anos, seus desenhos ressaltam as possibilidades que o lugar

proporciona. Um lugar que permite a volta ao contato da natureza, um lugar que permite interagir, mesmo que por “momentos”, um lugar de sociabilidade.

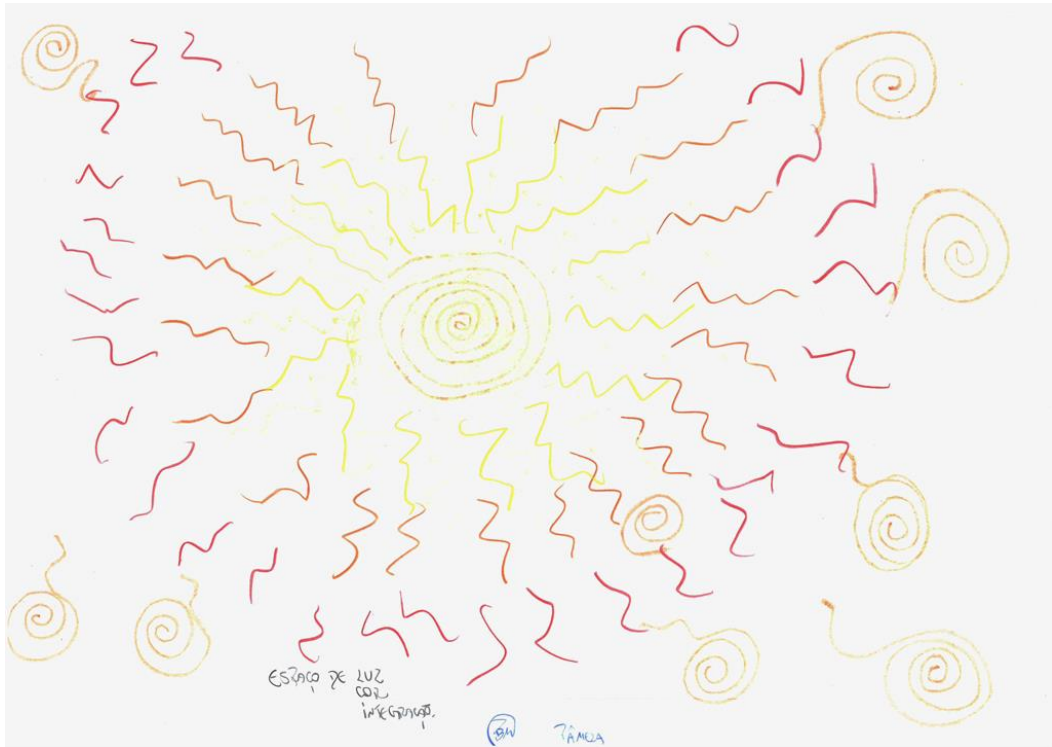
Figura 48 - Mapa mental U.



Fonte: Sujeito colaborador (2018).

O sétimo mapa mental (Figura 49), elaborado por um sujeito que frequenta duas vezes na semana a Redenção, realiza atividades como loga e tomar chimarrão. Comentou que interage com outras pessoas, realiza “trocas” segundo suas palavras, sendo interpretado como algo fugaz. Salientou que é o “único lugar com contato com coisas da natureza, algo de muita luz, terra e etc.”. Sua representação é como se fosse um grande sol, “espaço de luz”, “cor” e “integração”. Podemos interpretar que sendo um espaço de luz e integração, associado a sua fala, interliga a possibilidade de sociabilidade, ao mesmo tempo, luz e cor e a retomada ao contato com a natureza. Mas veja, que o sol representado parece ter a forma de um coração, se foi intencional ou não, seria apenas um reforço da questão sentimental com o lugar. Integrar é interagir e interagir possibilita a sociabilidade.

Figura 49 - Mapa mental V.



Fonte: Sujeito colaborador (2018).

O oitavo mapa mental (Figura 50), segundo o sujeito, frequenta a Redenção todos os dias, para realizar caminhadas e participar de projetos no geral. Comentou que interage com outras pessoas, através de projetos que acontecem no parque, acaba criando vínculo com algumas pessoas, fora isso as interações são mais “passageiras”. Nos interessa não somente se ocorre vínculo pelas relações no lugar Redenção, mas principalmente se ocorre interação sem a necessidade de uma continuidade, ou seja, a sociabilidade, a conversa por conversa, sem intenções. Aqui, acontece? Pela fala do sujeito, de forma sutil, quando dito de forma “passageira”, de momento. Sua representação de visão da Redenção reforça o contato com a natureza e suas possibilidades, muito mais do que os próprios elementos que o parque apresenta. A Redenção é um lugar de possibilidades, onde as coisas ou atividades acontecem, geram experiências e vivências que pode ou não se transformar em um sentimento de vínculo com o lugar.

Figura 50 - Mapa mental X.



Fonte: Sujeito colaborador (2018).

O nono mapa mental (Figura 51), este sujeito frequenta a Redenção todos os finais de semana e, durante a semana, pelo menos uma vez, visto que seu trabalho é nas proximidades do parque. Comentou que gosta de “sentir as árvores”, caminhar sem rumo, “olhar a feira”, participar do grupo de loga e dar “volta sem objetivo”. A respeito da interação, comentou que “hoje”, sendo a primeira vez a interagir com outras pessoas, com um tom leve de escárnio, mesmo que morando faz pouco tempo em Porto Alegre, foi um jeito de brincar, visto que no momento da pergunta, eu tornei-me o estranho a se interagir. Este sujeito salientou que se sente bem com a natureza, sua representação, em um único tom de verde, apresenta a Redenção com suas árvores e sua centralidade marcante com os caminhos até o espelho d’água. É possível observar símbolos que representam pessoas, um círculo com cone invertido, algumas em grupo, uma possível referência ao grupo de loga, mas também outros casais, com corações sobre a “cabeça” e corações que se espalham pelo parque. Simbologias como a do coração estão relacionadas há sentimentos, possivelmente sobre o próprio relacionamento. Agora espalhados pelo parque, um lugar de possibilidades, de sentimento, de relação com o lugar, de se “sentir bem

com a natureza”. Um lugar que abriga sujeitos, sujeitos sociais e, sozinhos na Redenção, em casal ou grupo, podem experienciar a sociabilidade. Um lugar que é “ponto de equilíbrio em meio a cidade de PoA”.

Figura 51 - Mapa mental W.



Fonte: Sujeito colaborador (2018).

O décimo mapa mental (Figura 52), esta representação tem uma situação mais singular, uma vez que eu já havia me afastado do gramado e tinha deslocado para a região do lago, estava sentado em um banco e ao lado em outro banco um sujeito. Após um curto tempo, este sujeito entrou em contato comigo perguntando sobre a pasta que eu carregava e o que eu realizara. Este mesmo sujeito estava no gramado quando eu realizara a construção de outros mapas mentais com outros sujeitos. Quando explanei sobre o que era, se interessou em participar da construção do mapa mental. Sua frequência é todo final de semana sábados e domingos, suas atividades são ir na feira de manhã, loga e fotografar pássaros. Sobre a interação, comentou que interage, às vezes, mas apenas de momentos, salientou que há momentos que “conhece não conhecendo” as pessoas, isso é devido ao fato de frequentar a Redenção seguidamente, acaba por ver as pessoas

repetidamente, parece conhecer mesmo não conhecendo. Em sua representação é possível observar a bicicleta, que é o meio utilizado para vir a Redenção. No canto superior direito, o caldo de cana, que costuma beber na feira. Os pássaros em seu habitat, os quais gosta de fotografar e, por fim, sua auto representação na prática da loga. Este sujeito ressaltou sobre ver a Redenção como o “quintal de casa”, se sentindo “preso em casa” e que precisa ver as árvores. Mesmo que a sociabilidade parece obscurecida nesse mapa mental, a fala do sujeito reforça a sua existência, na parte em “só de momento” referente a interação. Entretanto, o mapa mental reforça o contato com a natureza e sua necessidade, um lugar, novamente de possibilidades, de volta a natureza e de sociabilidade.

Figura 52 - Mapa mental Y.



Fonte: Sujeito colaborador (2018).

Como no segmento anterior, o gramado também apresenta aspectos que o diferenciam do cachorródromo, como da pracinha. Observamos aqui, os mapas mentais foram construídos por sujeitos praticantes de loga no gramado. Novamente, o estilo de vida aparece como uma atividade, pois a loga possibilita ser praticada na

Redenção, um parque onde a natureza se apresenta de forma intensa. Assim, os sujeitos irão se locomover de suas residências para um lugar e realizar sua atividade, rompem o modo de vida urbano para o contato com a natureza. Veja, sua atividade pode ser realizada em outros ambientes, mas é escolhido este lugar, para se realizar aos sábados. E mais uma vez, a sociabilidade pode se apresentar como um reflexo da existência deste lugar, só assim, poderiam ocorrer o regresso, a realização da loga, a sociabilidade e, por consequência, vivências e experiências para se criar vínculo com o lugar.

4.1.3 A pracinha

O terceiro lugar, a pracinha. O primeiro mapa mental (Figura 53), duas árvores e duas nuvens, com crianças representadas e adultos interagindo e se divertindo. Este mapa mental ficou sem suas respostas a respeito da pergunta. Uma vez que o colaborador, aparentava estar ocupado ou com o tempo cronometrado, assim, não se teve tempo para esse momento. Não obstante, sua representação carrega informações, pessoas em um parque se divertindo, subjuga relações sociais, assim, aberto a possibilidade da ocorrência da sociabilidade. Em seu subterrâneo, mesmo que não possamos enxergar, sabemos que existe, e que pode ou não acontecer.

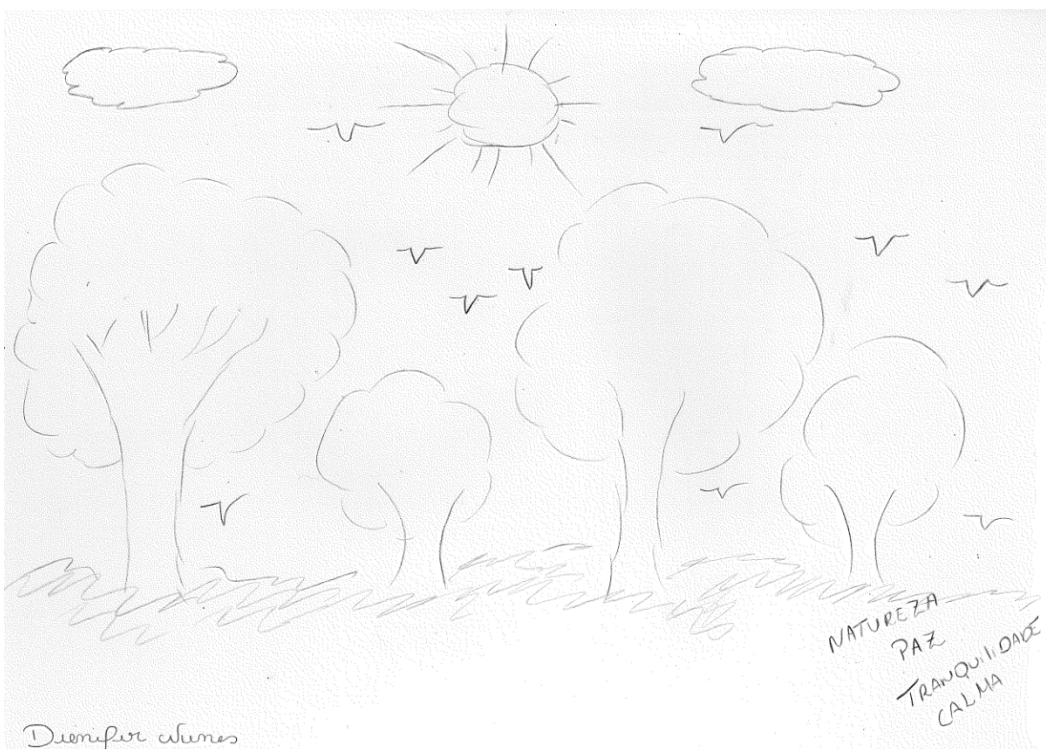
O segundo mapa mental (Figura 54), o sujeito mencionou que vem ao parque uma vez por mês, isso pela acessibilidade, no caso, este mora distante da Redenção. Suas atividades estão entre tomar chimarrão, lazer, trazer o filho para brincar. Referente a questão sobre interagir com outras pessoas, comentou que “é raro, mas acontece às vezes”. Nesse primeiro momento de análise, observamos algumas repetições sobre atividades, mas também a ocorrência ainda da interação com outras pessoas, mesmo sendo considerado “raro”. O raro interpretamos como reflexo da própria quantidade de vezes que o colaborador vem a Redenção. O seu mapa mental nos mostra árvores, nuvens, sol e pássaros, com os dizeres no canto inferior direito “natureza, paz, tranquilidade e calma”, aspectos que marcam o parque com palavras que estão relacionadas a vivência do ser humano. Se o parque proporciona algo que o sujeito busca ou, nesse caso, instiga em sentir por estar “ali”, aponta para uma relação de coexistência, uma relação sujeito e parque.

Figura 53 - Mapa mental Z.



Fonte: Sujeito colaborador (2018).

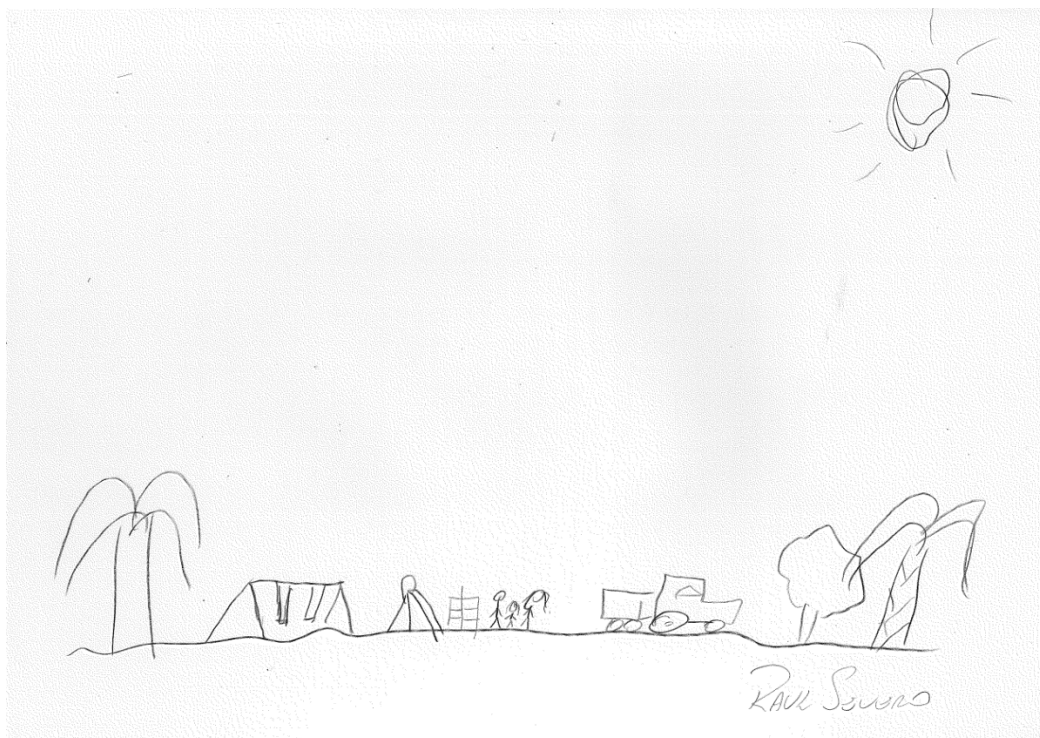
Figura 54 - Mapa mental AB.



Fonte: Sujeito colaborador (2018).

O terceiro mapa mental (Figura 55), foi construído por um sujeito, porém, aqui irei analisar no plural, visto que, suas vindas para a Redenção são em conjunto. Este casal mora na cidade de Canoas, que é uma cidade metropolitana, fazendo limite com Porto Alegre, entretanto, ressaltaram em dizer que são porto alegrenses, apenas moram em Canoas. Frequentam a Redenção de forma mensal, “uma vez ao mês nos finais de semana”, trazem sua filha para pracinha, tomam chimarrão e caminham. Dificilmente interagem com outras pessoas, segundo sua resposta, aqui é passível fazer duas observações já no terceiro mapa mental: suas vindas em menor quantidade comparado aos outros sujeitos afeta a possibilidade de interação ou o lugar não proporciona a sociabilidade. As representações estão focadas ao lugar em questão, dos brinquedos da pracinha, das árvores e do sol. Esse trabalho aparenta ter uma sensibilidade opaca comparado a outros, interpretamos como um possível reflexo do baixo contato e interação com o lugar. Assim, enfraquecendo sua conexão com o espaço e refletindo no mapa mental.

Figura 55 - Mapa mental AC.



Fonte: Sujeito colaborador (2018).

O quarto mapa mental (Figura 56), o sujeito representou parte do parque e outra parte do Brique da Redenção. Inicialmente, podemos observar o colorido das árvores, que podem remeter a outro mapa mental, que trazia as árvores coloridas devido as estações do ano. Ao seu lado, o brique, com suas bancas e transitar de pessoas. Sua frequência é de duas vezes ao mês, acontecendo aos sábados e domingos, com atividades que estão entre passear pelo brique, tomar chimarrão com amigos e almoçar por perto. Comentou que interage com outras pessoas, quando sentadas em proximidade, assim podemos interpretar comparado os outros mapas mentais coletados nesse lugar, que um pequeno aumento gradativo da frequência já se reflete na possibilidade de interação, ou a própria sociabilidade. O mapa mental, com a representação de duas pessoas tomando chimarrão, infere um significado das atividades que o parque proporciona, atividades que podem ou não possibilitar sociabilidade, atividades que geram experiências na Redenção e, também, podem ou não gerar vínculo com o lugar.

Figura 56 - Mapa mental AD.



Fonte: Sujeito colaborador (2018).

O quinto mapa mental (Figura 57), sua representação colorida e carregada de desenhos, não seguem uma ordem espacial. Segundo o autor, ele quis representar partes e situações que o marcaram e fazem com que se relacione com a Redenção. Nesse caso, é possível observar prédios, árvores, espelho d'água, praçinha, pessoas passeando, a roda gigante e etc. Em conjunto com aspectos que pontuam mais, como chimarrão e a mesinha com a garrafa de vinho. Aqui podemos analisar, novamente, usos e possibilidades, ressalta-se a parte da mesinha com a garrafa de vinho, que aparenta estar fora do contexto da Redenção, mas é devido aos barzinhos da redondeza, é necessário lembrar que a Redenção é um parque que imerge no meio da cidade, os próprios prédios do mapa mental reforçam essa ideia. O sujeito diz não frequentar muito o parque, vem uma vez ao mês, podendo oscilar, já que sua declaração vinha em conseguinte “não muito”, suas atividades giram em torno de vir para tomar chimarrão, passear, almoçar nas redondezas, ir para feira e brique. Em relação às interações, sua resposta girou em torno de algo de conversas efêmeras e fugazes, apenas de momento.

Figura 57 - Mapa mental AE.

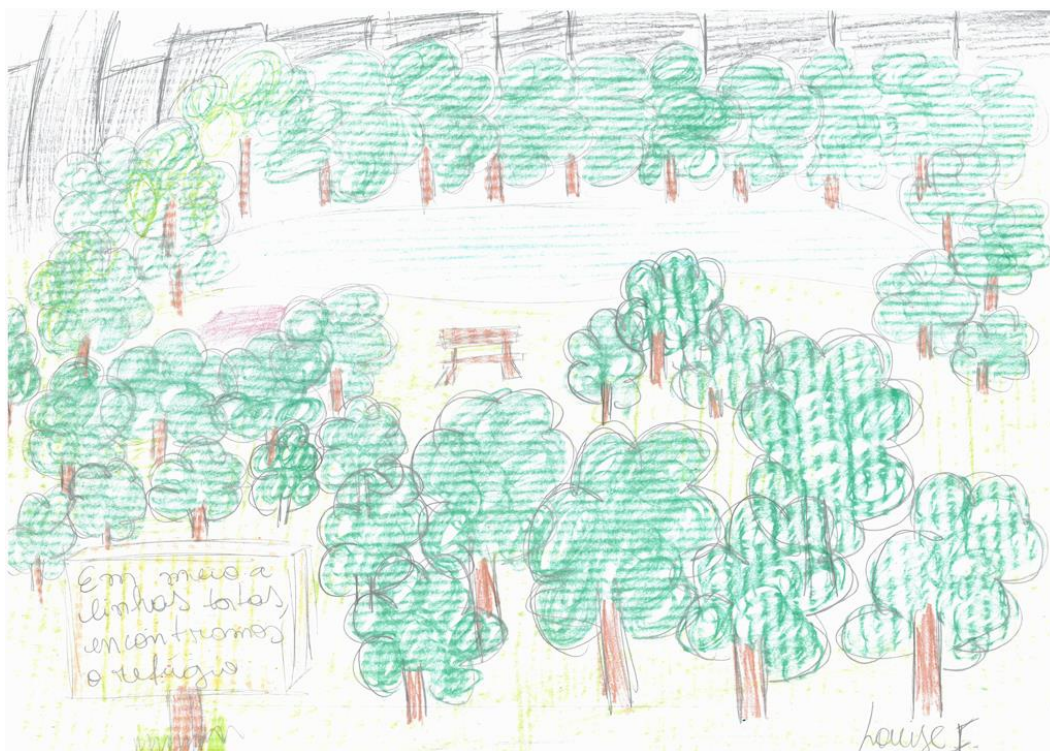


Fonte: Sujeito colaborador (2018).

A sua frequência não assídua, nos leva a fazer uma reflexão sobre sua conexão com o parque, visto que, mesmo que sejam esporádicas as suas idas à Redenção, não significa que não possa criar experiências, vivências e, muito menos, possibilidades de sociabilidade. O seu mapa mental, pontua bastante os usos, interpretamos que é uma visão mais metódica, que não descarta a experiência do sujeito, mas reflete uma falta de apego, se comparado a outros mapas mentais e falas observadas até então do lugar Redenção.

O sexto mapa mental (Figura 58), apresenta uma situação curiosa, o colaborador comentou que sua frequência é mais marcada pelo período do outono e inverno, sendo o verão marcado uma vez ao mês. Suas atividades são de passear com o cachorro, sentar na grama e encontrar amigos. Em relação a sua interação, comentou que é mais de momento, ou seja, indícios que podem nos levar a ideia da sociabilidade. Seu mapa mental traz muitas árvores com a centralidade de um lago e um banco. Ao topo da imagem, é possível observar a urbanização que está presente, sendo contraste do lugar que emana o verde.

Figura 58 - Mapa mental AF.



Fonte: Sujeito colaborador (2018).

Uma placa no canto inferior esquerdo com os dizeres “Em meio a linhas tortas, encontramos o refúgio”, veja, entre o barulho e o caos de uma capital, encontramos a Redenção, quem procura o refúgio é o sujeito, entre ele e o parque, encontramos o Lugar.

O sétimo mapa mental (Figura 59), o sujeito tem uma frequência esporádica, comentou que é “trimestral” suas vindas à Redenção. Suas atividades são, marcar encontro com outro familiar na Redenção e trazer o filho para “oferecer um lazer de movimento”. O mapa mental apresenta a Redenção centralizada e envolvida pelas ruas congestionadas. É possível nessa representação sentir a pressão urbana sob o parque, este que é composto por árvores e pessoas que foram representadas com nariz de palhaço. Esse colaborador realizou uma crítica em relação as pessoas que fazem uso do parque, sua crítica é referente a “vem usar o verde, mas não cultiva o verde”, e reforçou o uso da palavra “hipocrisia”. Também criticou que “se perdeu a ideia de piqueniques”, assim, dando espaços para os restaurantes das proximidades. Podemos observar que a frequência desse sujeito ao parque se destoa com outros até então analisados.

Figura 59 - Mapa mental AG.



Fonte: Sujeito colaborador (2018).

Há uma crítica em sua representação, interpretamos que esse posicionamento é em defesa da Redenção, mesmo que sua vinda não se equipara a dos outros analisados, o sujeito não deixa de viver esse lugar. Comentou que não interage com outras pessoas, se já foi possível notar que as interações podem ser raras para sujeitos que frequentam mensalmente, para alguém que irá vir de forma trimestral, amplifica. Complementa-se novamente, se ocorre essa crítica, é porque existe uma relação do sujeito com o parque, porque ele se importa com a natureza e a Redenção, logo, existe um elo entre sujeito e lugar.

Por fim, o terceiro segmento, a pracinha, o qual apresenta representações no geral da Redenção e sua ampla natureza, muitas vezes como um lugar de possibilidades de realizar variadas atividades ou poderíamos avaliar como um lugar para estilos de vida diversos? Outras vezes como um refúgio. É possível pontuar que modo de vida parece estar mais acentuado nesse lugar, veja, como os mapas mentais relatam os contrapontos de cidade urbana versus a natureza ou como as representações mostram-se, prédios e carros versus árvores. Podemos observar que os aspectos de conexão estão diretamente ligados à própria ideia da Redenção como parque, uma área que possibilita realizar atividades estando em contato com a natureza. Assim, gerando vivências e experiências que podem ou não possibilitar ao sujeito criar vínculo com o lugar.

5. CONCLUSÃO

Pela observação dos aspectos analisados, referentes aos mapas mentais, iniciaremos o processo de discussão sobre os resultados obtidos. Salienta-se que a proposta desta dissertação tem como objetivo geral entender as relações dos sujeitos com a Redenção. Assim, reforçando a ideia do desenvolvimento do conceito de lugar e, para isso, utilizando os mapas mentais como ferramenta de análise. Os objetivos específicos consistiram em entender as relações sujeito e lugar; reforçar a importância da Redenção para os próprios sujeitos; evidenciar também a importância desse contato com a natureza explorando o conceito topofílico; quais estilos de vida que estão presentes na Redenção e observar as formas de sociabilidade, que se desenvolvem no parque e quais as relações delas com este espaço.

Há também de salientar que este trabalho não somente buscou responder seus objetivos como também contribuir para novos caminhos de pensar a Geografia e suas inúmeras possibilidades de pesquisa. Utilizando de outras ciências para reforçar e ampliar suas possibilidades de pesquisa, como a Sociologia de Simmel, para a construção do conceito de Lugar de Sociabilidade.

Compreendemos que o modo e estilos de vida despertam um desejo de retorno ou contato com a natureza, assim, provocando a saída dos sujeitos de seus lares, em meio a uma capital que transpira urbanização. Essa situação foi observada em muitas falas e mapas mentais que aparecem nos resultados. Enquanto sujeitos que vivenciam e experienciam a cidade, cotidianamente, suas possibilidades, serviços, entre outras oportunidades urbanas, apresenta um déficit nesse modo de vida em relação a natureza, como observamos nas discussões que levam as pessoas à Redenção.

Assim, avaliando de modo geral, todos os mapas de alguma forma mostram a importância da Redenção para o sujeito, vide possibilidade de contato com a natureza, respirar ar puro, contato com vento, lugar de tranquilidade, relaxar, descansar, passar o tempo, realizar atividades ligadas à saúde do corpo e da mente, passear com o animal de estimação, com os amigos, familiares, pares de relacionamento e etc. Não somente estas citadas, mas como outras relações foram vistas nos mapas mentais, entre atividades, usos e relação com a própria Redenção.

Uma vez que observamos de início a importância da Redenção para os sujeitos, através dos mapas mentais em seus lugares de sociabilidades, conseguimos interpretar e entender que as relações dos sujeitos com o parque discorrem de forma subjetiva, ou seja, cada lugar de sociabilidade apresenta possibilidades, que somente o sujeito é capaz de vivenciar e experienciar.

Os estilos de vida que os sujeitos apresentam são variados. Observe que o estilo de vida está relacionado ao uso e atividade que o sujeito dá para a Redenção. Verificamos que há pessoas que apresentam uma assiduidade de vir para o parque diariamente, outras semanalmente e até algumas de forma mensal. Assim, em alguns casos podendo apresentar maior ou menor grau de afeição pelo lugar, visto que, o maior tempo de frequência oportuniza uma maior possibilidade de vivências e experiências.

Analisando os três lugares de sociabilidade identificados em nossa pesquisa, observamos as relações dos sujeitos variam de lugar para lugar, mas que a sociabilidade se apresenta em todos três e, novamente, podendo ser em maior ou menor grau.

O primeiro lugar, o cachorródromo, mostrou-se que o estilo de vida está associado diretamente com este lugar, ser um sujeito que vive em uma cidade e é tutor de um animal de estimação, e nesse caso, o cachorro. Aqui, salienta-se que o cachorro se torna não somente um elemento que marca o estilo de vida do sujeito, mas como um elemento que possibilita a sociabilidade. Isso é, a interação entre sujeitos, a sociação sem a intenção ou planejamento da conversa, esta, acontece por acontecer, pelo prazer da conversa, como foi verificado nos relatos dos mapas mentais. Observamos também que, através dos mapas mentais, os sujeitos apresentam um desenvolvimento elevado de afeição em relação a este lugar, todavia, suas vivências e experiências são em maior quantidade, logo, o tempo e frequência satisfaz a ideia do conceito de lugar e topofilia. Também foi possível verificar que em alguns mapas mentais mais pontuais surgiram alguns elementos que indicariam a ideia de topofobia, ou seja, um medo do lugar, em que os sujeitos representam ou com palavras como “perigo”; “abandono” e “as duas Redenções”, estes não são elementos que contradizem a sociabilidade, visto que ela acontece por acontecer, podendo ser ou não um lugar topofílico ou topofóbico.

O segundo lugar, o gramado, segue uma perspectiva diferente do cachorródromo e da pracinha, que será comentada posteriormente. Aqui os sujeitos

praticantes de loga e que colaboraram com a construção dos mapas mentais apresentam um estilo de vida diferente. Observe, que sua prática na Redenção já está associada ao estilo de vida e, o modo de vida levou os sujeitos a realizarem sua atividade no parque e não em uma academia ou sala de meditação. Neste lugar, a relação sujeito e Redenção se apresenta com uma leve sutileza comparada ao lugar cachorródromo. Porém, sutileza não significa que há a relação, todavia, os mapas mentais mostraram que os sujeitos ali desenvolvem sim, uma relação de afeição com a Redenção. Observamos que os mapas mentais, através de suas representações como: corações e dizeres de “paz”, “amor”, “tranquilidade”, entre outros, vistos nos resultados, remetem há uma afeição à Redenção e, respectivamente, com a concepção de lugar. Se a sociabilidade se apresenta em um menor grau, novamente, não significa sua inexistência, visto que, os relatos dos sujeitos em maioria diriam o contrário, que já interagiu com outras pessoas por interagir, apenas a sociabilidade acontecendo. Salientamos que esta relação do sujeito com o lugar e a sociabilidade é um resultado subjetivo. Há sujeitos que irão criar um laço com a Redenção, como observamos nos mapas mentais, e outros não, há sujeitos que vivenciam a sociabilidade e, outros também não. Todavia, a Redenção é um lugar de possibilidades que podem levar à sociabilidade.

No terceiro lugar, a pracinha, observamos como o modo de vida está mais acentuado nesse lugar. Os mapas mentais apresentam os contrapontos de cidade urbana versus a natureza ou, como as representações mostraram, prédios e carros versus árvores. Os mapas mentais desse lugar apresentam um grau de clareza maior em relação ao que levaria os sujeitos a saírem de seus lares para ir à Redenção, em relação ao modo de vida. Ao mesmo tempo que apresenta as possibilidades da Redenção, de usos e atividades a variados estilos de vida. Aqui observamos como este lugar se apresenta como um lugar positivo na vivência dos sujeitos, apresentam estilos de vidas que buscam esse contraponto à cidade urbana. Entretanto, a sociabilidade parece estar em um menor grau, obscurecida pelos estilos de vida que este lugar abriga. Não é uma falta, visto que, os relatos constam que há uma sutil sociabilidade entre alguns mapas mentais, a pergunta referente a interação, respostas como “raro” ou de “momento”, trazem indícios que ela ocorre em um menor grau, mas não é inexistente.

Analisando os mapas mentais em conjunto com as fotografias, observamos que a Redenção é um lugar de possibilidades associadas aos estilos de vidas

variados que ela abriga. Também observamos que o parque se apresenta como um ponto de regresso para o contato com a natureza e o meio ambiente, assim, podendo dissociar, mesmo que de momento, do modo de vida urbano.

Salientamos que este trabalho buscou, não somente na Geografia, mas também, em outras ciências, como a sociologia, para construir seus conceitos e delineadores no decorrer dessa pesquisa. Foi possível observar como a Geografia, por ser uma vasta ciência, tem a capacidade de incorporar novos meios de pensar a sua própria ciência, sem deixar de ser Geografia.

Foi pensando no conceito de lugar desenvolvido por Yi-Fu Tuan (1980/1983), utilizado e repensado a partir de uma perspectiva Simmeliana, no caso, da sociabilidade. Foi construído o conceito de lugar de sociabilidade, a partir de outros dois conceitos já existentes, lugar e sociabilidade. Assim, para verificar como o lugar de sociabilidade pode ser um catalisador para vivências e experiências, que possibilitariam a criação de laços e apego pelo espaço, e assim, concebendo a ideia de lugar.

Sobretudo, através do modo de vida, conseguimos compreender o que leva os sujeitos a frequentarem a Redenção, deixando seu modo de vida urbano para ter a possibilidade do contato com a natureza e meio ambiente, um regresso. O estilo de vida, associado ao que realizam na Redenção, a mesma que possibilita abrigar inúmeras atividades e usos, logo, um elevado grau de diversidade de estilos de vida. Os mapas mentais, como ferramenta de análise, entram como um meio pelo qual os sujeitos representam sua visão da Redenção, assim, sendo uma ferramenta de auxílio para identificar modos e estilos de vida, sociabilidade e a relação do sujeito com o lugar.

Ao final deste trabalho, foi possível observar, através dos mapas mentais, que a possibilidade de criar laço com o lugar é uma relação subjetiva do sujeito com o espaço. Abrindo margens para duas possibilidades, pode ou não ocorrer. Como verificamos, na grande maioria, pontuando pequenas singularidades, os sujeitos criam uma relação com a Redenção e seus lugares. A Redenção que possibilita a quebra da rotina de um modo de vida, que abriga estilos de vida diversificados e oferece a sociabilidade, esta pode se apresentar como um reflexo da existência deste lugar, só assim, poderiam ocorrer o regresso, a realização de atividades e usos, a sociabilidade e, por consequência, vivências e experiências, para assim, se criar vínculo com o lugar.

REFERÊNCIAS

- ALVES, B. de F.; ALVES, D de F. **Geografia Cultural**: da sua gênese ao contexto das contribuições atuais. In: 4 Semana do Servidor e 5 Semana Acadêmica. Universidade Federal de Uberlândia: Uberlândia, 2008.
- BRAGA, G. B.; FIÚZA, A. L. C.; REMOALDO, P. C. A. O conceito de modo de vida: entre traduções, definições e discussões. **Sociologias**, Porto Alegre, ano 19, no 45, mai/ago 2017, p. 370-396.
- CARLOS, A. F. A. O lugar no/do mundo. São Paulo: FFLCH, 2007, 85p.
- CERQUEIRA, Y. M. S. F. **Espaço público e sociabilidade urbana**: Apropriações e significados dos espaços públicos na cidade contemporânea. 2013. 122 f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal/RN, 2013.
- CLAVAL, P. C. C. Geografia Cultural: um balanço. **Geografia**, Londrina, v. 20, n. 3, p. 005-024, set./dez/ 2011. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/geografia>. Acesso em: 20 set. 2014.
- CORREA, R. L. Resenha. **Espaço e cultura**, URJ, RJ, n. 11 e 12 p. 95-96, jan/dez 2001. Resenha de: MITCHELL, D. Cultural Geography – A critical introduction, Oxford: Blackwell 2000.
- COSTA, B. P., Geografia e cotidiano: reflexões sobre teoria e prática de pesquisa in: HEIDRICH, A. L.; PIRES, C. L. Z. (Orgs.) **Abordagens e práticas da pesquisa qualitativa em geografia e saberes sobre espaço e cultura**. Porto Alegre: Editora Letra1, 2016. 334 p.
- COSTA, B. P., HERRMANN, G., MACIEL, J. L. Geografia, Lugar e Percepção: O caso do Parque Farroupilha em Porto Alegre - RS. **Anais... VI COLOQUIO NEER**, 2016. Fortaleza: UFC. 2016.
- ECKERT, C.; ROCHA, A. L. C. Escrituras Hipermediáticas a as Metamorfoses da Escrita Etnográfica no Banco de Imagens e Efeitos Visuais. Buenos Aires, Argentina: **Grupo de Trabajo CLACSO**. Imagen e Investigación Social En A.Latina Laboratorio de Producción Audiovisual Facultad de Filosofía Y Letras – UBA, [19 al 21 de abril, 2004]. p. 1-27
- FALKEMBACH, E. M.F. Diário de Campo: um instrumento de reflexão. **Contexto e Educação**. Universidade de Ijuí. ano 2. nº 7, julho /set 1987.p. 19-24.
- FRÚGOLI JÚNIOR, H. **Sociabilidade Urbana**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.
- GONÇALVES, L. F. **O estudo do lugar sob o enfoque da geografia humanista: um lugar chamado Avenida Paulista**. 2010. 267 f.. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade de São Paulo (USP). São Paulo, 2010.
- HELLER, A. **Sociologia de la vida cotidiana**. Barcelona: Península, 1991.

HOLZER, W. O Método Fenomenológico: humanismo e a construção de uma nova Geografia. In: ROSENDAHL, Z.; CORRÊA, R. L. (Org.) **Temas e Caminhos da Geografia Cultural**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2010b. p. 37-71.

HOLZER, W. A Geografia Humanista: uma revisão. **Espaço e Cultura**, Rio de Janeiro, UERJ/NEPEC, n. 3, p. 8-19, 1996.

HOLZER, W. O lugar na geografia humanista. **Revista Território**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 7, p. 67-78, jul.-dez., 1999.

HOLZER, W. A Geografia Humanista: uma revisão. **Espaço e Cultura**, Rio de Janeiro, UERJ, edição comemorativa, p. 137-147, 1993-2008.

KOURY, G. P. Estilos de vida e individualidade. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 16, n. 33, p. 41-53, jan./jun. 2010.

KOZEL, S. Mapas mentais - uma forma de linguagem: perspectivas metodológicas. In: KOZEL, S. [et al] (Orgs.). **Da percepção e cognição a representação: reconstruções teóricas da Geografia Cultural e Humanista**. São Paulo: Terceira Margem; Curitiba: NEER, 2007.

LEITE, A. F. **O Lugar: Duas Acepções Geográficas**. Anuário do Instituto de Geociências – UFRJ. Volume 21, 1998.

MACIEL, L. J. (Org.). **Trilhando os Parques de Porto Alegre – Educação Ambiental: Interpretar e sensibilizar para transformar**. Porto Alegre: Secretaria Municipal do Meio Ambiente, 2014.

MARANDOLA JÚNIOR, E. Fenomenologia e pós-fenomenologia: alternâncias e projeções do fazer geográfico humanista na geografia contemporânea. **Geograficidade**, v.3, n.2, Inverno 2013

MARANDOLA JÚNIOR, E. A geografia do porvir: A fenomenologia como abertura para o fazer geográfico In: SPOSITO, E. S. et al. (Orgs.) **A diversidade da geografia brasileira: escalas e dimensões da análise e da ação**. 1 ed. Rio de Janeiro: Consequência Editora, 2016.

STIGGER, M. P.; MELATI, F.; MAZO, J. Z. Parque Farroupilha: Memórias da Constituição de um Espaço de Lazer em Porto Alegre, Rio Grande Do Sul – Brasil. **Revista da Educação Física/UEM**. Maringá, v. 21, n. 1, p. 127-138, 1 trim., 2010.

MARTINS, J. M. B.; SILVA, G. H. de A. A história oral como conhecimento aplicado na pesquisa em geografia cultural. **Anais...** Colóquio Nacional do Neer, 02, 2007, Salvador: UFBA, 2007. Disponível em: < http://www.neer.com.br/anais/NEER-2/Trabalhos_NEER/Ordemalfabetica/Microsoft%20Word%20-%20GustavoHenriqueAbreuSilva.ED3IV.pdf>. Acesso em: 21 set. 2014.

MASSEY, D. **Pelo espaço: uma nova política da espacialidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009.

MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção**. Tradução: Carlos Alberto Ribeiro de Moura. 3 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

MELO, A. de S. A entrada da Geografia Humanista na ciência Geográfica. 2009. **Anais...** II Encontro Nacional de História do Pensamento Geográfico (II ENHPG). Disponível em: <<http://enhpgee.wordpress.com/trabalhos/>> Acesso em: 17 out. 2014.

MÜLLER, D. “**Feliz a população que tantas diversões e comodidades goza**”: Espaços de Sociabilidade em Pelotas (1840 – 1870). 2010. 399f.. Tese (Doutorado em História) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS). São Leopoldo – RS, 2010.

NETO, G. A. R. M. A Psicologia Social nos Tempos de S. Freud. Psicologia: **Teoria e Pesquisa**. v. 16, n. 2, pp. 145-152, maio-ago/2000.

NOGUEIRA, R. B. A. **Percepção e Representação Gráfica**: A “Geograficidade” nos Mapas Mentais dos Comandantes de Embarcações no Amazonas. Manaus: Editora da Universidade Federal do Amazonas, 2014.

PEDROSO, L. F. **O espaço cotidiano dos agregados sociais da praça da Alfândega em Porto Alegre-RS**. 2007. 137 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Porto Alegre, 2007.

PEREIRA, L. A. G.; CORREIA, I. S.; OLIVEIRA, A. P. Geografia Fenomenológica: Espaço e Percepção. **Revista Caminhos de Geografia**. Uberlândia. v. 11, n. 35, pp. 173-178, set/2010.

QUINVY, R.; CAMPENHOUDT, L. V. **Manual de investigação em ciências sociais**. Lisboa: Gradiva, 1992.

RIBEIRO, P. J. M. **Êxodo Urbano, Gentrificação Rural e o Futuro Da Paisagem**. 2013. 130 f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura Paisagista) Instituto Superior de Agronomia, Universidade Técnica de Lisboa (UTL). Lisboa, 2013.

ROCHA, A. L. C.; ECKERT, C. **Etnografia**: Saberes E Práticas. Ciências Humanas: pesquisa e método. Porto Alegre: Editora da Universidade, 2008.

ROCHA, S. A. Geografia Humanista: História, conceitos e uso da paisagem percebida como perspectiva de estudo. **RA’EGA**. Curitiba. Editora UFPR, n. 13, p, 19-27, 2007.

SAUER, C. Geografia Cultural. **Espaço e Cultura**, Rio de Janeiro, n.3, p.01-07, 1997.

SIMMEL, G. **Questões fundamentais da sociologia**: indivíduo e sociedade. Rio de Janeiro: Zahar, 2006. (Ed. Original 1917).

SIMMEL, G. **Sociabilidade** – um exemplo de sociologia pura ou formal. In: MORAES FILHO, E. de (Org.) Georg Simmel. (Tradução de Dinah de Abreu Azevedo). São Paulo: Ática, 1983. (Coleção Grandes Cientistas Sociais, nº 34).

SZEREMETA, B.; ZANNIN, P. A Importância dos Parques Urbanos e Áreas Verdes na Promoção da Qualidade de Vida em Cidades. **Raega** - O Espaço Geográfico em Análise. v.29, n. 02, 2013.

TOLSTÓI, L. **Manhã de um senhor**. América do Sul: Minha, 1988.

TRIVINUS, A. N. S. **Introdução a pesquisa em Ciências Sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.

TUAN, Y. FU. **Topofilia**: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. São Paulo/Rio de Janeiro: Difel, 1980.

TUAN, Y. FU. **Espaço e lugar**. São Paulo: Difel, 1983